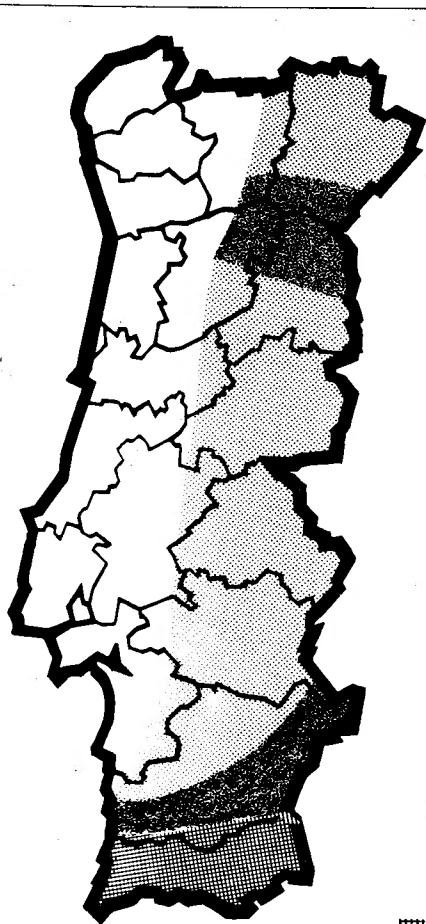


SECA

já "assaltou" mais
de metade do País



Zona de menor
intensidade da seca

Zona de média
intensidade

Zona de máxima
intensidade

● Autarquias batem-se pelas soluções de fundo

O ministro da Administração Interna foi ontem a Évora (ver pág. 7) constatar o dramatismo da seca tal como ele lhe foi posto por 14 autarcas do distrito, que pretendem ver do Governo a adopção de medidas de fundo.

A visita de Eduardo Pereira, a pedido dos eleitos locais e após muita insistência, foi feita numa altura em que já mais de metade do País sente os efeitos de seis anos de seca ininterrupta, nos seus três graus conforme a classificação adoptada pelo Serviço Nacional de Protecção Civil.

A gravidade do problema está a ser minorada, um pouco por todo o lado, com transportes de água em que se esvaem recursos retirados de verbas, 50 mil contos, asseguradas excepcionalmente. As câmaras da região de Évora, por sua vez, continuam a procurar soluções tanto quanto possível definitivas, para o que de momento necessitariam, pelo menos, de 500 mil contos.

Como pano de fundo, ainda e no caso concreto do Alentejo, o aproveitamento das águas superficiais, uma vez que as subterrâneas registam sucessivos esgotamentos. Alqueva, desse modo, ressurgiu como uma necessidade premente...

Pág. 10

URSS admite ter abatido avião civil sul-coreano

Págs. 12 e 13



Anunciado por Mário Soares

AUSTERIDADE: antes de 86/87 nada melhorará

O programa de «Gestão Conjuntural de Emergência» com a duração de 18 meses, anunciado pelo Governo em Junho passado, vai durar, no mínimo, até 1986. Em conferência de Imprensa dada esta manhã no Palácio Foz, o Primeiro-Ministro (ladeado, à direita, por Mota Pinto e, à esquerda, por Almeida Santos) precisou que o referido programa, basicamente determinado pelo acordo com o FMI, desenvolver-se-á através da redução do défice da balança de transacções correntes e limitação do endividamento externo.

Estes dois objectivos — disse Soares — são «indispensáveis à implementação progressiva de um Programa de Recuperação Financeira e Económica, que visa criar, a médio prazo (2 a 3 anos) bases sólidas para o funcionamento sadio do sistema económico e financeiro e de um Programa de Modernização da Economia Portuguesa, com a duração prevista de quatro anos». Ou seja, a dura austeridade que já afecta a vida da maioria da população portuguesa não abrandará, no mínimo, antes de 1986-87.

Antes do período de perguntas e respostas, e após a entrega aos jornalistas de um «texto de orientação» que, no essencial, visa explicar (ou justificar) a política do Governo nestes dois meses e meio de vida, o Primeiro e o vice-Primeiro-Ministro fizeram intervenções de improviso.

Continua na pág. 24

Almeida Santos esta manhã

O problema ANOP-NP volta a Conselho de Ministros

O problema ANOP-NP vai voltar brevemente a Conselho de Ministros — confirmou hoje o Ministro de Estado, Almeida Santos. Almeida Santos, que falava no Aeroporto da Portela no regresso da visita a Moçambique, adiantou contudo ainda esperar uma mudança de posição da agência «Notícias de Portugal» em relação à fusão com a ANOP. «Caso contrário, serão tomadas outras medidas menos agradáveis» — disse. Ainda no plano da comunicação social, o Ministro de Estado reafirmou como «inconsti-

tucional» a já conhecida proposta de concessão de um canal de televisão à Igreja. Quanto às dificuldades que se levantam à Imprensa, remete-se o leitor para a carta de Almeida Santos, inserta na página 6, em que, respondendo à elaboração de uma Comissão inter-sectorial, o Ministro de Estado apresenta o panorama financeiro das empresas jornalísticas (públicas e intencionadas) com as cores mais negras.

Pág. 6

Hoje há
**Sete
Ponto
Sete**

**AINDA
PODE
CONCORRER
VERA 2083**

e mais 2 páginas do Álbum "Sempre Fixe"
dedicado a Carlos Botelho

A força de um Festival da Paz

José Castro Caldas*

Ainda há dias um jornal voltou a falar do Festival. É realmente invulgar um tal interesse, por parte do conjunto da Imprensa, por uma iniciativa a favor da paz.

Teve muita força o Festival «Dêem uma Oportunidade à Paz» que já há um mês se realizou na praia do Carvalhal.

Agora que vivemos os dias decisivos da luta contra a instalação de novos mísseis na Europa, o Festival, por tudo o que trouxe de experiência e novidade, adquire renovada actualidade.

O debate e a opinião

No curto espaço de tempo que foi o da sua preparação, o Festival levou todos, ou quase todos, a uma definição perante ele e, com isso, perante o dilema paz/corrída aos armamentos. Entidades, as mais diversas (organizações políticas, movimentos, associações, autarquias, pessoas), assumiram atitudes de apoio ou rejeição, umas e outras importantes e reveladoras, dando corpo ao que foi, até hoje, talvez o debate público de maior impacto em Portugal sobre as questões da paz e do desarmamento.

Diz uma sondagem recente que na RFA, três em cada quatro pessoas, se opõem à instalação dos mísseis «Pershing II», prevista para o próximo inverno.

Significa isto que na RFA existe (e já o sabíamos pela enorme dimensão das acções de massas do movimento da paz) uma opinião pública formada sobre esta questão.

Em Portugal, não foi feita sondagem, nem estamos seguros de que o nível de formação de opinião sobre os problemas da corrida às armas nucleares seja tão elevado.

«É na RFA» — dir-se-á — «que os mísseis serão instalados. É aí que o perigo é mais sensível. Portugal está longe». Portugal estará longe, no entanto, o perigo está tão perto de alemães como de portugueses, caso seja desencadeado um conflito nuclear, projecto ao serviço do qual

estão os novos mísseis «Pershing II» e «Cruise». É assim que os portugueses são chamados de igual modo que os alemães (e todos os povos) a escolher entre a condescendência e a oposição ao projecto belicista do patrão comum, do outro lado do oceano.

O debate público da problemática da paz acelera o processo da tomada de consciência. O Festival «Dêem uma oportunidade à Paz» que reuniu durante uma semana cerca de cinco mil jovens terá valido tanto pelo que no Carvalhal aconteceu como por tudo o que a propósito dele foi dito.

A «polémica» em torno do Festival foi a sua primeira vitória. A segunda e definitiva vitória esteve na forma como aconteceu, desmentindo o que dele disseram e escreveram os que dele não gostaram desde o princípio e os que descobriram, afinal, dele não gostar no fim do seu processo preparatório.

Quatro razões

O Festival teve força. Porquê? Afinal não é invulgar 5 mil pessoas juntarem-se em Portugal. O que é invulgar é uma reunião de 5 mil pessoas ter o impacto que teve o Festival.

Ser pela paz e o desarmamento — eis a primeira razão da força do Festival. Muito dificilmente se pode ser indiferente ao que estas duas palavras significam. A paz tem cada vez mais o valor do pão para a boca. O valor das somas inimagináveis devoradas na feitura de armas. O peso da crise económica que a corrida aos armamentos acelera na maioria dos países do mundo. O horror da guerra nuclear como sinónimo de destruição massiva, irracional, odiosa, é moralmente inconcebível. A luta contra a guerra uma mais que qualquer outro objectivo.

São muitas, e foram diversas no Festival, queiram ou não os seus críticos, as posições ideológicas e opiniões políticas. A defesa da paz sobrepõe-se-lhes, saibam-se, como soube o «Dêem uma Oportunidade à Paz» definir os objectivos comuns dando-lhes prioridade, debater as diferenças com serenidade.

Existe uma segunda razão: 250 pessoas (jovens) tomam a iniciativa em princípios de Março, divulgando um manifesto em que se propõe o Festival, se fixam os seus objectivos, se apela à adesão. Significa isto que não sendo um partido, uma organização, duas ou mesmo três, a promover o Festival, (sendo antes «apenas» 250 pessoas) se definia para o projecto uma paternidade representativa e ampla que vinca a sua abertura às mais diversas concepções e ideologias políticas.

De facto, os 250 iniciais e muitos outros que se lhes haviam de juntar (artistas, desportistas, activistas de organizações, de associações juvenis) representam realmente, nas suas diversas formas de criar e agir, modos de viver, sentir e pensar de uma secção importante de Portugal — os jovens. Não se admire assim ninguém que em pouco mais de dois meses, 40 mil outros jovens a quem chegou o manifesto do Festival tenham somado o seu aos 250 iniciais.

Os subscritores do manifesto, em particular os artistas que levaram o seu apoio aos palcos e aos painéis do Festival, estão entre os principais responsáveis do seu sucesso. Todos estiveram com o Festival até às últimas consequências.

A estas duas razões há que somar uma terceira: o «Dêem uma oportunidade à Paz» teve força porque foi Festival. Isto é, porque foram cinco dias de música, debate, arte livre a que há que juntar o trabalho da sua preparação no que se pode comparar ao ensaio geral do que será a paz. No Carvalhal «curtiu-se» a paz, significando isto que se viveu aquela urgência que aos 20 anos acontece — querer já, (e saber inventar de facto) aquilo que apenas com a luta o futuro poderá trazer.

O Festival foi de certa forma «uma ilha de paz» mas soube contornar a armadilha da apologia de novos mundos paralelos e marginais do mundo que é, afinal, um só. No Carvalhal curtiu-se a paz, mas defendeu-se a necessidade de lutar por ela. No grande interesse que rodeou os debates está a prova: a malta quer continuar a ir mais longe.

Tudo isto, e esta é a última razão da força do Festival que me ocorre, não teria sido possível, sem o apoio de numerosas entidades com destaque para as autarquias do Distrito de Setúbal e sem o trabalho voluntário, mas duro, de centenas de jovens, trabalhadores e estudantes que ergueram as estruturas do Festival.

Uma entre muitas lições

Isto seria conversa fiada para os nossos netos, caso não tivéssemos a dias de novos encontros pela paz — as grandes manifestações já anunciadas para Outubro. Aí vamos rever, por certo, numerosos amigos do Festival, aí gostaríamos de ver novos amigos que por uma ou outra razão não estiveram com o Festival.

Entre as muitas lições do «Dêem uma oportunidade à Paz» uma sobressai — o sectarismo político está velho. Que o diga, por exemplo, a Juventude Socialista que combatendo o Festival acabou (em artigo publicado em «O Jornal») por se ver obrigada a intervir, no grande debate público que o Festival proporcionou, e por subscrever posições sobre os problemas da paz que, em contradição com as da direcção do PS, muito fazem lembrar as que o próprio Festival consagrou.

Agora que se aproxima a data prevista pela NATO para a instalação dos novos mísseis não é tempo de hesitações.

Aqueles que ainda se deixam imobilizar pelo sectarismo darão decerto resposta a uma pergunta simples:

Se existe acordo sobre o fundamental — impedir a instalação de novos mísseis na Europa, lutar pela desnuclearização de Portugal, conquistar o desarmamento — não será possível agir em conjunto?

* Da Comissão Coordenadora do Festival «Dêem uma oportunidade à Paz»

Comprar português

Beja Santos

ATENTE-SE na redução vigorosa da mensagem: exija fabricado em Portugal, compre produtos portugueses. Trata-se de um hino à vida, ou de uma promessa espiritual a calar no fundo da nossa dependência e indigência? Passe-se ao terreno da escolha: material eléctrico e electrónico, muito pouco há, de português, a comprar; brinquedos, é um maná do contrabando, argumenta-se que por falta de elasticidade do mercado; calçado, necessariamente que se sempre português, regra geral é bom, e é competitivo, até porque o calçado estrangeiro é duramente taxado; bolachas e biscoitos, compra-se o indispensável para o quotidiano e extravagância, pois a indústria portuguesa desinteressava-se tanto pelo fomento da qualidade como pela diversificação de produtos; a avicultura, dos perus aos ovos, baseia-se nas raças, cujas matérias-primas são maciçamente importadas; automóveis, é o negócio da montagem e o fio ténue do incorporado nacional. Passe-se da escolha ao terreno. Se a mensagem e a consigna têm peso específico, vamos,

com que mingua, reconquistar o espaço habitado das conservas de peixe, a cortiça, o tomate enlatado e os têxteis, se as distorções estruturais padecem de letargia, ou pior: se há falta de competitividade no comprar português, exigir fabricado em Portugal o que é, quando a escolha política não é a luta contra o desemprego mas a luta contra o défice externo?

Na contracção de consumos, vamos exigir o que não se tolera produzir?

Reconheça-se que a mitologia do comprar português dá saúde ao bandarrismo, ao encoberto da forte indústria nacional. É o grito mercadológico da independência, como resposta à ofensiva estrangeira, feita caneta de feltro, caixa para os clips, urso de peluche, máquina de lavar loiça, rolo fotográfico, verniz para as unhas.

Mas, não querará comprar português dizer sabonete, detergente líquido para a loiça, dentrífico, loção para a barba, relógio queijo, vidraria, autores portugueses? Sejam sensatos. Compre-se português porque não há livre circulação de mercadorias, graças ao amparo do

proteccionismo. Talvez seja melhor assim para resistir à avalanche japonesa, alemã-federal e das várias Formosas e Coreias. Sejam práticos.

Querará comprar português dizer mais mobiliário, artes decorativas, horto-frutícolas? As evidências saltam à vista: crise na habitação é crise no mobiliário: não há para o talho quanto mais para renovar bibelôs e candeeiros; dos horto-frutícolas, conhecidas que são as potencialidades climáticas, produz-se menos e nem se auferem as vantagens da exportação. Comprar português será ir mais ao barbeiro, ler mais José Saramago, Maria Velho da Costa ou José Cardoso Pires? Comprar português é a alternativa útil à CEE? Comprar português é edificar a autogestão, a economia social de mercado, o capitalismo ou o socialismo de Estado?

Tantas perguntas, por ventura ociosas. Sem plano de consumos básicos (tema imprudente, quando o espectro se chama FMI), sem confiança nas alavancas do sector público, sem fomento dos recursos energéticos nacionais (consta que os franceses têm centrais nucleares ao

preço de saldo), sem estímulos à qualidade (que não se determina só por motivações psicológicas, também contam as propriedades físicas, a adaptação, o ambiente dos bens e serviços), se não se compatibiliza o mercado exportador às aspirações dos consumidores, que se exige da propaganda do comprar português? Uma miragem. Um simulacro. Um embuste. Embalados na promessa, esquecemo-nos, muito simplesmente, que estamos entre a Turquia, o Marrocos e a Tunísia. Dormimos o bom sonho da inércia, à espera das sobras e postas finas das multinacionais agro-industriais, farmacêuticas, químicas, do vídeo. Entre um anúncio para comprar português veja seis para comprar multinacional.

Veja e compre. Porque há um consumidor esquecido dentro de si.

Veja e compre. A mitologia do pronto... vestir, do pronto... saldar, do pronto... sentir. Saboreie o Encoberto.

Compre multinacional para encurtar a dívida e a coragem.

Portugal está longe de ser um país pequeno. Compre até poder!



CONCURSO

Recorte e guarde este cupão, bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa» esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação (que será publicado diversas vezes durante o concurso), conforme abaixo se indica.

AINDA PODE CONCORRER

O leitor pode concorrer em qualquer altura, pois poderá adquirir os exemplares que lhe faltam (completando assim a sua colecção e, sobretudo, o seu «Álbum Sempre Fixe», este ano dedicado ao grande artista Carlos Botelho), ao preço normal nos nossos serviços na Rua Luz Soriano, 15 a 17, 1200 Lisboa.

Também mediante pagamento antecipado em cheque, vale de correio ou selos (20 escudos, acrescidos de 13 escudos de portes por exemplar), poderão os nossos serviços enviar através dos CTT os exemplares que desejar.

PODE IR ENVIANDO AS SUAS COLECÇÕES...

Só no dia 25 de Outubro de 1983 (data do carimbo do correio) termina o prazo de envio das colecções, mas, se o leitor quiser enviar alguma que já tenha completado, os nossos serviços estão aptos a recebê-las. Envie para:

DIÁRIO DE LISBOA/CONCURSO
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

Lembramos que:

- O LEITOR deverá usar apenas um boletim por cada colecção, e enviar uma colecção em cada envelope. (Se enviar mais de uma colecção no mesmo envelope, elas serão numeradas com numeração seguida).
- O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade), morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.
- O TALÃO-RECIBO deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 16\$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agramete e não cole).
- O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA FARRACHA

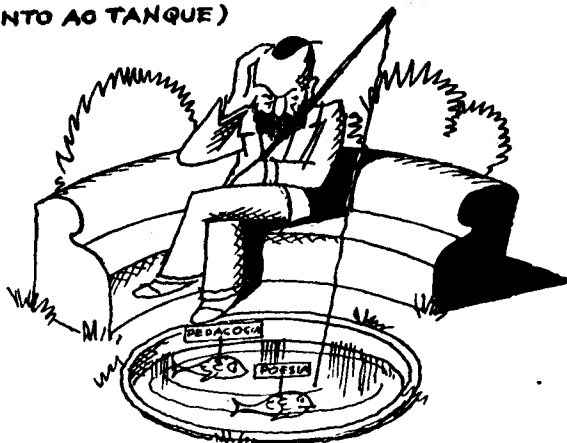
Devido aos problemas resultantes do corte de energia de ontem, repetimos o cupão n.º 25, para não prejudicarmos os nossos leitores-concorrentes

Concurso DL

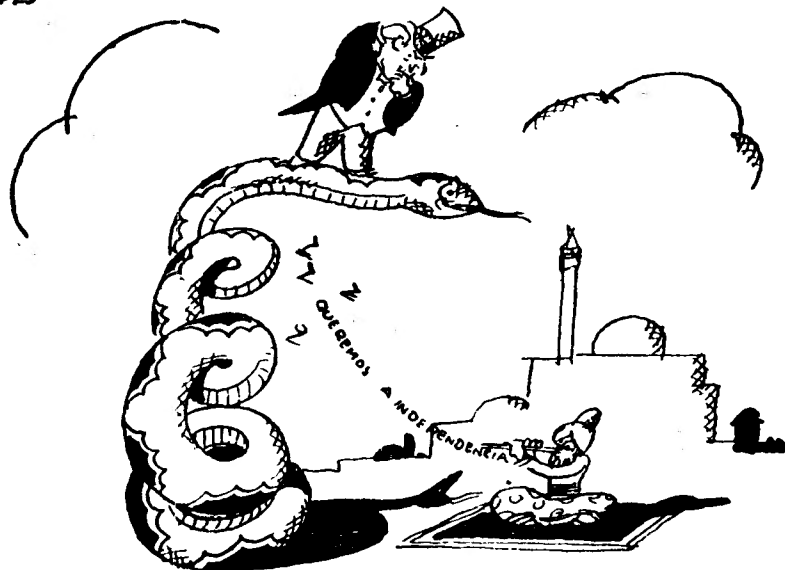
3.º Álbum SEMPRE FIXE

EIOS DA SEMANA

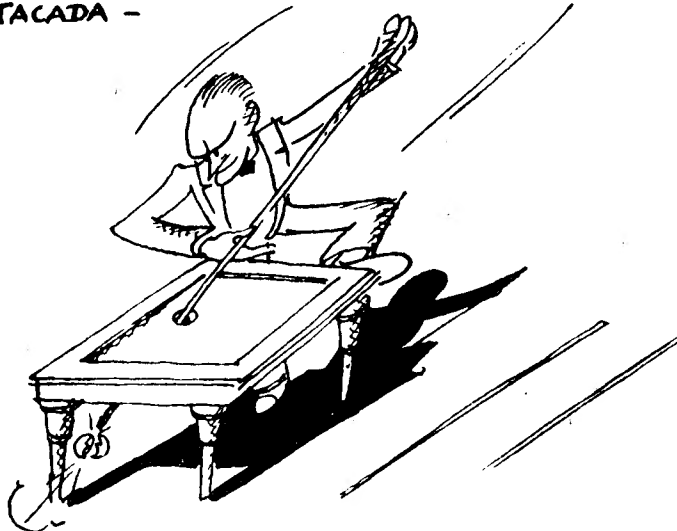
"CROQUIS" DA "MAQUETTE" APROVADA NO CONCURSO PARA O MONUMENTO A JOÃO DE DEUS - EM PEDRA SERÃO LAVRADOS OS VERSOS "MAL DE PÉS" (JUNTO AO TANQUE)



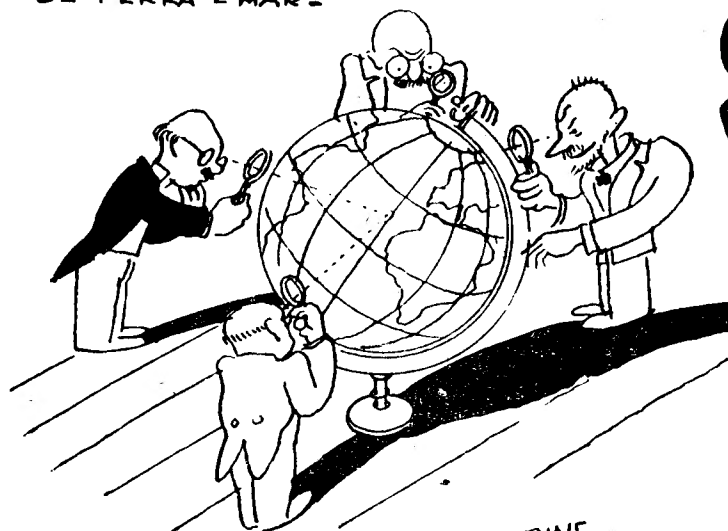
JOHN BULL DANÇA NA COBRA BAMBA AO SOM DA MÚSICA DE GHANDI -



3.º PRÊMIO EM BILHAR NO CONCURSO DE BARCELONA - NÃO ADMIRA PORQUE SOMOS MUITO FORTES EM TUDO QUE SEJA TACADA -



NA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS ESTÃO REUNIDOS OS NOSSOS MELHORES GEÓLOGOS NO ESTUDO PRÁTICO DA EVITAÇÃO (A VALSA) DE FUTUROS TREMORES DE TERRA E MAR -



FORAM PARA A BELGICA CHEIOS DE MANTEIGA (*) OS JORNALISTAS BELGAS -

DIZ-SE QUE HOVE QUEM DESSE MARGARINA POR MANTEIGA...

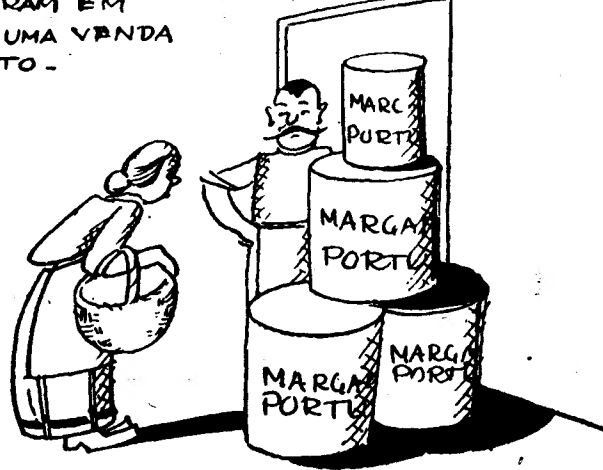
... E PORTANTO FARTURA ESTABELECEM EM BRUXELAS UMA VENDA DESSE PRODUTO -



(*) PURA

B O T E L I N O

MARGARINE
(VAI A FONTE)
PORTUGAISE



ENTREPOSTO

Praça José Queirós, n.º 1
1899 LISBOA CODEX
TEL. 31 40 61

NISSAN DATSUN URVAN

AINDA ... O SEU MELHOR INVESTIMENTO



NISSAN

CONCESSIONÁRIOS
EM TODO O PAÍS

3.º Álbum SEMPRE FIXE

Concurso DL

ECOS DE SEMANA

AFIM DE EVITAR
QUE AS MOSCAS MOS-
CATILISEM O MO-
NUMENTO AO MARQUES,
JA HA UMA FIGURA ENXOTA
MOSCAS-EM PEDRA - DE EX-
CELENTES RESULTADOS

A ESTATUA TAMBEM LH
CHAMAM A VERDADE
ENCACADA.

SE VIRES AS MULHERES
POLÍCIAS,
NÃO AS TRATES COM
DESDEM.

CASO CONTRARIO O
MELHOR E SUICI-
DARES TE

FILM

VSBO

4. GRACAS AOS SEUS
LEGO DE LEITAO DE
BARROS VAMOSTER
O PRAZER DE VER

UMA FITA CATI-
TA EM QUALQUER
PARTE DO
MUNDO

O MARQUÊS SA DA BANDEIRA NEM MESMO
SENDO DE BRONZE O DEIXAM DESCANÇADO
BREVEMENTE MUDARÁ A SUA RESIDEN
CIA PARA O JARDIM DE
SANTOS

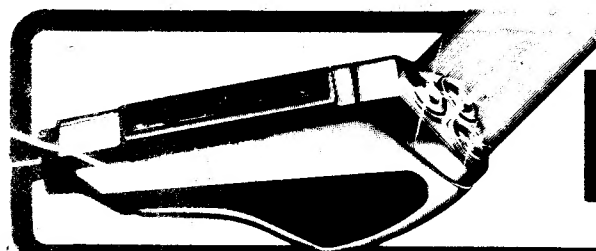
(QUE NA VER
DADE TEM
MELHOR
...)

AMAIOR CANTO-
RA DE 'LIED' QUE
TEM 'LIEDADO' NOS
NOSSOS PALCOS

PALECE QUE
O SENHOR
TRINDADE E
IRMÃO COM
TANTA PUREZA
MACIEZA DELICA
DEZA E FORTALEZA

ETH SCHUMANN
MR KARL ALWIN

112



Philishave o barbear total

PHILIPS

SECRET

A Imprensa da província — situação e perspectivas (3)

Luís de Miranda Rocha

NOS anos de 74, 75, 76, e creio que ainda 77, a nível de Lisboa, do poder, da administração política do poder, falou-se alguma coisa da imprensa regional e local fora de Lisboa e Porto e de grandes resoluções a tomar para resolver a necessidade de informação das populações menos abrangidas pelos jornais produzidos nas duas maiores cidades do país. Depois dos subsídios (papel e porte pago) porém, o pouco que se tem falado de tal imprensa tem-no sido mais por iniciativa da própria imprensa provincial. É quanto basta para demonstrar que os sucessivos executivos não têm, definida, qualquer política de Informação. Mais, e no caso que aqui importa, não têm manifestado qualquer sensibilidade em relação aos jornais de província. Nem sequer um gesto de simpatia como tem tido Belém, desde dada altura, passando a convidar, juntamente com três ou quatro diários e semanários de Lisboa e Porto, um jornal de expressão provincial para acompanhar o PR nas suas deslocações ao estrangeiro. Dir-se-ia que, para os sucessivos Governos, bastam os subsídios à compra do papel para impressão e a taxa postal gratuita nas expedições dos exemplares para os assinantes. (1) Mas isso é o mais fácil. É sempre mais fácil mandar fazer pagamentos do que reflectir sobre os problemas que estão atrás (à frente, aquém e além) dos problemas financeiros, e que, não raro, precisam, mais do que de cheques bancários, de resoluções minimamente alteradoras de estados de situações estruturais.

Das ideias que havia aqui há anos avultava uma apontando para a necessidade de implantar jornais diários com um mínimo de dimensões empresariais (estruturais), técnicas, em determinados centros urbanos da província, polarizadores e irradiadores (tais centros) de actividades num âmbito regional em perspectivas de grande desenvolvimento. Não seria bem assim, mas, suponhamos: cidades como Faro, Évora, Viseu, Vila Real, precisavam de ter jornais diários de grande informação para cobertura informativa e tratamento dos grandes problemas sobretudo locais e regionais. (2) Jornais que fizessem também a cobertura noticiosa do país, a partir de Lisboa. De modo que pudessem substituir os jornais que vêm de Lisboa e do Porto, os quais, como se sabe, não chegam a toda a parte e, mesmo quando chegam, é tarde, por vezes ao outro dia. E para uma circulação que não compensava — e não compensa — os dispêndios da distribuição, outro grande problema para que nunca se encontrou solução satisfatória.

Tais ideias, se chegaram a ter alguma consistência, perderam-na depressa. E hoje já talvez nem as recordem sequer aqueles que as tiveram. Eram impraticáveis? Talvez não. O que se passou foi que nunca chegaram a ser encaradas seriamente. Mesmo entre os jornalistas, não circularam muito. E, certamente, poderiam e deveriam interessar-lhes. Porque, enfim, não há para o sector qualquer resolução possível dos problemas que funcione efectivamente sem a sua participação. Por exemplo, de nada valeria montar uma empresa jornalística numa cidade de província para produzir aí um grande jornal diário, se entretanto não houvesse jornalistas que o escrevessem. É que não há praticamente jornalistas fora de Lisboa e do Porto. Ou há, mas são poucos, e dispersos por algumas delegações. Trata-se por vezes de antigos

correspondentes, por assim dizer, promovidos. Um jornal não se faz sem um bom lote de jornalistas. E jornalistas profissionais, não «biscateiros». (3)

É da falta de jornalistas profissionais que se ressentem a generalidade da imprensa provincial, principalmente aqueles jornais onde já existe uma estrutura mínima de funcionamento empresarial, e — mais do que isso — um leitorado com alguma expressão, principalmente com alguma exigência. O regime de amadorismo em que quase todos os jornais provinciais são feitos não apenas não corresponde a esta exigência, que é talvez um pouco vaga e se sustenta do confronto com os melhores jornais que do Porto ou de Lisboa a esse leitorado se propõem; de igual modo não responde às urgentes necessidades de adequado tratamento jornalístico por parte do desenvolvimento local e regional. Para corresponder capazmente a estas necessidades, é óbvio que não basta a carolice de uns tantos profissionais de outras coisas que vão fazendo o jornal nos tempos livres. A maior parte desses «carolas» — sem qualquer aceção depreciativa — nem estará preparada nem disponível para se lançar no jornalismo activo, sistemático, consequente, — seja em trabalhos de campo (reportagens, inquéritos, entrevistas) seja em trabalhos de redacção, — e, aqui, tanto em matéria de rotina (expediente, burocracia, agenda, quotidiano, etc.), como em assuntos que requeiram uma laboração mais demorada — sobre temas, tantos deles exigindo especialização, da economia à cultura, das artes e das letras ao turismo, da sociologia à defesa do consumidor, do problema energético à CEE, da ecologia à política internacional.

Não se pode ser estulto a ponto de preconizar uma imprensa provincial dotada de recursos humanos como não há sequer na generalidade dos jornais de Lisboa e Porto já existentes. Mas, por menos recursos humanos que estes jornais tenham, eles são ainda assim tantos como os pequenos jornais provinciais não podem ambicionar. E, no entanto, têm todo o direito de reclamá-los — em nome de tanta população que servem informativamente, não raro a par apenas da televisão.

Dum dia para outro um pequeno jornal provincial não pode especializar-se num certo número de matérias fundamentais. Mas a especialização também não é uma necessidade prioritária, — pelo menos não é uma necessidade tão prioritária como a informação geral. (4) E esta necessidade prioritária de informação, um jornalista razoavelmente dotado de capacidade técnica estará talvez à altura de a satisfazer, se tiver bons canais que o sirvam. Dois ou três, repartindo entre si as tarefas fundamentais da feitura dum jornal, seriam, para já, o suficiente para alterar (para melhor) a qualidade do jornal que por eles passaria a ser feito. Um semanário não precisaria talvez de mais do que dois ou três profissionais. E um profissional apto para trabalhos de coordenação redactorial, e dotado de conhecimentos e critérios gráficos e de paginação, talvez conseguisse fazer, com mais um ou dois, um semanário legível, — como não o é a grande maioria dos cerca de três centenas e meia deles que actualmente existem. Um bissemanário, um trissemanário ou um diário, — é óbvio que exigiria um maior número de profissionais, em proporção com a periodicidade.

Deve ler-se «profissionais» com algo de ênfase. Referimo-nos, evidentemente, a jornalistas qualificados, pelo menos tecnicamente. É que são muito mais técnicos

do que, por exemplo, ideológicos, os principais problemas (não empresariais, não financeiros) que à generalidade dos jornais (na sua feitura) se põem. Muitos semanários locais e regionais que se costuma dizer reaccionários, conservadores, etc., etc., não são isso senão depois de serem tecnicamente maus, mal feitos. A resolução profissional dos problemas técnicos — de técnica informativa — tornaria esses jornais muito diferentes do que hoje são. Se é certo que são conservadores, reaccionários, etc., não é menos que isso releva, por exemplo, do facto (da incapacidade prática) de não fazerem (não praticarem) informação. Não havendo nesses jornais quem seja capaz de fazer informação — fabricar a actualidade, produzir, por escrito e graficamente, o sentido da vida, da existência, da história, — abundam os editoriais, os artigos de opinião. Do director, dos amigos do director, dos «vip's» locais. Gente tantas vezes doutrina pelo catolicismo, pelo integralismo, pelo corporativismo, por ideologias que não habilitam para uma visão progressiva e futurante das grandes ou pequenas questões. E não é isto exclusivo dos jornais à direita. À esquerda também há do pior jornalismo provincial que se faz entre nós actualmente.

Só o profissionalismo permitiria ultrapassar estas situações. Resta saber se nestas situações o profissionalismo, aquém e além de absolutamente necessário, é possível. Talvez não, e por óbvias razões, na maioria dos casos. Noutros casos, porém, certamente que sim.

Pertencendo a maioria dos títulos a pequenos proprietários que deles se fazem porta-vozes do conservadorismo e da reacção, certamente que não teria aí possibilidade alguma qualquer projecto que visasse transformar essas decrépitas folhas em jornais dinamizados como órgãos vivos de informação norteados por aqueles critérios mínimos que constam do código deontológico e do estatuto do jornalista, modelados pelos exemplos do jornalismo urbano, civilizado, moderno, actual — de que se aproximam alguma coisa alguns dos diários e semanários que hoje se fazem entre nós.

Uns tantos jornais seriam transformáveis. Aqueles que, por exemplo, pertencem e são administrados por pessoas sensíveis aos apelos da evolução, do desenvolvimento, do progresso, de outras exigências assim. Uma política nacional de Informação permitiria que estes jornais se comprometessem nela e a tornassem praticável e consequente. As dificuldades financeiras seriam menos ou mais facilmente vencíveis. Não se pode, aliás pensar tais dificuldades como ultrapassáveis, neste sector. Noutros sectores, as mesmas dificuldades têm sido resolvidas — de qualquer modo (sem critério, por exemplo), tantas vezes. Uma política nacional de Informação — e designadamente da Imprensa — para ser aplicada com um mínimo de consequência, deve cuidar menos dos jornais que há, a mais, em Lisboa e no Porto, e no que este excesso de concentração impede que a imprensa provincial se desenvolva, ou, melhor dizendo, que apareça na província uma imprensa regional e local à qual se possa dar condignamente o nome de imprensa.

Numa perspectiva dos pequenos jornais de província, mantidos por escrito à custa da maior ou menor carolice de duas ou três pessoas, é absurdo ou mesmo intolerável que empresas jornalísticas não apenas estatizadas mas até mesmo privadas continuem a devorar, em subsídios, montantes equivalentes aos orçamentos de dezenas de pequenos jornais, as mais das vezes a pretexto de que é preciso assegurar os pos-

tos de trabalho. Sabe-se, além do mais, quanto estes subsídios — tantos deles, na prática, a fundo perdido — são atribuídos por razões de compadrio, político ou pessoal.

Uma política nacional de Informação envolveria necessariamente autoridades próprias das regiões e dos locais, — autarquias, colectividades, cooperativas, etc. Os municípios, como entidades fundamentais do poder local, teriam aqui um importante papel a desempenhar. Acontece porém que, nas câmaras, não há nenhuma ideia sobre o que se pode ou deve fazer em tal campo. Porque, evidentemente, faltam directivas, orientações, critérios, e os orçamentos não consentem grandes riscos a correr sem um mínimo de prevenção. Não falta quem defenda que os municípios devem apoiar os jornais locais e regionais. Iriamos mais longe: as câmaras poderiam deter a propriedade dos meios de produção dos jornais, assegurar o funcionamento administrativo das empresas. A nível profissional, obviamente. Tal como o funcionamento das redacções, — neste caso com salvaguarda das exigências de independência dos jornalistas. Por outras palavras, o jornal, principalmente o jornal local, pode fazer parte do aparelho de produção informativa e cultural dos municípios. Um jornal regional articulasse-se com uma estrutura superior do poder local, neste caso, regional. Na prática, as dificuldades seriam inúmeras. Na prática, também, seria um desafio ao poder local e à sua capacidade. De qualquer modo, seria sempre uma solução mais favorável do que a actual, em que os jornais que existem só tem uma hipótese de tornar-se jornais alguma coisa a sério: deixarem-se injectar por capital privado, com o que de dependência económica e inevitavelmente político-partidária isso implica.

Nada disto porém é pensável sem um forte investimento qualitativo no profissionalismo. E daqui partiríamos para um relance pelas dificuldades concretas com que este profissionalismo teria de defrontar-se no campo onde iria exercer-se a sua acção — as regiões, os centros urbanos, e os pequenos meios locais. Não, prêm, sem antes anotarmos um pequeno pormenor. Trata-se dos jornalistas e do necessário reconhecimento da importância da função social que eles têm a desempenhar, — ou não propriamente eles, mas o sector onde eles são os agentes mais responsáveis, a Informação. Diga-se apenas que, tal função, — eles não poderiam desempenhá-la a desenvoltamente e com uma razoável soberania, se desprovidos de habilitações técnicas e culturais avulzadas por uma estrutura superior a nível de escolas. Referimo-nos, já se vê, à necessidade dum curso de jornalismo. São incalculavelmente maiores, na província as dificuldades que se opõem a um jornalista, mesmo sindicalizado e encarado, que para aqui se desloque para exercer a sua profissão como tal. E não basta um cartão sindical ou a carteira profissional. É preciso uma habilitação escolar acima da que actualmente se exige, — e, desde logo, por razões de competência; depois, por razões que têm a ver com a subsistência possível mediante um só emprego e em tempo inteiro. Tal como — ou mais do que — em Lisboa ou no Porto, nos chamados grandes jornais, o jornalista do pequeno jornal provincial tem de ser um profissional renumerado com um mínimo que lhe consinta a veleiidade dum profissionalismo total, sem necessidade de recorrer a biscates extraprofissionais para subsistir no meio onde trabalha e actua.

Continua na pág. 6

ponto a ponto



A visita do presidente Samora Machel a Portugal deverá decorrer de 7 a 12 de Outubro.

Será a maior das diversas visitas que o chefe do Estado moçambicano efectua em Outubro a vários países europeus e retribui a que o Presidente Ramalho Eanes efectuou a Moçambique em Novembro de 1981.

O programa ainda está a ser ultimado por altos funcionários de cada um dos países.



INTERROGADO pelos jornalistas à chegada da sua visita a Moçambique, Almeida Santos referiu que o papel de Portugal na cooperação com Moçambique «tem de ser não somente o de um doador mas principalmente o de quem pode cooperar na base de reciprocidade de vantagem».

«Moçambique também pode ajudar a resolver os nossos problemas» — disse, adiantando que não é possível basear a cooperação unicamente na concessão de linhas de crédito.

«Pode haver já neste momento, hoje mesmo — disse — um movimento de empresários portugueses para Moçambique, pois fala-se a mesma língua e tem-se um largo domínio em matéria de medicina tropical — salientou.

O ministro guineense da Economia e Finanças, Vitor Freire Monteiro, debateu em Lisboa problemas do apoio técnico que a empresa portuguesa Petrolgal concede à **distribuição de combustíveis** no seu país.

Recebido na sede da Petrolgal pela respectiva administração, o visitante tratou de assuntos da Sociedade Distribuidora de Combustíveis e Lubrificantes da Guiné-Bissau (DICOL), na qual a empresa portuguesa de petróleos detém 30 por cento do capital.

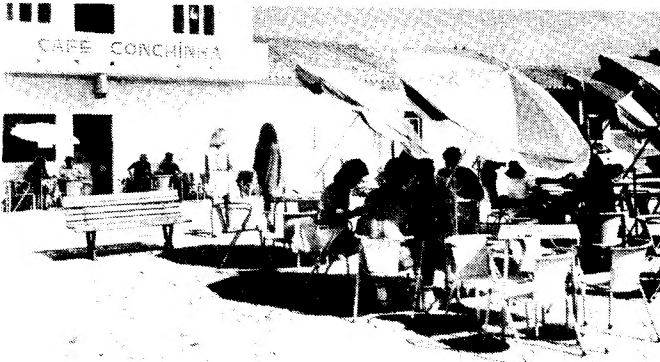
Segunda-feira, Vitor Freire Monteiro fora recebido pelo administrador da Fundação Gulbenkian encarregado da cooperação com África, Vitor Sá Machado, e pelo ministro português da Justiça, Rui Machete.



O presidente da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos, recebeu ontem, através do tenente-coronel Melo Antunes, uma mensagem do seu homólogo português, general Ramalho Eanes.

José Eduardo dos Santos, que é também presidente do MPLA — Partido do Trabalho, concedeu uma audiência ao conselheiro de Estado português, Melo Antunes, a quem assistiu o vice-ministro angolano das Relações Exteriores, Venâncio de Moura.

Melo Antunes chegou segunda-feira a Luanda e deixou esta capital na noite de ontem, tendo chegado esta manhã a Lisboa.



PEREZ de Cuellar, que regressou hoje a Nova Iorque, passou ontem pelas ruas de Sagres e Lagos, como vulgar turista em férias. Seguido discretamente pela segurança, o secretário-geral da ONU, acompanhado pela mulher, filha e genro, aproveitou o último dia de Alvarre para fazer compras e beber um refresco numa esplanada. No regresso a casa, Perez de Cuellar (que dava mostras de satisfação) disse: «Que lindo dia, é bom estar no Algarve».

comunicação social

Almeida Santos ao SJ

Tempos difíceis para a Imprensa

Em resposta à proposta do Sindicato dos Jornalistas de constituição de uma Comissão Intersectorial para a Reestruturação do Sector Público da Comunicação Social, recebeu o SJ do ministro de Estado, dr. Almeida Santos, uma carta em que aquele dirigente do PS, afirmando que, não sendo nem querendo voltar a ser ministro da Comunicação Social, «nem por isso deixo de encarar com toda a solicitude os problemas do sector da Comunicação Social e de lhes dispensar a minha melhor atenção».

Afirma Almeida Santos que não é desejável, «neste como noutros domínios», que «se tomem decisões sob pressão de acontecimentos», ou de «grupos de interesses». (...) «Tudo deveria ser, como dizeis, baseado em estudos ponderados e sérios». Transcrevemos textualmente:

«Infelizmente, nem sempre isso é possível. A situação financeira da maioria das empresas de Comunicação Social — de pouco valendo a pena distinguir as do sector público das do sector privado — encontram-se em situação de ruptura financeira, ou à beira dela. As do sector público, somando défices anuais cobertos por subsídios do Estado ou por recurso à Banca. As do sector privado, com algumas excepções, cobrindo os seus défices por recurso à Banca pública, a qual, se bem ajuízo, é credora de bastante mais de um milhão de contos sobre as editoras de jornais privados, que assim recebem um subsídio anual, correspondente a juros não pagos, da ordem dos 300 mil contos.»

E mais adiante: «E dado que o preço dos jornais e da publicidade é de livre fixação, e tem sido corrigido, não creio que devamos hesitar em concluir que a crise

da Imprensa periódica se deve, fundamentalmente, a quatro ordens de factores: a) **Excesso de jornais:** Só em Lisboa, editam-se quatro matutinos e quatro vespertinos, além dos semanários. Os países mais ricos são, neste domínio, bastante mais pobres; b) **Excesso de trabalhadores:** de um modo geral as empresas jornalísticas suportam fenómenos de subocupação, quando não de desocupação; c) **Crise de produtividade:** os horários de trabalho praticados são em regra baixos e a relação entre o produto e o tempo de trabalho nele investido não é satisfatório; e d) **Preferência progressiva pela comunicação audiovisual:** fenómeno que se me afigura «in itinere» para situações bem mais agudas.»

E depois: «Tem-se, até agora, sem significativa resistência, pactuado com esta situação, sem a determinação de enfrentá-la. O número de trabalhadores vai crescendo, as tiragens e a publicidade — com honrosas excepções — vão diminuindo, as dívidas ao sector público vão deixando de ser pagas, e o necessário para cobrir custos imediatos de exploração, incluindo salários, vai sendo encontrado por recurso ao OGE ou à banca pública.»

E sublinha o ministro de Estado: «Acontece que é chegado um momento em que a fonte ameaça secar. O próprio Estado corre o risco de insolvência. E quando tal acontece, os Governos tornam-se insensíveis, ou quase, à quebra das empresas, à pressão dos grupos e à crítica dos jornais. A prioridade das prioridades é voltar a colocar na vertical o fiel das balanças. Tudo ou quase, tem inexoravelmente, de ser sacrificado a isso.»

E sobre o assunto: «Os meios de Comunicação Social não irão — infelizmente — ficar à margem dos sacrifícios exigidos. Têm, eles também, de assegurar explora-

ções de equilíbrio. Acresce que a própria Constituição exige que o apoio à Imprensa não seja discriminatório — sem distinguir a Imprensa pública da privada — e tem-no sido. E vai uma certa contradição em se querer ser independente do Governo e da Administração em tudo menos no aspecto financeiro.»

Diz o ministro de Estado: «Tudo para vos significar que não são mais possíveis opções sectoriais da Imprensa divorciadas de uma óptica global da concreta situação económica e financeira em que o País se encontra.»

«É em consideração deste facto que não sou particularmente entusiasta da criação de uma Comissão intersectorial que, em três meses, encontrem uma fórmula de reestruturação do sector público da Comunicação Social.»

E especificando: «I — Porque a experiência nos diz que a melhor maneira de não resolver coisa alguma é constituir, para o efeito, um grupo de trabalho.

«II — Porque, se esta conclusão se impõe como regra, impõe-se duplamente quando a Comissão a criar é intersectorial, isto é, alberga no seu seio, não a homogeneidade, mas a diversidade dos interesses e das perspectivas.

«III — Porque há problemas que requerem solução imediata — ANOP/NP, Sociedade de Notícias/Capital, Sociedade do «Diário Popular», etc., — que se não compadece com a dilatação de mais três meses, concedendo que este prazo viesse a revelar-se bastante.

«IV — Porque a qualquer Comissão que se constituísse, por mais competente que viesse a ser, faltaria por certo a visão global que decorre da ponderação de todos os vectores políticos envolvidos.

«Isto não quer dizer que o Governo e eu próprio não estejamos altamente interessados em todos os contributos, em especial o desse Sindicato, desde já vos agradecendo a contribuição que possam e queiram dar-nos.»

Clube de Imprensa de Coimbra

A Câmara Municipal de Coimbra e o Banco Português do Atlântico procederam à entrega de instalações provisórias a quatro organismos daquela cidade.

Os organismos que desde 1 do corrente passam a ter sede própria são o Clube de Imprensa de Coimbra, o Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (GAAC), o Movimento Artístico de Coimbra (MAC) e o Núcleo de Investigação e Divulgação Científica.

Aquelas instalações situam-se num andar da Rua

Rosa Falcão, dispondo cada um daqueles organismos de uma sala cuja atribuição resultou de uma iniciativa da Câmara Municipal de Coimbra e do Banco Português do Atlântico que pagará a renda do prédio durante um ano.

Durante a cerimónia de entrega das instalações, o presidente da Câmara salientou que espera dentro de um ano conseguir instalações definitivas para esses organismos, bem como para outros que promovam actividades semelhantes.

OIJ apela à paz

A Organização Internacional de Jornalistas (OIJ) apelou aos profissionais da informação para que lutem para salvaguardar a paz na Terra e estejam ao lado dos povos que combatem pela liberdade.

Numa mensagem a propósito da próxima passagem do Dia Internacional da Solidariedade dos Jornalistas (8 do corrente), a OIJ «exorta todos os jornalistas progressistas e democratas do mundo inteiro a conduzirem ainda com maior

firmeza a luta pela paz e pelo progresso».

A declaração «apela à luta contra os criminosos desígnios dos círculos agressivos do imperialismo, sobretudo nos Estados Unidos» — e reafirma o apoio da Organização, com sede em Praga, aos jornalistas dos países da Ásia, da África e da América Latina.

A OIJ presta ainda homenagem aos jornalistas «mortos no cumprimento do seu dever pelas forças reacçãoárias».

Papel da Europa no debate Norte-Sul será tema de conferência em Lisboa

Em Abril de 1984

Em conferência de Imprensa, dada na Assembleia da República, o presidente da comissão de Ciência e Tecnologia da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, Wolfgang Blenck, anunciou a realização no próximo ano (Abril) em Lisboa, de uma conferência subordinada ao tema «Norte-Sul: o papel da Europa».

Blenck adiantou que participará nesta conferência, que terá lugar na Fundação Calouste Gulbenkian, de 9 a 11 de Abril, representantes das comissões de questões económicas e do desenvolvimento, da ciência e tecnologia, da emigração, dos refugiados, da agricultura e dos assuntos políticos da assembleia parlamentar do Conselho da Europa.

Foram também convidados a participar membros dos governos dos 21 países membros do Conselho da Europa, da Assembleia Parlamentar, dos parlamentos nacionais e representantes do parlamento e da comissão das comunidades europeias e da OCDE.

Diversas personalidades confirmaram já a sua participação, nomeadamente Willy Brandt, presidente da comissão independente das questões internacionais do desenvolvimento e Edgard Pisani, presidente do grupo dos 77.

O presidente da República, general Ramalho Eanes, o presidente ou o primeiro-ministro de Angola, e um governador de um estado brasileiro (Rio de Janeiro ou S. Paulo) serão também convidados a participar nesta conferência sobre as relações Norte-Sul.

Cooperação com Terceiro Mundo

Esta conferência tem por objectivo determinar a contribuição específica que a Europa poderá dar para a solução dos problemas de desenvolvimento do Terceiro Mundo e criar uma vontade política para relançar a cooperação Norte-Sul.

O tema será dividido em três grandes grupos: «a importância da interdependência Norte-Sul na recuperação económica mundial», «a reforma da economia internacional: a negociação», e «os instrumentos do desenvolvimento: benefícios a tirar da experiência europeia».

No primeiro grupo será analisada a interdependência comercial, financeira, tecnológica e de trabalho.

Em análise estará também a vontade política na Europa e a cooperação dos governos e dos parlamentos para uma melhor compreensão dos problemas norte-sul pela opinião pública.

A cooperação europeia na negociação Norte-Sul, a cooperação financeira internacional, nomeadamente a reforma institucional, o novo fluxo financeiro e os problemas da dívida a longo prazo, são temas a desenvolver no segundo grupo.

O terceiro grupo engloba os seguintes pontos: tendências e estratégias ao nível de ajuda, a fome no mundo e o problema alimentar mundial, os preços dos produtos de base e as estruturas de mercado, as tendências demográficas, e, finalmente, o desarmamento e o desenvolvimento.

Durante a conferência de Imprensa, Wolfgang afirmou que um dos temas em análise será também o problema dos resíduos radioactivos depositados no Atlântico, questão que considerou estar «directamente relacionada com Portugal».

Sublinhou, que o Conselho da Europa reconheceu que o depósito daquela matéria no fundo do mar «não é solução para o futuro, pois desconhece-se quais os perigos que nelas se escondem».

Ciência e Cultura

Entretanto, cerca de 50 deputados da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa encontram-se desde segunda-feira em Lisboa, para uma reunião conjunta sobre ciência e cultura.

Durante cinco dias, as comissões de Ciência e Tecnologia e de Cultura e Educação da assembleia parlamentar efectuarão uma série de reuniões, na Assembleia da República, e da qual sairá um relatório a apresentar no plenário do Conselho da Europa, que se realiza em Estrasburgo, de 26 de Setembro a 6 de Outubro.

Este encontro efectua-se em Lisboa, no âmbito da décima sétima Exposição de Arte, Ciência e Cultura, patrocinada pelo Conselho da Europa.

Para Amélia de Azevedo, vice-presidente da comissão de Educação e Cultura, a realização desta reunião em Lisboa pretende «chamar a atenção de toda a Europa e do mundo democrático» para o significado desta exposição.

Na ausência em férias do titular da comarca

Entrega de reserva em Almodôvar decidida por um juiz substituto

Sem qualquer aviso prévio uma força da GNR, comandada pelo sargento Martins, desocupou a UCP «Lutar é Viver», localizada na zona do Carregueiro, no Baixo Alentejo. A desocupação, que abrangeu a sede da UCP com as melhores terras, torna assim aquela unidade colectiva de produção inviável economicamente, deixando igualmente sem lar duas famílias.

A acção da GNR, cujo coman-

dante deu apenas um prazo de doze horas para os trabalhadores retirarem os seus haveres, foi mandada executar pelo juiz do Tribunal de Almodôvar, dr. Carlos Ribeiro, que se encontra a substituir o juiz efectivo da comarca, presentemente em gozo de férias.

A «reserva» foi dada ao feitor José Álvaro Almada Contreiras, pois o agrário Luís Vilhena Freire de Andrade, de 99 anos, resi-

dente no Estoril, há dezassete anos que não explora a terra, tendo-lhe sido ainda assim já concedidas várias reservas na mesma UCP.

Registe-se que até agora o agrário Luís Vilhena Freire de Andrade ainda não fez o pagamento de sete mil contos em dívida à UCP «Lutar é Viver» acordada na sede do CRR aquando da entrega da reserva anterior.

A Imprensa da província

Continuação da pág. 5

Não é, como vimos, o único profissionalismo que se exige, no sector. Um jornal não se faz apenas com o jornalista. É, todavia, o profissionalismo mais melindroso, e talvez o único absolutamente indispensável para que haja fora de Lisboa e Porto uma estruturas informativas funcionando com alguma consequência e garantindo à população uma informação com um mínimo razoável de qualidade. (4).

Na situação actual tudo isto parecerá fora de quaisquer possibilidades práticas. Não é bem assim. O que se passa é que não há vontade política para dar uma volta no estado estrutural da situação e fazê-la desenvolver-se possivelmente até com grande rapidez. Não vemos o país dentro de 10, 20 anos com uma imprensa regional e local, na província, a mesma que aí há hoje.

Seria ridículo demais para se admitir com alguma seriedade.

1) Há dias, Mário Soares recebeu umas duas centenas de representantes dos jornais da província e disse-lhes, entre outras coisas, que os subsídios em vigor serão mantidos. Pelo menos. Outra coisa não seria de esperar, evidentemente. Se o porte pago, por exemplo, fosse eliminado, uns 90 por cento dos jornais provinciais teria de cessar a sua publicação ao preço a que as taxas postais estão. Lembremo-nos uma vez mais de que os jornais regionais praticamente não se vendem. Vão para casa de cada um por assinatura.

2) Em Évora há dois diários: de um deles não se pode falar a sério; outro terá alguma dimensão, mas certamente não muito satisfatória. Em Viseu anuncia-se para breve o aparecimento dum diário. Em Faro apareceu um trisemanário há pouco tempo. Assinale-se que, em nenhum destes casos, houve, que saibamos, apoio governamental. Já não diremos financeiro, mas, pelo menos, técnico.

3) A semelhança do que se passa

em Lisboa, também na província o jornalista acumula empregos. No jornalismo, e fora dele.

4) As exigências de especialização, num esquema capaz de resolver as necessidades de informação mais urgentes, responderia uma agência com o seu serviço distribuído a nível nacional.

P.S. Não terminemos sem reflectir ainda um aspecto pontual das perspectivas a haver. Trata-se do ensino do jornalismo ao nível superior. Quando houver, que destino terão os licenciados, logo à partida? O problema há-de pôr-se, um dia. E, então, se a imprensa provincial ainda for o que é hoje, seria certamente inglório dotá-la de recém-licenciados para fazerem o estágio. Quem lhes orientaria o estágio? Mandá-los primeiro estagiar nos jornais diários de Lisboa para depois os distribuir pelas folhas da província também não seria melhor solução. A não ser que, juntamente com estes envios, estes fornecimentos de recursos humanos, houvesse uma vasta dotação pelo menos infra-estrutural.

“Razões de ordem moral”

Bondoso demite-se do SJ

O jornalista António Bondoso, vogal do Conselho Técnico e de Deontologia do SJ, apresentou a sua demissão daquele cargo sindical.

No pedido dirigido refere «razões de ordem moral e indisponibilidade de tempo para cumprir minimamente as tarefas que lhe foram confiadas no âmbito dos corpos gerentes do Sindicato dos Jornalistas».

Refira-se que António Bondoso foi um dos autores do documento que condenava alguns delegados sindicais por se terem oposto, num abaixo-assinado, à greve de cinco dias antiestatutária da Informação. Contudo, ele, Bondoso, «furou» a greve da RDP.



Mas dinheiro

é que não vai aparecer...

Eduardo Pereira reconheceu gravidade da seca no Alentejo

O ministro da Administração Interna reconheceu em Évora ser grave a situação que se vive no Alentejo devido aos problemas da seca.

Eduardo Pereira falava ontem aos jornalistas no final de uma reunião de trabalho que teve com representantes de 14 Câmaras Municipais do distrito de Évora, e durante a qual lhe foi apresentado um relatório intermunicipal sobre o assunto a nível distrital.

Considerando que os presidentes das Câmaras «soubem imprimir um realismo à descrição da situação já conhecida pelo Governo», Eduardo Pereira equacionou o problema a três níveis.

Na opinião do titular da pasta da Administração Interna, devem-se procurar os meios necessários para não deixar que a situação pior em relação ao nível actual e, portanto, investir ainda em determinados meios que permitam que se tente que os próximos meses não sejam, em termos de falta de água, piores que os anteriores.

O ministro deu a entender que esses investimentos serão a curto prazo, pois, afirmou, o problema terá que estar minimamente resolvido antes das primeiras chuvas deste ano.

O início imediato de um plano que passe pela finalização de algumas obras que estão inacabadas e por outros sistemas do tipo destas que vão ser implantadas agora são a forma de a situação em Maio do próximo ano ser melhor do que aquela que era em Maio de 1983 — defendeu Eduardo Pereira.

Simultaneamente, Eduardo Pereira apontou para um sistema de gestão da água e dos recursos hídricos que impeça que, pelo menos até um horizonte previsível e do qual os responsáveis possuem elementos, que é o ano de 2010, se repitam problemas com a gravidade daquele que se está a passar nos últimos anos no país.

Em relação ao problema da seca, o ministro da Administração Interna recordou igualmente as suas incidências no resto do país, especialmente as Beiras, o Nordeste Transmontano e o Algarve, para além do Alentejo.

Falando sobre o investimen-

to que as Câmaras do distrito de Évora estimaram para combater a seca e que ronda os 150 mil contos, Eduardo Pereira considerou não ser demasiado importante do ponto de vista orçamental, mas que acompanhada como que se terá que fazer no resto do país, «podia nete final do ano ser de alguma forma inoportuna para o Orçamento do Estado».

Em alternativa a esta situação, Eduardo Pereira afirmou que irão ser procuradas formas e meios que permitam às Câmaras um acesso mais fácil ao crédito, e que estas, «fazendo das tripas coração», no que se refere à sua caixa própria, possam consubstanciar o que tinham previsto a nível de orçamento.

Na reunião, que decorreu no Governo Civil de Évora, estiveram ainda presentes o secretário de Estado do Desenvolvimento Regional, Fernando Nogueira, o comandante do Serviço Nacional de Protecção Civil, general Neves Cardoso, o chefe do distrito e o presidente e vice-presidente da Comissão de Coordenação da Região Alentejo.

Esclarecimento foi positivo

Os representantes das 14 Câmaras Municipais do distrito de Évora que ontem se avistaram com o ministro da Administração Interna, consideraram a reunião positiva somente em termos de esclarecimento da situação — disse à Anop o porta-voz, Fernando Cruz.

Segundo o presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, em termos de medidas concretas ficou definido um prazo de 48 horas para que o secretário de Estado do Desenvolvimento Regional apresente através do governador civil, uma proposta para avançar com algumas das obras que as autarquias apresentaram com prioridade imediata.

Fernando Cruz tornando pública a opinião das Câmaras presentes, disse que estas medidas não resolverão os problemas, «pois sabemos desde já que os 156 mil contos que consideramos de necessidade imediata não poderão vir nesta altura» — sublinhou.

viar para um familiar ou amigo, em Lisboa, uma mensagem de aniversário ou de qualquer outro tipo, inclusive documento importante que possa ser apresentado como cópia à distância ou telecópia. Em dois segundos, o documento chegará à capital, ficando o original no Porto, é claro. Deste lado da linha telefónica, digamos que o cliente dos CTT terá a telecópia, ou a cópia do original através da linha telefónica.

PCP acusa governação PS/PSD

Até agora foram 100 dias negros

O PCP, através de nota ontem emitida pela SIP, alerta o povo português para o que considera ser «a gravíssima situação económica, social e política para que o País está a ser arrastado pelas mãos do Governo de Mário Soares e Mota Pinto».

O PCP acusa o Governo PS/PSD de «incapacidade para dar solução aos grandes problemas nacionais» e anuncia «as novas grandes lutas dos trabalhadores e das massas populares que se irão desenvolver, necessariamente, em defesa dos interesses de Portugal e dos portugueses».

No extenso documento *a cerca dos 100 dias negros do Governo PS/PSD* o Partido Comunista refere que «quase a concluir-se o período de execução das 100 medidas torna-se evidente que o Governo de liderança PS prossegue em todos os domínios fundamentais a política da AD, e por isso mesmo não houve nenhuma alteração positiva na crise que o País atravessa».

«Pelo contrário» — acrescentam os comunistas — «verifica-se o profundo agravamento da situação económica e financeira nacional e das condições de vida do nosso povo, através dos brutais aumentos dos preços dos bens alimentares, dos transportes colectivos e doutros bens essenciais e de medidas contra os direitos dos trabalhadores, designadamente com a preparação de uma perversa lei de despedimentos».

Acordo com FMI agravará situação

A nota do PCP considera depois «significativo» que uma das «mais importantes realizações do Governo nestes três meses seja a negociação de um acordo com o FMI, o qual «representa a

subordinação da economia nacional aos interesses e comandos económicos do imperialismo e prevê expressamente a redução da produção».

Além disso, esse acordo implica ainda a «diminuição dos salários reais e das prestações sociais, o aumento do desemprego, o congelamento dos investimentos e o ataque ao sector público» — continua a nota da STP do PCP antes de acrescentar:

«Tal política, já seguida pela AD, assenta no aumento de preços; na desvalorização do escudo; no aumento de taxas de juros; na contracção do crédito; no corte de subsídios a bens essenciais; na liquidação das nacionalizações e da Reforma Agrária; no recurso sistemático aos empréstimos externos».

Ora, dizem os comunistas, «tal política tem por objectivo imediato dar um novo impulso à formação e redistribuição da mais-valia, em favor do grande capital, fazer pagar a factura da crise aos trabalhadores e às camadas médias (pequenos e médios empresários) e procurar reduzir conjuntamente o défice externo pela recessão das actividades económicas e a redução drástica dos consumos populares».

Por fim, o PCP sublinha que «a experiência já demonstrou, ao longo dos últimos sete anos, que esta política conduzirá a um maior atraso do País, ao agravamento de todos os problemas nacionais, ao desemprego em massa, às falências em série. Não resolverá, antes agravará, os défices e o endividamento externos e, em geral, a dependência da nossa economia em relação ao estrangeiro».

«Não podendo disfarçar as brutais consequências e os enormes custos sociais da sua

política antipopular e antinacional» — realça seguidamente a nota do PCP — «os governantes do PS e do PSD lançam-se numa grande campanha para fazer crer que não há outra política senão a que estão a seguir, que os «sacrifícios dolorosos», além de «necessários para vencer a crise», são «distribuídos por todos».

Ora, afirma o documento, «é necessário dizer que com tal postura se acentuam e sublinham as pesadas responsabilidades da coligação PS/PSD num autêntico crime premeditado contra a economia, os interesses nacionais, o regime democrático e o futuro do País». Isto porque — prossegue o PCP — «nem os sacrifícios e privações são para todos, nem tão-pouco a política de desastre que os origina e impõem é a única possível e muito menos a política necessária para a crise».

Recorrendo a números, diz a nota:

«É ilucidativa esta realidade que já em 1982 — em que segundo dados do Banco de Portugal os salários reais diminuíram 2,5%, apesar da produtividade do trabalho ter aumentado 3,7% — a parte dos salários na distribuição do Rendimento Nacional tenha diminuído de 47,2% (em 1981) para 44,9%, enquanto que o chamado excedente bruto da exploração (isto é juros e lucros) tenha aumentado de 39,1% para 42,3%».

Além disso, «também não é verdade que os sacrifícios impostos por uma tal política conduzam sequer à resolução do problema do endividamento externo. Foi com uma política igual que a AD acumulou, em três anos, défices de transacções correntes que quase atingiram os 500 milhões de contos e duplicou o endividamento externo do País».

A superação da crise

Na parte final do documento a SIPV lembra:

«Decorre do próprio bom senso que a superação da crise só pode ser alcançada pelo desenvolvimento da economia, antes de tudo pelo aumento da produção e não pela estagnação e regressão, como o governo pretende e o FMI preconiza. Mas isso não se conseguirá com uma ofensiva feroz contra as nacionalizações que visa conduzir o sector público à desagregação e à falência. Não se conseguirá com uma política agrícola como a que acaba de ser definida pelo governo, que estabelece novos ataques contra a Reforma Agrária e os pequenos e médios agricultores e nenhuma medida de estímulo e fomento da produção. Não se conseguirá tão-pouco com uma política que amplie as dificuldades sobre as actividades produtivas, com altas taxas de juro com difícil acesso ao crédito e com a quebra da procura interna derivada do agravamento das condições de vida da população».

Deste modo, adianta, «ao cabo dos três primeiros meses de acção do Governo PS/PSD torna-se evidente ser seu objectivo impor uma política antipopular e antinacional por métodos cada vez mais antidemocráticos que comportam a repressão e a intimidação política».

Por tudo isto «aos trabalhadores, aos democratas, a todos aqueles que se identificam com o 25 de Abril não são consentidas, agora, quaisquer dúvidas sobre as desastrosas consequências da orientação seguida pelo Governo PS/PSD».

Num jantar com parlamentares da NATO

Mota Pinto exalta Aliança Atlântica

O ministro da Defesa afirmou, ontem que Portugal «considerou sempre a Aliança Atlântica sólida, firme e importante suporte da sua segurança externa».

Mota Pinto discursava durante o jantar que ofereceu à delegação da Assembleia do Atlântico Norte, que visitou o País.

Enaltecendo os esforços comuns que têm sido desenvolvidos, o governante português recordou que a NATO tem podido «beneficiar da privilegiada zona estratégica em que a natureza implantou» Portugal.

Mota Pinto garantiu que o Governo português «inscreve no seu programa e garante na sua acção leal e escrupulosa, o mais estreito entendimento com a Aliança e com todos os países que a integram».

Deste modo, disse, «estará sempre na primeira linha dos que defendem a sua coesão, o seu reforço e a firmeza perante todos os que lhe são permanente ameaça».

Salientou que o Governo português, designadamente o ministro da Defesa Nacional, «está

particularmente atento a tudo o que possa pôr em causa a coesão e o poderio da Aliança, a tudo o que possa prejudicar ou perturbar o seu funcionamento, seja no plano estritamente militar, seja no plano as formas insidiosas com que os seus adversários pretendem paralisar a sua acção e minar os seus fundamentos».

«A esta luz — prosseguiu — prestamos especial cuidado aos efeitos altamente negativos que poderão advir da situação económica difícil que o meu País

atravessa e ao accionamento das únicas medidas susceptíveis de o solucionar».

Mota Pinto disse estar convicto de que «com a compreensão e o auxílio de todos, tal situação se inverterá e com ela o desaparecimento de uma das fontes das actuais preocupações» do Governo português.

Durante o dia, o ministro da Defesa Nacional recebeu em audiências sir Patrick Wall, que chefiava a delegação da Assembleia do Atlântico Norte.

Lisboa-Porto-Funchal-Ponta Delgada

“Correio Electrónico” para 2 milhões na segunda quinzena de Outubro

Os CTT vão lançar no próximo mês um serviço público de telecópia à distância que numa primeira fase ligará a capital ao Porto, Funchal e Ponta Delgada. Já na segunda quinzena de Outubro, se quiser enviar uma mensagem de parabéns a um familiar no Porto, é só dirigir-se ao Terreiro do Paço, em Lisboa: dois segundos depois a cópia estará nos CTT da Invicta.

E o contrário também poderá acontecer: alguém do Porto en-

viar para um familiar ou amigo, em Lisboa, uma mensagem de aniversário ou de qualquer outro tipo, inclusive documento importante que possa ser apresentado como cópia à distância ou telecópia. Em dois segundos, o documento chegará à capital, ficando o original no Porto, é claro. Deste lado da linha telefónica, digamos que o cliente dos CTT terá a telecópia, ou a cópia do original através da linha telefónica.

Aliás, o sistema há muito que está implantado nas comunicações entre as grandes empresas e, inclusive, documentalmente, as empresas jornalísticas. É assim que (tele)fotos de acontecimentos importantes ocorridos em Lisboa, já noite avançada, são publicadas pelos jornais do Porto na edição do dia seguintes, e vice-versa. Acontece também (tele)fotos de factos de interesse nacional, passados no Porto, serem inseridos nos vespertinos

de Lisboa no próprio dia, apesar de se terem processado, por vezes, duas e três horas antes da edição dos jornais da tarde.

É claro que se trata de serviços privados, através dos CTT. Mas o novo sistema que os CTT porão em marcha na segunda quinzena de Outubro são, já, serviços públicos aos quais terão acesso todos os clientes. A ligação será feita pelos CTT e, numa

primeira fase, apenas entre Lisboa e Porto, Funchal e Ponta Delgada. Além da mensagem, esses serviços poderão enviar desenhos e fotos, aparecendo do lado de lá as respectivas cópias.

É a isso que se chama «Correio Electrónico», que já existe em todos os países da Europa e que permite ao utente receber em fracções de segundo, à distância, cópia de um documento.

Para as ligações entre Lisboa e Porto os CTT montaram uma linha especial. Se se tratar de um documento de várias páginas, o cliente pagará 200\$00 pela primeira e 150 por cada uma das restantes, quando enviadas de estação para estação. Mas o cliente poderá receber a mensagem ou a (tele)cópia do documento em casa (se viver numa daquelas quatro cidades) ou na Caixa Postal — se dela dispuser.

APROVADO PELOS ALUNOS

APROVADO PELOS ALUNOS

APROVADO PELOS ALUNOS

SENECA T:40092

SENECA T:822776

SENECA



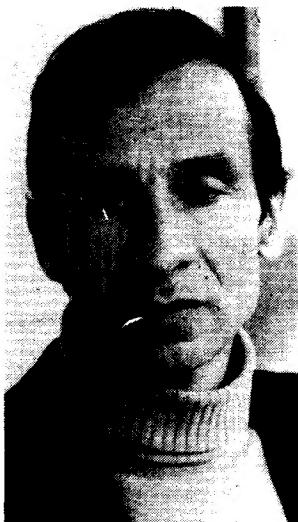
de ontem para hoje

Alarme na Portela por suspeita de bomba a bordo dum avião da TAP

A suspeita da existência de uma bomba a bordo de um avião da TAP-Air Portugal, que se preparava para descolar do aeroporto da Portela com destino a Paris, levou ontem à tarde, cerca das 14 horas, à suspensão do voo pelo prazo de quarenta e cinco minutos. Sem especificar o teor do telefonema anónimo, o Gabinete de Imprensa da TAP limitou-se a referir que o atraso na descolagem do aparelho se deveu a «razões de segurança». No local esteve uma equipa da Brigada de Minas e Armadilhas da PSP que nada detectou de anormal.

Ensaio na RFA sobre a obra de Urbano

A editora Maag Und Herchen Verieg, de Frankfurt, na Alemanha Federal, acaba de publicar um ensaio da autoria de Manuel Megwer intitulado «Die Darstellung Von Provinzialität Und Salazarismo in Fiktionalen Prosawerk Von Urbano Tavares Rodrigues» («A Reprodução da Mentalidade Provincial da Salazarismo na Obra de Ficção de Urbano Tavares Rodrigues»). Trata-se de uma tese de doutoramento de cerca de quatrocentas páginas compactas, com uma extensa bibliografia. A obra literária do romancista português, e nosso antigo camarada de Redacção, estudada a fundo, é situada no contexto político e social português com grande rigor.



Soldado pára-quedista morre em acidente

Um soldado pára-quedista do Regimento de Tancos, Francisco José Fernandes de Oliveira, morreu ontem na colisão brutal entre o veículo militar em que seguia e um camião, ocorrido na estrada que liga Oliveira de Frades a Vouzela, no lugar do Souto de Lafões. No acidente ficaram ainda feridos um furiel e um soldado do mesmo regimento, os quais foram transportados de helicóptero para o Hospital de Santo António, no Porto.

Assaltada a residencial «Horizonte»

Dois desconhecidos, um dos quais a falar espanhol, assaltaram ontem de madrugada a residencial «Horizonte» na Avenida António Augusto de Aguiar, em Lisboa, sequestrando o rececionista e um hóspede e fugindo depois num automóvel vermelho com cerca de 220 contos em dinheiro e algumas jóias. O assalto ocorreu cerca das 2 e 30 e a rápida intervenção da

PSP, alertada por uma testemunha ocular, evitou que os dois homens se apoderassem de ouro e jóias no valor de 20 mil contos que o hóspede, João Serra, ourives radicado em Avintes, tinha em seu poder. Os assaltantes tinham alçado o rececionista e o ourives, mas fugiram quando se aperceberam da aproximação dos agentes da autoridade.

Português em Espanha com heroína

Um português residente na Holanda, António Oliveira Duarte e três espanhóis foram ontem detidos em Valência, acusados de presumível tráfico de heroína. Aos detidos, que segundo as primeiras diligências policiais participaram também em vários assaltos, foi-lhes confiscada droga avaliada em mais de três milhões de pesetas. As suspeitas centraram-se à volta de quinze pessoas, e mais tarde comprovou-se que no automóvel de António Oliveira se tinha introduzido em Espanha grande quantidade de heroína. Os espanhóis detidos são Rafael Blasco Palau, António Rodon Perez e Vicente Laluz Canete.

Esclarecida a morte de Maria Isménia

A jovem Maria Isménia Oliveira da Silva, de 20 anos, que, conforme noticiámos, apareceu morta na manhã do passado dia 17 de Agosto à porta da sua casa, em Pocinhos (Guimarães), não foi assassinada à punhalada, como inicialmente se pensou, mas sim atropelada acidentalmente por um autocarro da empresa João Carlos Soares & Filhos, cujo condutor devido

ao nevoeiro não se apercebeu do embate. A informação foi agora fornecida pela Polícia Judiciária de Braga que afirma ter sido Maria Isménia apanhada pelo tampo do radiador do autocarro, BZ-09-50, conduzido por Adelino Gomes, o qual momentos depois provocaria, ao fazer uma ultrapassagem, novo acidente à entrada de Vizela, de que resultaram apenas danos materiais no veículo.

Vinte armas apreendidas pela GNR

A GNR apreendeu em todo o País, ao longo do passado mês de Agosto, vinte armas de fogo de diferentes tipos de calibre, duas das quais (pistolas de calibre 7,65) foram utilizadas em acções criminosas. Quanto às outras, que se encontravam em condições de ilegalidade, são cinco pistolas de calibre 6,35, três de gás, adaptadas para projectil de 6,25, duas de 8 mm, seis espingardas caçadeiras e duas de tipo e calibre não referenciados.

Ambiente de descontentamento na Judicária do Porto

Fuga de «Chico Francês» compromete autoridades prisionais nortenhas

No meio policial contam-se pelos dedos aqueles que terão ficado surpreendidos com a fuga de Francisco Pinto Pinto, o «Chico Francês», que, conforme ontem noticiámos, estava detido na Cadeia de Custódias com sete anos de prisão para cumprir e saiu em liberdade graças a um mandado de soltura falso. De facto, tendo em conta todos os antecedentes quer de «Chico Francês», quer do «gang» ao qual ele está ligado, era mais do que previsível aquilo que agora aconteceu. Tanto mais quanto é certo que o «Chico Francês» era um indivíduo que sabia demasiado em relação à fuga de Manuel Adriano Lopes, do tribunal de S. João, designadamente o modo como a mesma se proces-

sou e bem assim o grau de responsabilidade de quem facilitou essa fuga.

Como escrevemos na nossa edição de ontem, Francisco Pinto fez parte de uma quadrilha que foi desmantelada em 1980 pela Polícia Judiciária e que, algum tempo depois, foi acusada de constituir uma associação de malfetores. Daí que, neste momento, alguns elementos da Polícia Judiciária, mormente aqueles que arriscaram a vida para deterem o referido «gang», evidenciem um certo descontentamento por aquilo que se passou com dois cadastrados considerados perigosos. Logo que se deu a fuga de Manuel Adriano Lopes (condenado a 15 anos de prisão por assaltos à mão

armada), «Chico Francês» teve uma série de desabafos que foram registados pelos guardas da Cadeia de Custódias. Desabafos esses que punham em «xeque» o funcionário judicial que tinha a responsabilidade de não deixar fugir os presos. Tudo isso ficou escrito e foi devidamente canalizado para a entidade encarregada de proceder ao respectivo inquérito.

Muitas foram as pessoas que já depuseram sobre o assunto e agora era a vez de «Chico Francês» ser ouvido. Daí a razão por que foi transferido da cadeia de Paços de Ferreira para Custódias. É evidente que perante as provas recolhidas, «Chico Francês» não tinha muito por onde escolher: fi-

car calado seria comprometedor e poria em risco as suas relações com os guardas prisionais; falar e dizer a verdade talvez fosse a solução adoptada pelo inquirido, que se sentia «traído» por tudo quanto se passou. Ele que estava em liberdade, que compareceu voluntariamente no julgamento, que estava a contar com uma pena suspensa, apanha sete anos e meio de cadeia». Isso podia lá ser.

No meio policial acredita-se que, desta feita, o inquérito à fuga de «Chico Francês» irá trazer complicações para algumas pessoas e que a «lição» pode muito bem salvar as aparências e adiar por mais uns tempos a «limpeza» há muito reclamada.

Em Portugal são 20 por cento

Há pelo menos um Plano de Base para reduzir o número de analfabetos

PORTO, 7 — Espectáculos infantis, colóquios, exposições, projecção de filmes, torneios desportivos e concursos de fotografia são algumas das iniciativas que assinalam amanhã, neste conceito, o «Dia Internacional da Alfabetização».

Instituído pela UNESCO em 1966, o dia 8 de Setembro é dedicado internacionalmente à causa do analfabetismo. Segundo este organismo, o número de analfabetos atingirá, no final do século, 900 milhões, se «nada de muito especial se fizer para alterar esta situação».

Nesse sentido, a UNESCO «re-

comenda aos Estados membros que tomem medidas especiais tendentes a atenuar o elevado índice de analfabetismo e subdesenvolvimento que existe, sobretudo nos países do Terceiro Mundo, mas também nalguns países semi-industrializados e até industrializados da Europa e de outros continentes».

Por isso a UNESCO, num documento alusivo às comemorações, distribuído ontem pela Direcção-Geral de Educação de Adultos, sugere para que se aproveite essa data para se articular melhor o ensino primário das crianças com a alfabetização dos jovens e adultos e propõe que se

intensifiquem os planos de alfabetização já existentes.

Em Portugal algo se tem feito a este nível, tentando reduzir, substancialmente, a elevada taxa do analfabetismo, que segundo a DGEA «é superior a 20 por cento».

Informar, sensibilizar e motivar a opinião pública para os problemas do analfabetismo, tendo em vista a redução da sua taxa, tem constituído a acção desenvolvida pelo Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos (PNAEBA). Impedir o analfabetismo regressivo é outro objectivo contido naquele plano,

elaborado pelo Governo, Assembleia da República e Conselho Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos que surgiu há cerca de dez anos.

Integradas na alfabetização e abertas a toda a comunidade, promoveram-se acções de teatro, projecção de filmes e diaporamas e colóquios sobre temática diversa, com a participação dos Serviços de Saúde, MAP e FAOJ, entre outros.

Foram ainda organizadas visitas de estudo guiadas e efectuaram-se trabalhos de levantamento, recolhas sobre património cultural e artesanato.

História judaica na Guarda

A cidade da Guarda será centro de um seminário internacional sobre história judaica em países de expressão espanhola e portuguesa, de 14 a 17 do corrente. No seminário participam estudantes de Portugal, Espanha, Brasil e Israel. Esta actividade, que pela primeira vez se realiza em Portugal visa aprofundar o estudo da presença hebraica nos países ibéricos. Está prevista a participação, entre outros conferencistas, dos professores da Universidade Livre do Porto, Adriano Vasco Rodrigues e Baquero Moreno. Os participantes vão contactar com a comunidade judaica de Belmonte, uma das mais numerosas da península Ibérica. Os trabalhos são coordenados por Shifra Horn, responsável por estas actividades na União Mundial dos Estudantes Judeus, que organizam este seminário.

Holandeses contactam «clandestinos» de Loures

Um grupo de 14 estudantes universitários holandeses deslocou-se aos bairros clandestinos de Loures, no âmbito de uma visita que está a fazer a Portugal. O grupo pertence a um curso de pós-graduação em planeamento urbano da universidade holandesa de Nijmegen e encontra-se en-

em duas palácios

tre nós para analisar o panorama habitacional português. Uma das intenções do grupo é visitar principalmente os bairros clandestinos dos arredores de Lisboa, nomeadamente Loures, Odivelas e Telheiras, entre outros, para se inteirar das razões pela quais eles surgiram.

Açores quer aplicar Imposto de Turismo

O executivo açoriano vai propor ao Parlamento Regional a aplicação no arquipélago, com algumas alterações, do novo regulamento do Imposto de Turismo. A proposta de diploma aponta para a divisão em partes iguais, entre o Governo e as Câmaras Municipais da Região, das receitas do Imposto de Turismo, que não tem sido cobrado desde 1980. Incidirá sobre as actividades exercidas em estabelecimentos hoteleiros e similares, parques de campismo e organizações de circuitos turísticos e de aluguer de automóveis.

S. João da Talha: não há espaço para os mortos

A Junta de Freguesia de S. João da Talha, no concelho de Loures, anunciou que até ao fim

do ano não poderá haver mais funerais para o cemitério local, «por falta de covatos disponíveis». O executivo daquela junta afirma que os funerais terão de se efectuar para St.ª Iria de Azoia, dado que as entidades governamentais responsáveis pelos cemitérios não têm alegadamente manifestado interesse por resolver o problema de S. João da Talha, freguesia com cerca de trinta mil habitantes. Um comunicado distribuído pelo executivo da junta diz que a Câmara Municipal de Loures já adquiriu parte do terreno necessário para ampliação do cemitério de S. João da Talha, mas que não lhe foi possível comprar a parte restante, dado o «preço exorbitante» pedido pelo respectivo proprietário.

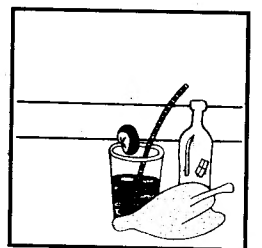
Resíduos nucleares: cientistas em Vigo

Cientistas de Inglaterra, Bélgica, França, Suíça, Portugal, Espanha e Dinamarca participam num Seminário Internacional sobre Resíduos Radioactivos que começa hoje em Vigo. O seminário é organizado pelo Centro Internacional de Formação e Ciências Ambientais (CIFCA). A inauguração ocorreu ao fim da manhã com uma intervenção do director do Centro, Hector Echechure, que fez uma exposição geral sobre a preocupação dos ambienta-

listas em relação com o lançamento de resíduos radioactivos no mar e as razões por que se escolheu a Galiza para este seminário.

Crianças de Braga sem exposição

A V Exposição para a Infância e Juventude (Juveminho/83) não se realizará este ano na capital minhota por determinação da administração do Parque Municipal de Exposições de Braga (PMEB). A diminuta colaboração para o certame deste ano, que deveria ocorrer entre 15 e 23 de Outubro, não permite a sua realização, «consentânea com os seus objectivos tradicionais». E daí a razão da sua suspensão — esclareceram responsáveis pelo PMEB. O certame vinha sendo promovido desde 1979 por iniciativa da autarquia bracarense e outras entidades oficiais directamente ligadas à infância e à juventude.



NÃO tome banho sem ter feito a digestão

Breve retrato da seca no Alentejo (e não só)

“O meu medo é que me batam à porta dizendo que acabou a água”

-um alerta da presidente da Câmara de portel

“O meu medo é que me batam à porta, a meio da noite, dizendo que a água acabou” — diz a presidente da Câmara Municipal de Portel, Manuela Oliveira, com ar de quem não pode fazer muito mais. E confessando-o. O medo desta autarca é o contraponto do que já se tornou frequente em várias zonas do Alentejo, e não só. As carências gravíssimas de água estendem-se por toda a faixa do interior do País, com repercussões na totalidade do Algarve. Em algumas autarquias tem sido, entretanto, possível dar um certo verniz de normalidade. Mas não falta quem, de bom senso, se interroge por quanto tempo vai ser possível.

O caso é que a Portel, ainda Portel, aportam muitos automobilistas com ar de quem atravessou o deserto e perguntam: «aqui há água?»? Perante a afirmativa, apresentam-se a alugar um quarto, mesmo que em casa particular, com o fim último de sentirem água escorrendo da cabeça aos pés.

Eles, esses seres que respiram água como sonho próximo, vêm do Algarve onde já se faz sentir a penúria e atravessaram todo o Baixo Alentejo. Ai, cruzaram o fogo de uma terra que bebe água a peso e medida, levada por estrada, num esforço supremo de quem defende a terra que é sua.

O grande problema aqui como pela mais de metade do País que normalmente tem carências de água é a falta de medidas de fundo. As dificuldades actuais resolvem-se como é possível, ao cabo de seis anos de seca, tantos são os do ciclo da maldição constatada estatisticamente.

Assim, as autarquias abrem buracos aqui e ali, esgotam verbas e adiam prioridades. Mas também sugam lençóis de água, porque é de todos os dias secarem furos que começaram com relativa abundância.

«A verdade é que ninguém sabe o que é que está lá de baixo» — confessam, em geral, os autarcas que se vão socorrendo dos furos. A sua execução não é completamente fruto do acaso, é certo: umas vezes são geólogos particulares, outros oficiais. Mas estudos, esses é que não existem.

O que escorre par o mar

A grande questão hoje é que não se pode continuar a viver das águas subterrâneas, até porque muitas vezes são exploradas sem um mínimo de cautelas. A sua extração, sem possibilidade reconhecida de reposição pode ser um passo mais no caminho, firme que trilhamos a caminho da desertificação. E não só no Algarve.

A alternativa, todos ou pelo menos muitos o têm dito, é a de aproveitar intensivamente as águas de superfície, aquele manancial quase inestimável que todos os anos, mesmo nestes últimos, em que tão pouco tem chovido, se perdem no mar. E aí se inclui todo um plano de barragens; muitas delas já estudadas e projectadas, mas que não entram em fase de execução.

A emergência é, agora um problema concreto das populações, como dissemos de toda uma extensa faixa do interior. E aí surge outro dos grandes pontos de conflito que é o do apoio sistemático, o de o Poder Central assumir ou não os custos que a actual situação representa.

«O conjunto dos três distritos do Alentejo necessitaria de, pelo menos, 500 mil con-

tos para fazer face à actual situação» — diz-nos Joaquim Miguel, presidente da Câmara de Arraiolos e coordenador do grupo de trabalho que faz o ponto do distrito de Évora.

Os números oficiais reproduzem uma preocupação ou capacidade de resposta bem diversa. O Governo destinou para o combate à seca, durante o ano corrente, qualquer coisa como 50 mil contos... mas a nível nacional.

poderia ser abastecida directamente a partir da Barragem de Alqueva. A população da área restante ficaria então dependente da Barragem de Alentejo. Só que, di-lo Manuela Oliveira, Alentejo depende afinal de Alqueva, particularmente nos períodos de seca mais intensa.

«Alqueva seria o coramento de todo o sistema de rega e de abastecimento de água que tem sido feito no

vai à volta, sintetiza pensando em Alqueva: «E tantos Invernos que já se perderam».

O mapa da seca

A observação de um mapa de distribuição das dificuldades de abastecimento de água dará facilmente a verdadeira dimensão do problema que os sucessivos governos se têm recusado a encarar de forma profunda.

para ser possível avaliar. No concelho de Montemor-o-Novo, por Exemplo, um dos que tem maiores dificuldades, a partir de Elvas e Almodôvar, existem três localidades (Cortiçadas, Ciborro e Cabrela) que têm água durante dois curtos períodos por dia.

Elvas, ainda, no distrito de Portalegre, regista quatro freguesias com sete mil habitantes que são abastecidas duas vezes por dia. Uma delas, a de Vila Boim, com 1700 habitantes, é abastecida duas vezes por semana... e basta (?).

A própria cidade enfrenta o problema já com um certo dramatismo: a parte baixa tem água apenas durante a manhã, enquanto à parte alta chega exclusivamente a que é levada por autotanque.

truir o sistema que permitisse a captação de água a partir daquelas barragens até às populações que dela necessitam sistematicamente e não só, como poderá parecer à primeira vista, durante épocas de escassez como esta que vivemos.

A questão que se põe aí é saber quem vai investir. As autarquias têm, em muitos casos, dinheiro que baste para uma gestão corrente, pouco além dos pagamentos a pessoal. Os governos vão gastando, ainda que pouco, com estas soluções de emergência, deixando as definitivas para quem vier a seguir.

...mas vai escorrendo

O mapa da seca que aqui deixamos esboçado nem sequer corresponderá, afinal, aquilo que de facto se passa no terreno. Évora é disso exemplo, com a sua aparente abundância de água, com rega de jardins, o verde ainda.

A água que abastece a cidade, é, contudo, milimetricamente vigiada, no seu depósito recente que é a barragem de Monte Novo, obra que obrigou o município a investimentos avultados de captação, tratamento e condutas.

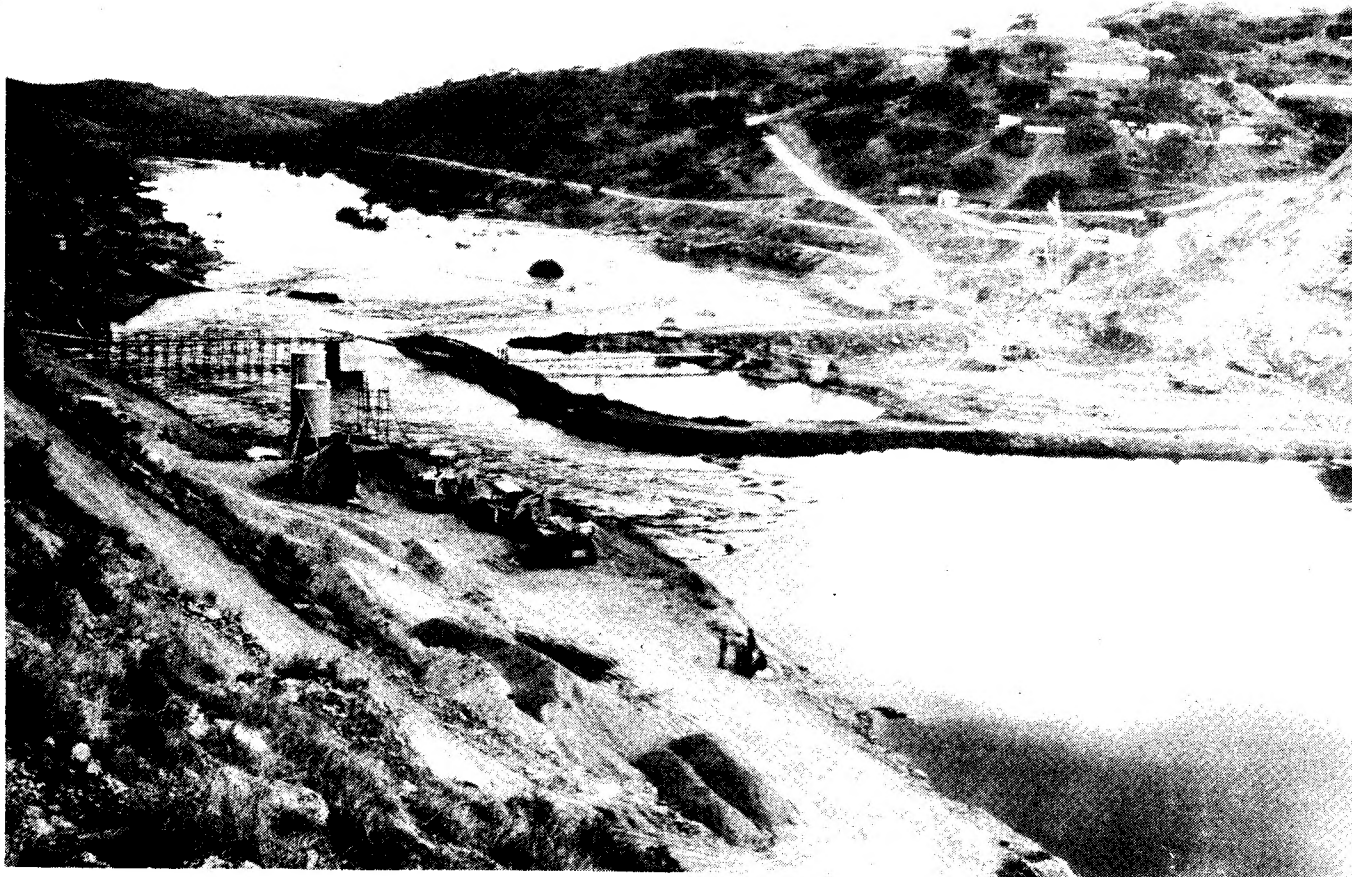
A aparente menorização do drama, neste concelho como em alguns outros, é afinal o resultado de uma opção de fundo tomada a nível local, privilegiando soluções definitivas em detrimento de remédios de circunstância.

Essa política tem implicado um grande esforço económico-financeiro da parte da autarquia, como nos revela o vereador Andrade Santos. Embora não haja números concretos, calcula que desde 1976 terão aplicado 500 mil contos na resolução do abastecimento de água ao domicílio de 90 por cento dos habitantes do concelho. De momento, acrescenta, há mais oito mil contos de obras em curso.

A opção tem uma correspondência prática, em cada momento. Fomos, por exemplo, ver no terreno uma nova conduta que está a ser instalada em direcção a Nossa Senhora de Machede, onde as carências de água se têm agravado nos últimos meses. A resposta foi imediata, com a execução do projecto, mobilização de verba a partir de outras rubricas e lançamento no terreno.

A presidente da Câmara de Portel, por sua vez, defende o mesmo tipo de soluções. E exemplifica com o caso de Monte de Trigo, com os seus 1200 habitantes. O esgotamento do poço respectivo, levou a uma tentativa de reforço no valor de 700 contos. A verba foi desviada de outros fins, mas Manuela Oliveira ficou muito contente. É que, a alternativa seria ir buscar água a cinco quilómetros de distância gastando dez vezes mais...

Rogério Vidigal



Alqueva, um plano há muitos anos parado, que constituiria a solução de muitos dos problemas de abastecimento domiciliário de água em quase todo o Alentejo. Alqueva, ainda, como exemplo do muito que há a fazer no aproveitamento dos recursos hídricos superficiais...

Os conflitos que daqui resultam são inevitáveis: por um lado as autarquias a subsidiar com esta verba sentem-se ridicularizadas com pequenas verbas, que lhes são concedidas com vista ao pagamento das inevitáveis despesas que uma situação de emergência implica; por outro, vão esgotando verbas de outras rubricas, deixando planos para «melhor oportunidade».

Tudo passa por Alqueva

A grande indecisão, entendem os autarcas de toda esta região que periodicamente passa sede, continua a ser o projecto de Alqueva, tomado nas suas componentes de rega e abastecimento de água. Di-lo o vereador da Câmara de Évora, Andrade Santos, ligado ao problema, recorda-o Joaquim Miguel, insiste Manuela Oliveira. É a voz de grande parte dos autarcas a cuja porta batemos para saber como vão os males.

Portel, ainda, como exemplo: uma parte do concelho

Alentejo e do que se encontra por fazer» — diz o vereador eborense Andrade Santos.

O problema de Alqueva, como de todo o conjunto de barragens que constituirão um sistema, não é só e exclusivamente o da construção das barragens e já não é pouco, como recordam de um modo geral os autarcas. É que as Câmaras não têm capacidade para serem elas a concretizar todo o conjunto de obras que se tornam indispensáveis para assegurar a chegada dessa água até às populações.

É o caso das estações de tratamento e elevatórias, muitos quilómetros de condutas. «No caso da Câmara de Portel» — calcula a respectiva presidente — «para concluir o equipamento da parte ocidental do concelho necessitaríamos de todo o orçamento municipal durante vários anos».

A verdade, porém, é que muitas barragens e todas elas indispensáveis continuam à espera de vez, do Algarve a Trás-os-Montes. Um velho alentejano, contemplando, constatando a desolação que

A grande intensidade da seca tem particularmente incidência numa bolsa do interior do rio Douro e toda a faixa sul do Baixo Alentejo, entrando mesmo um pouco no Algarve. Toda esta região, por sua vez, está colocada a meio termo na intensidade do fenómeno, enquanto toda a restante zona do interior regista uma seca relativa.

Em condições que poderão considerar-se normais encontra-se uma faixa que abrange todo o litoral estreitando progressivamente até um pouco abaixo de Sines.

Cada uma das divisões com os graus que representa tem uma correspondência na vida real das populações. «Quem vive em situação de normalidade, ainda que relativa, não chegará a aperceber-se facilmente do que significa viver assim...», diz-nos um habitante que sente todos os dias o problema.

Panorama de desolação

Algumas linhas sobre a situação que se vive em algumas regiões e localidades

Visando a reintegração dos despedidos

Maquinistas da CP anunciam quatro dias de greves

O Sindicato dos Maquinistas convocou greves de 12 horas na CP, para os próximos dias 16, 23, 27 e 30, a cumprir no período compreendido entre as nove e as 21 horas.

Estas paralisações visam a reintegração dos maquinistas despedidos ou reformados compulsivamente, na sequência do não acatamento da requisição civil decretada pelo

anterior Governo, durante as greves da Páscoa.

O Sindicato, que ontem se reuniu extraordinariamente, para além de «repudiar energicamente o inqualificável e antidemocrático despedimento político», considerou «ser de rejeitar de imediato o arrastamento e o silêncio que o Governo vem mantendo em todo o processo».

Entretanto o mesmo Sindi-

cato afirma que tem pago regularmente os salários aos 33 maquinistas afastados dos seus postos de trabalho.

O pré-aviso de greve, que é hoje entregue, é igualmente subscrito pelo Sindicato dos Trens e Revisão.

Ontem foram também realizadas várias concentrações de ferroviários da CP, que reclamaram o «pagamento imediato

dos salários de Agosto e a garantia de que os atrasos não voltarão a repetir-se», segundo afirma um comunicado da Federação dos Sindicatos Ferroviários.

O documento refere que estes atrasos «é uma estratégia para tentar atemorizar os trabalhadores e fazê-los engolir o pacote laboral que a AD preparou mas não teve força para impor».

UGT coopera com central sindical israelita

A UGT e a central sindical israelita, Histadut, decidiram intensificar a sua cooperação no campo da formação sindical.

Os novos planos de cooperação foram delineados durante uma visita a Portugal de uma delegação da Confederação de Israel, chefiada por Nachum Fassa, membro da sua comissão executiva e anunciada em Lisboa em conferência de imprensa.

Entre esses planos figura um que prevê um apoio «muito importante» da Histadut a um projecto da UGT com vista à criação em 1984 de uma escola de formação de quadros sindicais.

A confederação israelita, que diz representar 1 500 000 trabalhadores, é considerada próxima

do Partido Trabalhista, mas as suas estruturas albergam dirigentes de outras tendências.

No termo da visita da delegação da Histadut foi assinado um comunicado conjunto que expressa a vontade mútua de alargar a cooperação bilateral ao campo do fomento cooperativo.

O documento também manifesta, no plano internacional, o «agrado de ambas as partes» pelo início da retirada do Exército israelita do Líbano, mas apela às outras forças para que imitem o gesto.

A UGT e a Histadut consideram também preocupante o «desrespeito» em vários países dos direitos humanos dos judeus, que querem emigrar para Israel.

CGTP rejeitou o projecto de lei de suspensão dos contratos de trabalho

Reunido durante várias horas, o Conselho Nacional da CGTP/IN rejeitou ontem o projecto de decreto-lei sobre a suspensão dos contratos de trabalho («lay-off»), tendo deliberado divulgar amanhã, em conferência de imprensa, as medidas que o movimento sindical unitário vai tomar face à ofensiva do Governo contra os direitos dos trabalhadores.

Além da análise da situação social e do projecto do «lay-off», considerado como «lei dos despedimentos», os dirigentes sindicais debateram a preparação de uma conferência nacional, para discussão e adopção de medidas sobre a mesma lei.

O Conselho Nacional da Inter-sindical volta a reunir-se nos próximos dias 16 e 17, a fim de fazer

um balanço dos plênários distritais de sindicatos que têm estado a decorrer e programar acções de luta.

Entretanto está marcado para esta tarde um plenário da União dos Sindicatos de Lisboa (USL), que terá a participação de mais de duzentos dirigentes sindicais, em representação de cerca de 650 mil trabalhadores.

Neste plenário, que decorre na sede do Sindicato das Indústrias de Celulose, Fabricação e Transformação de Papel, Gráfica e Imprensa, será analisada a situação social, sendo ainda definidas orientações para a preparação do Encontro Nacional dos Trabalhadores do Sector Empresarial do Estado e as comemorações do aniversário da CGTP/IN.

“Lay-off”

USCB pede alargamento do prazo de discussão

Na sequência de idênticas posições tomadas por várias organizações sindicais, também a União dos Sindicatos de Castelo Branco decidiu solicitar ao Ministério do Trabalho a prorrogação do prazo de discussão do projecto de decreto-lei de suspensão dos contratos de trabalho («lay-off») por mais 30 dias.

A Comissão Executiva daquela União, que ontem se reuniu para uma primeira análise ao projecto governamental, considerou que o prazo de 30 dias concedido para a discussão do «lay-off» é «insuficiente, tendo em conta a importância e complexidade da matéria, a deficiente distribuição da separata do BTE, traduzida em atrasos no envio e escassíssimo número de exemplares» bem como os entraves postos pelas entidades patronais à discussão nas empresas com os trabalhadores.

A U.S. de Castelo Branco decidiu igualmente convocar uma reunião plenária do seu secreta-

riado para o próximo dia 12 e um plenário de sindicatos do distrito para o dia 15, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos.

Deliberou igualmente promover uma ampla discussão com os trabalhadores nas empresas, exigindo para tal que a Inspecção do Trabalho «obrigue as entidades patronais a cumprir o preceituado na lei sindical, no que concerne às reuniões com os trabalhadores dentro das empresas».

«Lei da fome e do desemprego»

A União Democrática Popular (UDP) classificou o projecto de suspensão temporária de contratos de trabalho («lay-off»), como «lei da fome e do desemprego» e «uma bomba ao retardador».

Em comunicado emitido pelo seu secretariado nacional, a UDP apela a todos os trabalhadores «para que se unam e não permitam a aplicação do «lay-off», e assegura que «as grandes empresas têm condições para se porem

à cabeça de luta contra a fome e o desemprego».

A UDP pede a criação de «comissões unitárias contra os despedimentos e contra a suspensão dos contratos de trabalho».

«Com a negra «lay-off» — diz o comunicado — o Governo cumpre as instruções do FMI, aumentando os lucros dos patrões e pondo os trabalhadores a receber apenas 60 por cento do seu salário durante algum tempo».

Acrescenta que o «lay-off» é como uma bomba ao retardador, argumentando que «por agora alguns pensarão que mais vale o 60 por cento do que nada, mas o facto é que amanhã não terão nada, pois a bomba reventará e nessa altura os trabalhadores já estarão fora das empresas, sem capacidade de organização».

Protesto dos metalúrgicos

A Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica

e Minas de Portugal (FSMMP) protestou contra o projecto do «lay-off», classificando-o de ofensiva legislativa contra os interesses dos trabalhadores.

Em comunicado, a FSMMP diz do «lay-off» que é, «depois da Lei Barreto, a ofensiva legislativa mais lesiva da economia nacional lançada após o 25 de Abril».

Com aquela lei — segundo o mesmo documento — o Governo pretende «criar uma autêntica e perigosa rampa de lançamento para a generalização dos despedimentos colectivos, despedimentos sem justa causa, saqueamentos políticos, etc.»

O «lay-off» obedece — afirma a Federação — «às exigências do grande patronato e do FMI» e integra-se numa política geradora do agravamento da situação económica portuguesa, «pondo em causa a nossa independência nacional».

Jornada de protesto da Banca e Seguros

As Coordenadoras das Comissões de Trabalhadores da Banca e Seguros decidiram organizar uma jornada de protesto contra a abertura destes sectores à iniciativa privada.

Em comunicado resultante de uma reunião dos Secretariados Nacionais das Coordenadoras das Comissões de Trabalhadores da Banca e Seguros, convoca-se uma concentração para as 17 e 30 do próximo dia 22, no Rossio, em Lisboa.

A concentração insere-se no objectivo daquelas estruturas laborais de — afirma o texto — «sensibilizar a população para as consequências negativas que a abertura da Banca e dos Seguros à iniciativa privada teria para a economia nacional, para os utentes dos dois sectores e para os respectivos trabalhadores».

Coordenadora das CT's do Porto

A Comissão Coordenadora das Comissões de Trabalhadores do Distrito do Porto acusou ontem o Governo de estar a criar as condições para a reposição dos grandes grupos monopolistas do antes 25 de Abril.

Não é com a política imposta pelo Fundo Monetário Internacional de recuperação dos monopólios, que se resolvem os problemas socioeconómicos do País — sublinha a Comissão Coordenadora das CT's num comunicado divulgado no final de uma reunião.

O documento refere que só no distrito do Porto há cerca de 10 mil trabalhadores com salários em atraso e observa que os ataques do Governo ao sector nacionalizado visam entregar ao grande capital os sectores mais rentáveis da economia.

CTM paga 10 contos por conta de salários em atraso

A comissão de trabalhadores da Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos (CTM) foi informada pelo conselho de gerência de que seriam pagos amanhã 10 mil escudos a cada trabalhador por conta dos salários em atraso.

Um membro da CT acrescenta-

to que também as negociações para o contrato colectivo de trabalho do pessoal de terra prosseguirão dentro de um ou dois dias, ou seja «assim que se possam retomar as negociações para a convenção colectiva do pessoal do mar».

Esclareceu que os sindicatos de terra foram informados pela

comissão negociadora patronal que esse «adiamento se deveu ao facto de as negociações relativas ao pessoal do mar terem avançado mais lentamente do que as do pessoal de terra».

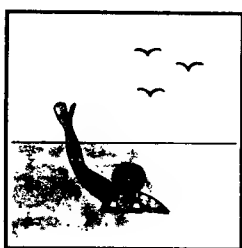
Por outro lado, a comissão de trabalhadores da CTM difundiu uma nota à imprensa em que considera «tendenciosa e mistificadora dos factos» uma notícia publicada nos jornais, segundo a qual a CTM teria recebido uma verba de 1700 mil contos para este ano.

Justifica a nota que essa Verba «se refere ao Orçamento Geral do Estado de 1982, conforme consta do texto do despacho conjunto a que as referidas notícias se referem, tendo sido atribuída e utilizada naquele ano».

Novo CCT dos têxteis

O chamado Sindicato Democrático dos Têxteis (Sindetex), afecto à UGT, assinou com as associações patronais um acordo de revisão do contrato colectivo para os sectores têxtil, tapeçarias, malhas e lanifícios. O novo acordo, que entra em vigor a partir de 1 de Outubro próximo, consagra aumentos globais superiores a 21 por cento e uma melhoria no clausulado geral.

Uma nota do Sindetex diz que, quanto a enquadramentos salariais, «houve também várias categorias que subiram de grupo».



SE
estiver cansado
procure boiar
e não hesite em pedir socorro

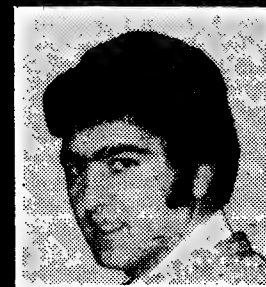
QUINTA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO ÀS 22 H

UMA CORRIDA DE AFICION

DOIS JOVENS - DUAS CERTEZAS NO TOUREIO A CAVALO

CARLOS ARRUDA
AFONSO LOPES

A GENIAL ARTE CIGANA NO TOUREIO APEADO



PARREIRITA CIGANO
MANUEL MORENO

FORCADOS AMADORES DA CHAMUSCA
7-BONITOS TOIROS DE VARELA CRUJO-7

24 horas

Cimeira dos Cinco em Bissau

A próxima Cimeira dos Cinco Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, em Bissau, será de 13 a 15 de Dezembro - anunciou ontem o Conselho Guineense da Revolução. A cimeira de Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, fará uma aná-

lise da cooperação entre esses países e procurará novos campos de acção, para ler de passar em revista a situação internacional, com destaque para a África - indica um comunicado dos Serviços de Imprensa do Conselho da Revolução.

Polónia: manifestações

A Polícia polaca deteve 1472 pessoas nos dias 31 de Agosto e 1 de Setembro nas manifestações antigovernamentais ocorridas em várias povoações da Polónia. Jerzy Urban disse que as manifestações comemorativas do 3.º aniversário dos Acorsod de Gransk convocadas pelo «Solidariedade» foram de menor importância que as de 1982, sob a vigência da lei marcial. O porta-voz do Governo polaco acrescentou que em comparação com o 31 de Agosto de 1982, «o alcance dos distúrbios foi muito menor» e que «a tendência para responder aos apelos da clandestinidade tende a desaparecer».

Isabel Peron em Madrid

A ex-presidente da Argentina, Maria Estella Martinez de Peron, regressou de Guengrola, na costa de Málaga, e já se encontra em Madrid.

Não se conhecem, no entanto, os planos da viúva de Juan Domingo Peron, que permanece em sua residência de Madrid, onde foi estabele-

cido um serviço de vigilância especial.

Vários veículos da polícia encontram-se estacionados nas proximidades do edifício da sua residência habitual na capital espanhola, enquanto outros polícias à civil vigiam o acesso de pessoas impedindo a passagem das pessoas estranhas.

LONDRES

VOOS ESPECIAIS

1 SEMANA - PARTIDAS ÀS 5as FEIRAS E DOMINGOS
MINI-SEMANA (5 DIAS) - PARTIDAS AOS DOMINGOS
FINS DE SEMANA (4 DIAS) - PARTIDAS ÀS 5as FEIRAS

LONDRES E ESCÓCIA

(UMA SEMANA)

Circuito em Autopullman

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

DESDE 1840

obreu

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA - Avenida de Roma, 66 - B Tel. 803809
ALMADA - Rua de Oliveira, 9 - C Tel. 2756272
PORTO-BRAGA - COIMBRA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL



FÉRIAS - 83

LONDRES

PARTIDAS
E REGRESSOS
A LISBOA
TODAS AS 3^{as}
5^{as} E DOMINGOS

DESDE
21 450\$00

PROGRAMAS
ESPECIAIS
PARA TIRAR O SEU
CURSO DE INGLÊS

PRAIAS

PALMA
DE MAIORCA
IBIZA
CANÁRIAS
BENIDORM
TORREMOLINS
AÇORES
MADEIRA
ALGARVE
(PRAIA
DA ROCHA
E ALBUFEIRA)

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

RN TOURS - VIAGENS E TURISMO

Av. Fontes, Pereira de Melo, 33 - 1098 LISBOA CODEX
Tels. 56 00 15 67 - Telex: 12 315 • Av. de Roma, 4-B - 1000 LISBOA
Tels. 88 61 57-88 61 42 4 • R. do Arsenal, 124, 1.º-Esq.º - 1131

LISBOA CODEX

Tels. 32 09 21 32 08 61 - Telex: 16 585

OU NAS VÁRIAS AGÊNCIAS ESPALHADAS PELO PAÍS

PORTO - Tel. 38 07 12 • COIMBRA - Tel. 229 44 • LEIRIA
Tel. 224 13 • SETUBAL - Tel. 232 91 • EVORA - Tel. 242 54 • FARO •
Tel. 230 25 • PORTIMÃO - Tel. 254 13

POUPE COMBUSTÍVEL

Não faça manobras
desnecessárias.



DIRECCÃO-GERAL DE VIAÇÃO

Caça recebeu instruções

URSS admite ataque cont

O Governo de Moscovo admitiu ontem oficialmente que foi dada ordem a um caça da sua Força Aérea para «deter o voo» de um avião que tinha violado o espaço aéreo soviético. Esta informação, veiculada pela agência TASS, precisa que os pilotos soviéticos não podiam saber que se tratava de um avião civil e que tentaram, sem resultado, entrar em contacto com o aparelho violador. O despacho da agência soviética, lido na íntegra pelo representante da URSS no Conselho de Segurança da ONU fo, no entanto, considerado «insuficiente» pela Casa Branca e pelo Governo de Tóquio. Entretanto, e seguindo a conduta dos pilotos canadianos, várias associações de pilotos da aviação comercial estão a decidir um boicote aos voos com destino à URSS.

O comunicado do Governo soviético difundido ao fim da tarde de ontem pela agência TASS e lido na íntegra pelo embaixador Oleg Troyanovsky durante a reunião do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas admite que os caças soviéticos executaram a ordem de «deter o voo» de um aparelho violador, quando eles não podiam saber que se tratava de um aparelho civil.

Depois de afirmar que na noite de 1 de Setembro as fronteiras soviéticas foram «grosseiramente violadas por um avião» que penetrou no espaço aéreo da URSS sobre o mar de Okhotsk e da ilha de Sacalina, o comunicado salienta que na mesma zona se encontrava um avião parecido de reconhecimento da Força Aérea dos EUA, «como o reconhece a parte americana».

A TASS acentua que nessa região se situa «uma base muito importante das forças nucleares estratégicas» da URSS e que, vários aviões interceptadores soviéticos deslocaram para controlar, um, a evolução do aparelho americano, o outro, o avião em infracção. «Os avisos sinalizadores ao avião em infracção que violou o espaço aéreo soviético foram ignorados», embora os

caças tentassem entrar em ligação com o aparelho em infracção com a ajuda do sinal de frequência internacional de 121,5 MHz.

No historial dos acontecimentos, a agência soviética sublinha que os serviços de controlo-rádio «registaram periodicamente breves sinais de rádio codificados, empregues, regra geral, durante a transmissão de uma informação secreta». «Depois da análise», prossegue o texto, «o comando da defesa aérea da região conclui existir uma missão especial de um avião de reconhecimento e mandou proceder a tiros de aviso por obuses traçantes paralelos ao trajeto do aparelho». Como o avião em infracção não acedeu e tentou fugir, o 2.º caça da defesa aérea executou a ordem do posto de comando, de paragem desse voo.

Por fim, terminando o relato dos acontecimentos, o comunicado das autoridades soviéticas assegura que os pilotos não podiam saber que se tratava de um aparelho civil, pois este viajava com as luzes de sinalização apagadas, numa escuridão profunda, em condições de má visibilidade, e não respondeu aos sinais que lhe foram dirigidos.

A gravação apresentada ao Conse

Estas são as principais passagens das conversações dos pilotos interceptadores soviéticos que participaram no ataque contra o Boeing 747 sul-coreano, cuja gravação, realizada pelos serviços secretos japoneses, foi ontem apresentada pelos Estados Unidos ao Conselho de Segurança.

A transcrição americana,

180046 (DEP) (121): CAP (graus) em ascensão a 8000 metros.

(DEP) (121): não compreendi. Que rumo? O meu é 100
180057 (DEP) (121): estou a executar.

180211 (DEP) (121): rumo 50.

180553 (DEP) (805): na direcção 240.

180556 (DEP) (805): já o vejo.

180600 (DEP) (805): Roger, entendido. Voo por trás.

180607 (DKAR) (163): rumo 30,8.000 metros.

180622 (KAR) (163): executado o rumo 100.

180630 (DEP) (805): entendido. Distância do campo de aterragem?

180645 (KAR) (163): altitude 4900. Executo.

(DEP) (121): não compreendi.

180750 (DEP) (805): combustível restante 3 toneladas.

(DEP) (805): entendido, repita a rota.

(DEP) (805): à esquerda, provavelmente não é direita.

180806 (DEP) (805): coloco-me no rumo 260.

180831 (DEP) (805): devo avançar o sistema de armamento? Entendido.

180848 (KAR) (163): 163 deve desembarcar-se dos seus reservatórios suplementares.

180900 (DEP) (805): sim, ele virou. O objectivo encontra-se agora a 80 graus sobre a minha esquerda.

181051 (DEP) (805): executado. A sinalização pisca.

181210 (DEP) (805): vejo agora visualmente e no radar.

181215 (DEP) (805): entendido.

181221 (KAR) (163): executado 10 graus sobre a esquerda.

181241 (KAR) (163): deixei os meus reservatórios. Deixei-os. Executo.

181305 (DEP) (805): vejo-o. Tenho o objectivo em mira. (356)

181326 (DEP) (805): entendido.

181326 (DEP) (805): o objectivo não responde ao IFF.

(NDR: o IFF é um método de Identificação Internacional dos aviões militares)

181335 (DEP) (805): o rumo é do objectivo e agora de 240 graus.

181340 (DEP) (805): o sistema de armas está ligado.

181410 (DEP) (805): entendido. Continua no mesmo rumo por agora.

181416 (DEP) (805): entendido.

181434 (DEP) (805): entendido. Tenho velocidade suficiente e não preciso de ligar a pós-combustão.

181441 (DEP) (805): nível

de combustível a 2 700.

181508 (DEP) (805): o rumo do objectivo é o mesmo a 240.

181547 (DEP) (805): tenho-o na mira.

181551 (DEP) (805): rumo 240.

181643 (DEP) (805): o rumo do objectivo a 240.

181734 (KAR) (163): está a vê-lo?

181749 — (805): chamou 805?

181758 — (805): quem chamou 805?

181803 (DEP) (805): vejo-o.

181809 (DEP) (163): karnaval não o vê.

181834 (DEP) (805): as luzes de navegação aérea estão acesas. A sinalização é intermitente.

181856 (DEP) (163): entendido. Estou a 7 500 (metros) rumo 230.

181902 (DEP) (805): aproximemo-me do objectivo.

181908 (DEP) (805): tenho bastante tempo.

181912 (DEP) (805): repita.

181920 (DEP) (121): executado.

181944 (DEP) (163): voo por trás do objectivo a uma distância de 25. Está a ver-me?



O direito

de defesa das fronteiras

Após o historial do incidente, o Governo de Moscovo refere que houve uma violação do seu espaço aéreo e que a defesa das fronteiras é um direito soberano de cada Estado. «A URSS continuará a agir em conformidade com as suas leis que correspondem na totalidade às normas internacionais», sublinha o texto.

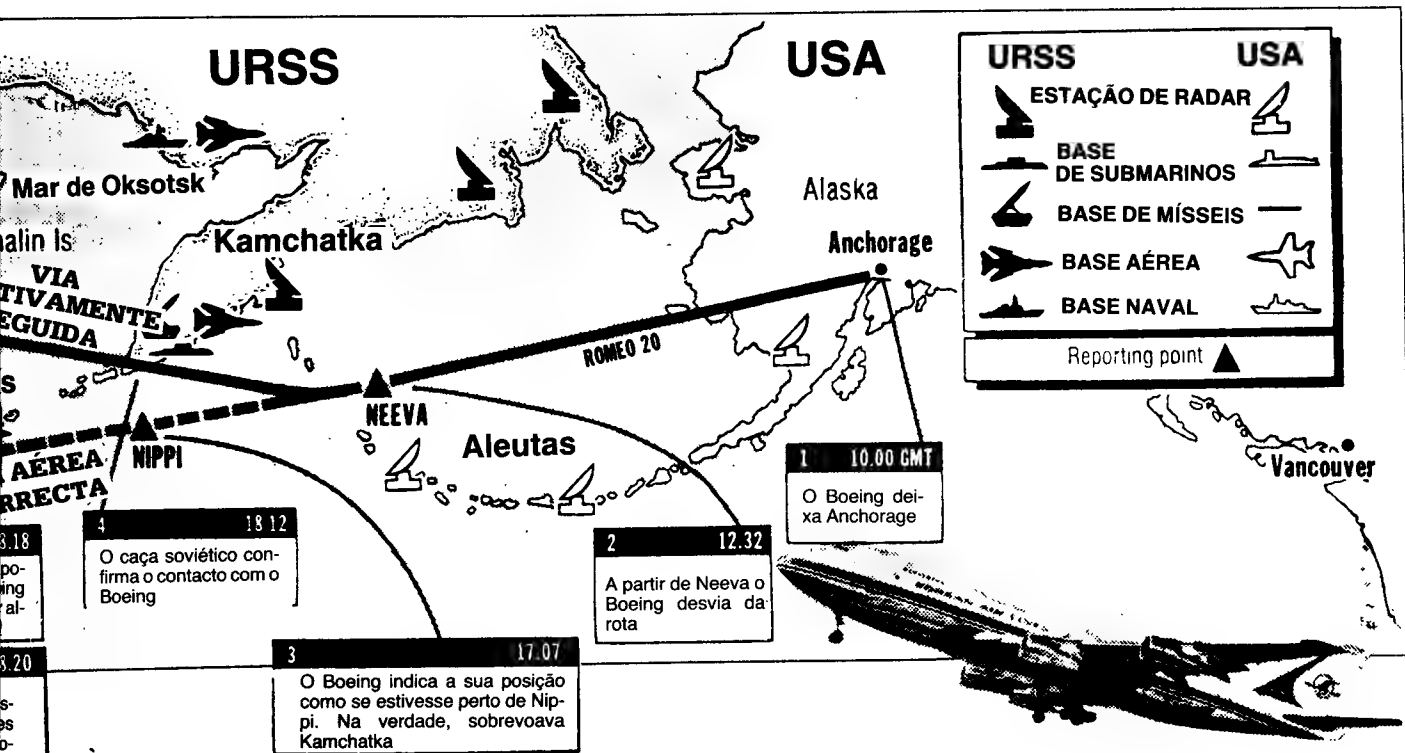
Depois de manifestar o seu pesar em relação às mortes das pessoas inocentes, os soviéticos acusam os serviços especiais norte-americanos de cometerem «um acto premeditado e preparado de avanço numa região estrategicamente importante» da URSS com utilização de um avião civil cujos passageiros foram «em consciência» expostos a um perigo

de morte. Essa operação, finaliza o comunicado, se «fosse bloqueada» serviria, como estava previsto, para montar uma provocação política em grande escala contra a União Soviética.

Nos mesmos termos se referiu ontem o «Izvestia» aos acontecimentos, qualificados de «trágica perda» do Boeing sul-coreano. «Cada dia nos traz novos dados, testemunhando que a CIA, o Pentágono e o complexo militar-industrial dos Estados Unidos programaram a perda trágica do avião de carreira sul-coreano, sacrificando os seus passageiros».

O articulista aborda, de seguida, a questão do desvio de rota do aparelho das «Korean Airlines»: «só aquele que estava aos comandos ou os que alimentavam cientemente os

... para "deter o voo" Contra "Jumbo" sul-coreano



computadores de bordo com falsos parâmetros podia levar o "Boeing 747" para 500 km no interior do território soviético. O jornal apoia esta posição citando, entre outras, a mensagem rádio que a tripulação do aparelho civil teria enviado em 31 de Agosto pelas 21h 10m (18h 10m de Lisboa) ao centro de controlo de Tóquio: "sobrevooamos sem problema o sul de Kamchatka".

Durante o voo, ainda segundo o "Izvestia", a tripulação do "Boeing" não referiu qualquer deficiência técnica a bordo, nem a presença de caças soviéticos. "Assim", conclui o jornal, "não se trata de um erro de computador, mas do programa que a mão do homem nele inseriu."

O Conselho de Segurança das Nações Unidas deve reagir ao fim da tarde de hoje, em

Nova Iorque, os seus debates sobre o "caso do Boeing".

Debates ontem e hoje na ONU

De acordo com observadores citados pela correspondente na ONU da agência France Press, esta demora reflecte uma certa diminuição da tensão, depois de Moscovo ter ontem reconhecido que aviões interceptadores tinham posto termo ao voo 007 das Koreans Airlines, mas permite, sobretudo, que se preveja a apresentação de um projecto de resolução.

Os Estados Unidos indicaram, a este respeito, que desejam "uma acção imediata" do Conselho de Segurança, para se evitar a repetição destas tragédias. Os principais pontos de um texto a submeter à aprovação do Conselho estarão já a ser neste momento

alvo de múltiplas consultas e nas quais participam o representante do Japão e o observador da República da Coreia na ONU.

No entanto, sobre o teor do texto pouco se sabe, divergindo os observadores sobre se se trata, antes de mais, de uma condenação da acção soviética, ou se visa reforçar as garantias da segurança da aviação civil.

Por outro lado, alguns delegados declaravam ontem a possibilidade de o caso vir a ser inscrito na agenda da Assembleia Geral da ONU, que se inicia a 20 do corrente mês.

Na sessão de ontem, para além da apresentação pelo delegado soviético do comunicado do seu governo, a que acima fizemos referência, o Conselho de Segurança ouviu as gravações das conversações dos pilotos interceptadores soviéticos, efectuadas pelos serviços secretos japoneses e apresentadas pelos Estados Unidos.

Vários países expressaram a sua indignação pelo sucedido e reclamando um inquérito (entre os quais Portugal), enquanto o delegado libio recordou o incidente de 1973, durante o qual um avião libio que seguia de Trípoli para o Cairo foi abatido "pelos mísseis dos sionistas", com 105 pessoas de numerosas nacionalidades a bordo. O representante da Líbia levantou depois o problema da utilização de aviões civis em acções de espionagem.

Por seu lado, os delegados dos EUA e Japão consideraram "insatisfatórios" os termos do comunicado do governo de Moscovo: A representante de Washington aludiu a "provas irrefutáveis" da responsabilidade soviética, enquanto que para Tóquio o comunicado de Moscovo "é de decepção e insatisfatório", como a qualificou o ministro japonês dos Negócios Estrangeiros, Shintaro Abe.

TASS reage a Reagan

A agência soviética TASS reagiu fortemente ao discurso pronunciado na noite de segunda-feira pelo presidente

Conselho de Segurança

- 182008 (DEP) (805): absurdo. Já vou. O meu Z.O. (indicador) está ligado (o míssil já está apontado).
- 182012 (DEP) (805): estou a responder.
- 182017 (DEP) (805): respondido.
- 182022 (DEP) (805): tenho de me aproximar.
- 182030 (DEP) (805): liberto o sistema de pontaria e aproximo-me do objectivo.
- 182049 (DEP) (805): libertado.
- 182124 (DEP) (805): sim, aproximo-me do objectivo, estou mais perto.
- 182135 (DEP) (805): a sinalização do objectivo acende e apaga. Já me aproximei a 2 km do objectivo.
- 182140 (DEP) (805): o objectivo está a 10 000 metros (de altitude).
- 182151 (DEP) (805): vejo-os aos dois, distância 10 e 15 km.
- 182155 (DEP) (805): quais são as instruções?
- 182159 (DEP) (805): entendido.
- 182202 (DEP) (805): o objectivo diminui de velocidade.
- 182217 (DEP) (805): dou a volta, estou já frente ao objectivo.

Estará Emanuela viva?

Quatro pedras na base de um enigma

Quatro pedras e o percurso pelos foros romanos onde o Papa rezou a Via-Sacra constituía o novo enigma que os sequestradores de Emanuela Orlandi, rapta em 22 de Junho, apresentaram aos investigadores.

Os peritos estão convencidos de que o último comunicado sobre a jovem cidadã do Vaticano, dividido em duas partes, poderá conduzir aos autores do rapto cujo móbil era a liberdade do guerrilheiro turco Ali Agca.

A mensagem leva a crer que Emanuela está morta, tendo sido assassinada em 21 de Julho.

"A operação concluiu para todos os efeitos em 21 de Julho" — dizia a gravação deixada domingo numa papelaria em frente da casa dos Orlandi.

Em 21 de Julho terminou o prazo para trocar Emanuela pelo turco Ali Agca.

Simultaneamente surgiu um novo aspecto da história: informações procedentes de Ancara referem-se a um suposto atentado a João Paulo II que devia ter sido perpetrado em 28 de Agosto.

Baseando-se em tais informações, fontes extra-oficiais comentaram que foram adoptadas medidas especiais de segurança para a visita que o Pontífice efectuou no domingo à localidade de Anzio.

O advogado da família Orlandi, Gennaro Egídio disse que as quatro pedras que acompanhavam a última mensagem dos rap-

tores podem ser o símbolo das quatro estações finais da Via-Sacra (Crucificação, Morte, Descida da Cruz e Entero de Jesus Cristo).

Egídio fez essa interpretação baseando-se na enigmática frase do indivíduo anónimo que anunciou, no domingo, a nova mensagem.

O porta-voz dos sequestradores disse que "nos arredores da Basílica Santa Francesca Romana, o Papa reza a Via-Sacra".

Esta frase desencadeou uma operação policial em busca do cadáver de Emanuela Orlandi na zona da igreja, construída sobre as ruínas do templo de Vénus, nos foros romanos, uma ampla zona de restos arqueológicos.

Com a gravação foi entregue uma fotocópia de uma lição de música de Emanuela com nomes e direcções das suas amigas e cuja caligrafia foi reconhecida pelos especialistas.

Esta prova demonstra que os autênticos raptos são os que explicam na gravação que o texto musical "pertenceu a Emanuela".

O verbo pertencer, escrito no passado, reforça a tese da morte da jovem.

As alusões à Via-Sacra, as misteriosas pedras e a segunda parte da mensagem, texto escrito à mão e deixado numa unidade móvel da televisão que filmou, no domingo, a oração do "Angelus" dita por João Paulo II, identificam também os raptos.

Acusações viradas para a Índia

General Zia denuncia ingerências no Paquistão

O general Zia Ul Haq acusou na segunda-feira "mãos estrangeiras" de suscitar perturbações na província de Sind onde a tensão continua viva vinte e três dias após o lançamento da campanha de desobediência civil pelo Movimento para a Restauração da Democracia.

"Vários países dão apoio financeiro e encorajam o pequeno grupo que se esforça por perturbar a ordem pública" no Sind (Sul do país), afirmou o chefe de Estado paquistanês, que se recusou a citar as nações implicadas. Convidou, porém, os jornalistas que o interrogavam na segunda-feira em Rawalpindi (Nordeste do país) a tirarem eles próprios as conclusões das recentes ingerências do primeiro-ministro indiano Indira Gandhi nos assuntos internos paquistaneses.

O general Zia, que desde o início da agitação defende que a situação é "satisfatória" no país, rejeitou uma vez mais a ideia de um diálogo com as diversas tendências da oposição, apesar dos apelos prementes à negociação política lançados no seio dos pró-

prios meios governamentais.

Zia fez notar que o seu programa de democracia islâmica prevendo a realização de eleições gerais e o levantamento da lei marcial daqui a 18 meses, é susceptível de arranjos. O general recusou porém precisar se os partidos políticos, todos proibidos a partir de 1979, serão autorizados a participar nas futuras eleições.

No Sind, o Exército patrulha em força. Moro e Naw Jatoi, a pequena cidade fundada sob o regime precedente por Gulam Mustapha Jatoi, um dos principais dirigentes do Partido do Povo Paquistanês. Em dezena e meia de cidades e aldeias, decorreram manifestações pacíficas, no final das quais cinco dezenas de militantes se fizeram deliberadamente prender.

Por outro lado, sete responsáveis do PPP, antigos eleitos nacionais e provinciais, foram presos na segunda-feira de manhã ao descer do avião em Islamabad, quando regressavam após um exílio de vários anos em Londres.

Lagos do Canadá em perigo

Fuga em série de produtos radioactivos

Escaparam-se mais de 3 mil litros de trítio radioactivo para os lagos Huron e Ontário durante os últimos quatro dias, anunciou ontem, em Toronto, a sociedade estatal produtora de electricidade Hydro Ontário que explora as centrais nucleares de Pickering e Douglas Point.

Até essa altura só se tinham registado fugas de produtos radioactivos (durante as últimas semanas) na central de Pickering, no lago Ontário.

No entanto, a fuga mais importante ocorreu na passada segunda-feira, em Douglas Point, nas margens do lago Huron (extremo Sul da província

de Ontário), onde se escaparam 2700 litros de trítio de um sistema de arrefecimento.

Na última sexta-feira de manhã houve uma fuga de mil litros de trítio, onde correram para o lago Ontário, na Central de Pickering (situada a Leste de Toronto). Também neste último caso, o trítio era proveniente de um sistema de arrefecimento.

Apesar da fuga registada na Central de Douglas Point, o reactor de 200 mil megawatts não deixou de funcionar, precisou um porta-voz da Hydro Ontário, que fez questão em sublinhar que tais fugas não põem em perigo a população



Caso "Jumbo" na Conferência de Madrid

Jaime Gama discursará a favor da tese europeia

O ministro dos Negócios Estrangeiros Jaime Gama defenderá hoje em Madrid, na reunião de ministros dos países membros da Conferência de Segurança, posições alinhadas com as dos países europeus. Na sua intervenção, Jaime Gama fará uma «condenação frontal» do ataque soviético ao «Jumbo» comercial da Coreia do Sul, sem deixar de defender «a necessidade de um equilíbrio nas relações internacionais».

Jaime Gama optará assim pela tese considerada como mais moderada e defendida pelos países europeus, voltando costas à de maior dureza proposta pelos Estados Unidos.

Esta divergência, que em termos parecidos já se verificou em outras questões dentro do processo da Conferência de Madrid, levou o secretário de Estado norte-americano, George Shultz, a convocar para hoje uma reunião de ministros de Negócios Estrangeiros dos países membros da NATO.

Inicialmente estava previsto apenas um pequeno almoço de trabalho em que participavam os ministros, chefes de delegações e embaixadores, mas hoje à tarde foi alterado o programa para incluir a reunião apenas com ministros, antes do início das sessões.

Fontes diplomáticas manifestaram à ANOP que Portugal defenderá posições coincidentes com as dos países europeus.

Este tema foi tratado na reunião mantida esta tarde entre os ministros dos Negócios Estrangeiros de Portugal e de Inglaterra, que anunciou que o seu Governo defende «posições mais moderadas do que os Estados Unidos».

Não aumentar tensão mundial

Jaime Gama referir-se-á ao incidente provocado pelo derrubamento do avião comercial coreano, «condenando-o frontalmente», mas dedicará mais tempo à análise da situação internacional, ao processo de Helsínquia e à defesa da distensão e do diálogo internacional.

A diplomacia portuguesa está alinhada pelas posições europeias, mas defende o diálogo com os países de Leste e o processo de distensão.

Fontes diplomáticas portuguesas consideraram que posições demasiado radicais e intransigentes contribuem actualmente para aumentar a tensão internacional.

Os países europeus, independentemente de que sejam membros da NATO ou não, defendem neste campo posições idênticas.

As divergências entre os países europeus e os Estados Unidos em termos parecidos aos actuais já se tornaram patentes em outras questões concretas da

conferência como quando das tensões verificadas por causa do golpe militar na Polónia, em Dezembro de 1981.

A intervenção de Jaime Gama terá uma duração de vinte minutos. O ministro português intervirá em terceiro lugar, depois da Suíça e Canadá.

Em virtude da posição da intervenção do ministro português, nos meios diplomáticos da conferência existe expectativa por se tratar do primeiro país da NATO a intervir.

Jaime Gama reúne-se com Geoffrey Howe

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, entrevistou-se ontem à tarde com o secretário do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, Geoffrey Howe, na Embaixada de Portugal em Madrid.

Durante a reunião de 40 minutos, a pedido de Geoffrey Howe, os dois ministros trataram temas de ordem bilateral e outros relacionados com a posição dos países europeus em relação à cimeira dos próximos dias em Madrid e a tensão internacional provocada pelo derrube do avião comercial da Coreia do Sul.

Jaime Gama e Geoffrey adiantaram alguns dos temas que serão tratados durante a visita oficial que o ministro português realiza a Londres nos próximos dias 22 e 23.

Geoffrey Howe expressou ao seu colega português a atitude favorável do Governo inglês em relação à entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia.

De acordo com fontes diplomáticas portuguesas, Geoffrey manifestou que existem boas expectativas sobre as possibilidades de que o processo de adesão de Portugal fique definitivamente desbloqueado durante a próxima cimeira que terá lugar em Atenas, em Dezembro.

A posição inglesa é bastante próxima da manifestada pelas autoridades gregas durante a recente visita do Primeiro-Ministro português a Atenas.

Os dois ministros trocaram impressões sobre a estratégia a seguir pelos países europeus durante as sessões de encerramento da Conferência de Segurança e a atitude em relação ao incidente do avião comercial da Coreia do Sul.

As posições de Londres e Lisboa estão na linha dos restantes países europeus que defendem uma atitude mais moderada do que a proposta pelos Estados Unidos.

Os países europeus defenderão esta posição durante a reunião que manterão com o secretário de Estado norte-americano, George Shultz, em que participam os países da NATO.

Malta aceitou documento final

Conferência de Madrid chega a bom termo

Os 35 países participantes da Conferência de Segurança e Cooperação na Europa chegaram ontem à noite a um acordo total sobre o documento final da reunião de Madrid, o que permitirá encerrá-la, informaram fontes diplomáticas citadas pela ANOP.

As reticências de Malta ante o desejo dos Estados Unidos de que uma futura reunião de especialistas em temas de segurança do Mediterrâneo se fizesse de acordo com as regras da Conferência de Madrid, ficaram dissipadas depois das últimas negociações entre a representação de Malta, os Estados Unidos e países neutrais e não alinhados.

A solução encontrada foi através de uma proposta do delegado austríaco à Conferência, Franz Ceska, segundo a qual será lido um texto interpretativo, assumido por todos, do anexo da Acta Final em que se prevê a reunião sobre a segurança no Mediterrâneo.

Não foi fixada data nem lugar deste encontro, uma exigência de Malta que manteve bloqueados os trabalhos da reunião de Madrid durante quase dois meses.

Depois do Acordo Final conseguido ontem cerca das 22 horas, a Conferência de Madrid, cujos trabalhos se prolongaram por três anos, será solenemente encerrada com a presença do rei Juan Carlos, chefe de Estado do país anfitrião, e intervenções dos ministros de Negócios Estrangeiros dos 35 países membros.

Em meios diplomáticos da Conferência respirava-se ontem à noite «satisfação» e «êxito» por se ter conseguido o acordo final exactamente num momento em que a tensão internacional punha em perigo os êxitos conseguidos pelo diálogo deste foro ao longo dos últimos três anos, e ainda o documento que já tinha sido aprovado pelos 34 países membros, à excepção de Malta, no passado dia 15 de Julho.

O consenso final reduziu a tensão provocada pelo incidente do avião comercial da Coreia do Sul, tema que teria monopolizado as atenções desta «cimeira europeia» se não se tivesse conseguido o acordo de todos sobre o documento da reunião de Madrid.

Reatamento em Genebra

Soviéticos e norte-americanos reataram ontem as conversações desarmamentistas de Genebra num clima de tensão provocado pelo incidente com o «Jumbo» sul-coreano e tendo como novidade a nova oferta so-

viética de destruição de parte dos «SS-20» — escreve a ANOP.

Concretamente, Moscovo está disposto a destruir os «SS-20» instalados no território europeu da URSS até ao nível dos arsenais franceses e britânicos se os Estados Unidos renunciarem à instalação dos seus 572 mísseis nucleares «Cruise» e «Pershing 2» em solo europeu.

As negociações — cujo fracasso provocará a instalação dos novos mísseis nucleares na Europa — entraram na sua sexta etapa com posições ainda bastante afastadas do consenso e rodeadas do mesmo segredo que as envolve desde que começaram em Novembro de 1981.

A organização também permanece invariável: duas sessões semanais de duas a três horas de duração, à porta hermeticamente fechada, alternando como sede o edifício das representações diplomáticas dos dois países em Genebra.

Um breve e lacónico comunicado publicado no final da reunião de ontem apenas informa que o encontro teve lugar na sede soviética e durou uma hora e 50 minutos.

O próximo terá lugar na sede norte-americana, dia 8.

Mísseis franceses e ingleses

A Câmara de Deputados holandesa adoptou ontem, por braço no ar, uma moção pedindo que as forças nucleares francesa e britânica sejam contabilizadas «de uma maneira ou de outra» nas negociações sobre euromísseis ou nas respeitantes a armas estratégicas (START).

A votação revelou uma cisão no seio da coligação governamental: o CDA — cristão democrata — pronunciou-se a favor da moção, ao passo que o VVD — liberal —, com o qual partilha o poder, se lhe opôs.

Os cristãos-democratas viram-se ao lado do Partido Socialista e de outras pequenas formações de esquerda apoiando a moção, que havia sido apresentada pelos «Democratas 66».

Os signatários da moção consideram que a questão da entrada em linha de conta com as forças nucleares francesa e britânica «é um importante obstáculo à obtenção de resultados nas negociações sobre euromísseis de médio alcance». Pedem ao Governo «que insista a breve trecho junto dos Estados Unidos e outros aliados para que seja feita à URSS uma proposta» incluindo essas forças «de uma maneira ou de outra», quer nas negociações sobre euromísseis de médio alcance, quer nas negociações START.

Ameaça ao desanuviamento

MADRID (do nosso correspondente Fernando Jauregui) — A última sessão da conferência europeia de segurança e cooperação abriu esta manhã em Madrid com uma manifestação de sul-coreanos, que ostentavam cartazes com violentas diatribes contra a União Soviética. Sintoma de que o caso do avião da Korean Airlines, derrubado na semana passada, está também presente no interior do Palácio

de Exposições e Congressos de Madrid.

O tema do avião derrubado paira ameaçador sobre o «espírito de desanuviamento». O secretário de Estado norte-americano, George Shultz, que chegou esta manhã à capital espanhola, limitou-se a dizer, em brevíssimas declarações, que não falará com Gromyko sobre o desanuviamento enquanto

não receber respostas satisfatórias sobre o assunto. As potências ocidentais também não se esquecerão de tratar do tema quando lhes couber a palavra na sessão plenária de hoje e de amanhã.

Assim o facto de Malta ter aceite o morno documento final que culmina os três anos de conferência em Madrid passou para segundo plano informativo. Todos estão sus-

pensos da «cimeira» diplomática paralela, dos encontros de corredor de Gromyko — que não apareceu ainda perante a imprensa — e de Shultz.

Todos os comentaristas são unânimes em Madrid em considerar que o clima não parece dos melhores para inaugurar uma nova era de desanuviamento. Mas ainda subsistem esperanças na capital espanhola.

Esquerda chilena forma coligação

A coligação recém-formada pelos partidos da esquerda chilena é complementar e «não antagonista» da acção desenvolvida pela Aliança Democrática, afirmam dirigentes do Partido Socialista Chileno citados no domingo pelo diário Madrileno «El País».

O jornal espanhol informa da Conferência de Imprensa realizada em Santiago do Chile por dirigentes do Partido Socialista, entre os quais figuravam Manuel Almeida, irmão do ex-ministro do governo de Salvador Allende, Clodomiro Almeida e Gonzalo Taborba, da Comissão Chilena dos Direitos Humanos.

No primeiro encontro com a imprensa realizado na capital chilena por dirigentes do Partido Socialista desde o golpe militar que derrubou o regime do socialista Salvador Allende, foi anunciada a criação de um Movimento Democrático Popular que integra, além do PS, o Partido Comunista, o

MAPU e o Partido da Esquerda Cristã.

O Partido Radical, de orienta-

ção social-democrata, não formalizou ainda a adesão.

Almeida e Taborba afirmaram

que a Frente constituída em volta do Partido Socialista não será antagonista da Aliança Democrática.

Chade: fontes ocidentais não confirmam bombardeamentos

Fontes ocidentais em N'Djamena não confirmam as afirmações do ministro de Hissene Habré, segundo as quais a «avição libia» teria desenhado uma vigorosa ofensiva contra Um Chaluba. Enquanto o ministro da Informação do Governo de Habré afirmou ter havido intensos bombardeamentos, fontes ocidentais referem que um avião libio terá sobrevoado a área e terá lançado «poucas bombas». Por sua vez, os franceses mantêm um total silêncio sobre o assunto.

Ao mesmo tempo, as forças de

Gukuni Uedei afirmam que controlam Um Chaluba e que repeliaram um ataque das tropas de Habré.

No meio de tudo isto, a única informação segura é a de que os franceses estão a reforçar cada vez mais o seu dispositivo no Chade, como o afirmou o próprio general Jean Poli, comandante das forças francesas. Segundo Poli, o contingente francês tem por missão não só instruir e apoiar o Exército de Habré, mas também ripostar a qualquer nova ofensiva de Gukuni Uedei.

Um esquadrão de quinze helicópteros «Gazela» para luta an-

ticarro chegou a semana passada no Chade, ido de Bangui reforçando ainda mais o dispositivo francês já com mais de 2 mil homens (infantaria de marinha, para-quedistas e legionários) e dispo de artilharia e blindados ligeiros. Quatro aviões «Jaguar» de apoio táctico no solo e quatro Mirage, encontram-se baseados em N'Djamena.

Nenhum pormenor pode, no entanto, ser obtido de fonte oficial sobre o desdobramento francês ao Chade. Uma única insinuação: 700 a 900 soldados acantonados em N'Djamena, no campo denominado «Dubut».

Foi neste campo que decorreu ontem de manhã uma parada para a festa das tropas de marinha, comemoração da batalha de Baeuilles, nas Ardenas, em 1870. Personalidades chadianas assistiram às cerimónias ao lado do general Poli e do embaixador francês, Claude Soubeite.

Houve na ocasião um breve incidente entre jornalistas e militares franceses por inicialmente ter sido recusado o acesso ao campo a certos jornalistas, antes de a interdição ter sido finalmente levantada.

Depressão: análise da urina pode detectá-la

Cientistas norte-americanos descobriram que a depressão pode ser detectada através de análises da urina, quando provocada pelo baixo nível de uma substância química no cérebro — anunciou uma fonte dos Laboratórios Rush, Illinois.

O director destes laboratórios, Hector Sabelli, afirmou que as investigações realizadas permitem novos métodos de combate às depressões, através de dietas e vitaminas que elevem o nível de feniletilamino no cérebro.

Os cientistas dos laboratórios Rush comprovaram que em muitos casos a depressão é provocada pelo baixo nível daquela substância química no cérebro e descobriram que isso pode ser detectado através de análises da urina.

Hector Sabelli disse que as experiências realizadas pelos laboratórios que dirige mostra-

ram que 70 por cento dos pacientes com depressão revelaram um nível muito baixo de feniletilamino no cérebro, e que após tratamento dos problemas depressivos já apresentavam valores normais.

O feniletilamino é uma substância do tipo anfetamina produzida pelo cérebro e os seus efeitos de excitação, estado de alerta e prazer são contrários aos sintomas depressivos — disse Sabelli.

Nas experiências realizadas pelos cientistas dos laboratórios que dirige — acrescentou — comprovou-se que em cada 40 pessoas com depressão que tomaram feniletilamino, vitaminas e aminoácidos, dez experimentaram grandes melhoras.

O exame para quantificar o nível de feniletilamino no cérebro consiste em determinar a quantidade de acetato de fenil existente na urina — explicou Sabelli.

MONTIJO 3-11 de Setembro
MONTIAGRI 83
FEIRA de ALIMENTAÇÃO e Mostra de outras Atividades
 JORNADAS TÉCNICAS e CONCURSO REGIONAL DE VINHOS patrocinados pela CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS: DIA DA SUINICULTURA com COLOQUIOS e CONCURSO DE CARCAÇAS promovidos pela FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ASSOCIAÇÕES DE SUINICULTORES.
NOVIDADES: nova máquina de vindimar e uma instalação de Biogas em funcionamento!
INFORMAÇÕES: Secretariado da Feira Tel.: 231 34 85 / 6 ORGANIZAÇÃO DA CAMARA MUNICIPAL

exclusivo

Com menos de três dias do rendimento do petróleo o rei Fahd poderia comprar o Palácio de Buckingham. O ouro negro transformou a cidade de Deus na cidade dos negócios... Mas a coexistência nem sempre é muito harmoniosa.

A Arábia Saudita

entre a tradição e a modernidade

Paul Balta «Le Monde»

«O reino arrecada por dia 315 milhões de dólares» — à roda de 2 mil milhões de francos. «Com estas taxas de rendimento diário, os sauditas poderiam comprar o Banco Barclays em onze dias, vinte e uma hora e trinta e seis minutos, Marks e Spencer em onze dias dezoito horas e quarenta e oito minutos, a British Leyland em dois dias sete horas e doze minutos... No caso absolutamente teórico de o Palácio de Buckingham vir a aparecer no mercado da promoção imobiliária do centro de Londres, o rei Fahd poderia oferecer-se a si próprio uma agradável residência bem situada, perto de Saint James Park, com o produto de menos de três dias de extração...» E esta riqueza fantástica é partilhada entre quatro a cinco milhões de homens, mulheres e crianças que vivem segundo um código moral simples e severo, imutável desde há séculos» escreve Robert Lacey num livro imaginativo de leitura fácil.

Esta riqueza tem uma origem: primeiro exportador mundial, a Arábia Saudita detém 26% das reservas petrolíferas do planeta — 30% há uns anos atrás. E esse petróleo fez desse Estado uma potência; o único membro da ONU que usa o nome de uma família, a dos Saud. Ela introduziu no país o wahabismo — uma espécie de jansenismo islâmico — no século dezoito e Abdel Aziz o Grande, fundou um reino em 18 de Setembro de 1932, depois de ter vencido as outras tribus, e unificado as duas grandes províncias: a de Hejaz — a Barreira — comerciante e islâmica onde se encontram os lugares santos de Meca e de Medina, e a de Nedj — o cume de um planalto — puritana e petrolífera. Depois da morte de Nasser em 1970, Riad aspira a ser por sua vez o aglutinador do Islão e o chefe de fila do mundo árabe.

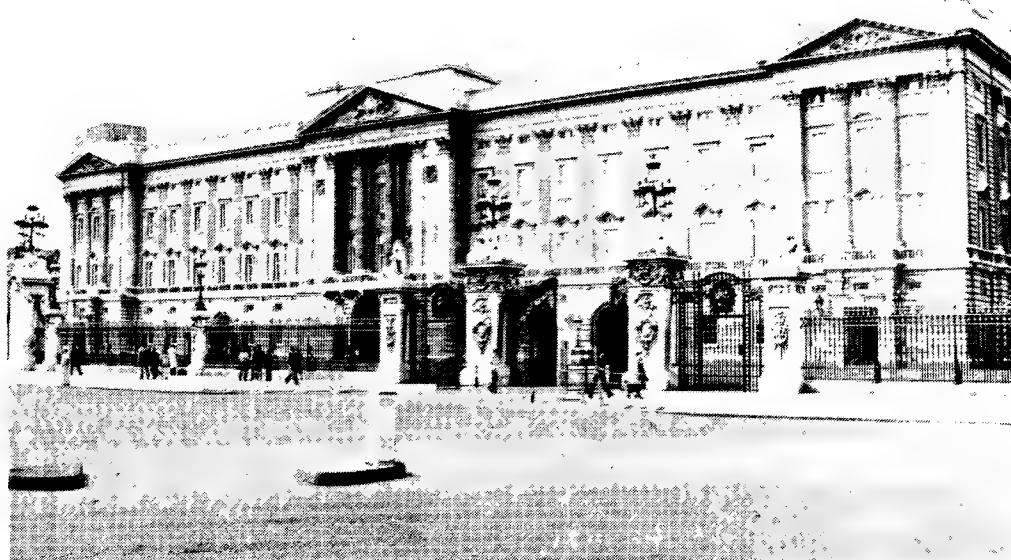
A revolução dos «aiatollahs» em Teerão em 1978-1979 e a vaga de integralismo que ameaça a região, a guerra que opõe o Iraque ao Irão desde Setembro de 1980, a crise que o OPEP atravessa há três anos, constituem outros tantos perigos que preocupam os dirigentes sauditas. Entretanto os perigos internos não são menores. Estes decorrem da evolução da sociedade saudita, dividida entre a tradição e a modernidade, entre as exigências da moral e as delícias da riqueza. A partir daí as chancelarias ocidentais defrontam-se com o seguinte problema: qual virá a ser o futuro da Arábia Saudita, o principal aliado do Ocidente no Golfo?

Quando se olha para uma carta da região normalmente fica-se intrigado pela existência de dois losangos situados na fronteira da Arábia Saudita com o Iraque e com o Kuwait, conhecidos por «zonas neutras». É um dos últimos legados do imperialismo britânico. Ele marca uma época na história do reino, tal como o contam David Holden e Richard Johns num excelente

trabalho — o melhor que se conhece sobre o assunto — mas que, infelizmente, na tradução francesa foi amputada de 15% do original em inglês.

Ali explicam, com efeito, que numa conferência havida em 1922 no pequeno porto de Ouqayr, frente ao Bahrein, «garantiu pela primeira vez limites à expansão dos sauditas e impôs aos beduínos o conceito das pastagens tribais e a noção de fronteira nacional». Sir Percy Cox, alto comissário britânico em Bagdad, tinha então traçado a fronteira norte do país e delimitado os dois enclaves nos quais a Arábia partilhava a soberania com os seus dois vizinhos, autorizando as tribus a irem aí procurar as suas pastagens. Foi a partir desse momento que o reino de Abdel Aziz Ibn Saud começou a assumir a sua transformação em um Estado moderno.

Mas essa viragem arrastou uma consequência importante. Para reduzir as tribus, Ibn Saud tinha-se apoiado nos «Ikhwan»: soldados de Deus, ávidos de glória, esses beduínos do Nedj, que usavam grandes barbas e condenavam todo o luxo, foram os precursores dos irmãos Muçulmanos. Ora, depois do acordo de Ouqayr, eles não aceitaram a solução das «zonas neutras», condenaram a aliança com a Inglaterra e quiseram, por exemplo, massacrar os comerciantes de Hejaz a quem acusavam de sacrificar a Mammoin — o «Grande Satã» de Khomeini. A partir daí, começaram a representar para o rei um desafio constante. Assim, pouco antes de 1930, ele virou-se contra os seus chefes Fayçal al Duwigh, Ibn Hithlayn da tribo dos Adjam e Ibn Bijad da tribo dos Oteyba. Vencidos, os Ikhwan acalmaram-se mas não desapareceram... Meio século mais tarde inspiraram a acção de Djouhayman Ibn Mohamed al Oteyba que ocupou a grande



O Palácio de Buckingham: menos de três dias dos rendimentos do rei Fahd...

mesquita de Meca e que durante quinze dias iria fazer tremer a casa dos Saud.

Dois mil a três mil príncipes

Entretanto a sociedade foi-se desenvolvendo, mantendo numerosos dos seus arcaísmos e agudizando as suas contradições internas. Nesta linha Abdel Aziz criou em 1951 o Ministério da Saúde e em 1967 o país dispunha já de 663 médicos, 1153 enfermeiros e 637 enfermeiras, quase todos estrangeiros, digam-se de passagem. O governo abriu três escolas de enfermagem para sauditas mas os ulemas proibiam as autópsias e eles tiveram de renunciar assim a criar uma faculdade de medicina e tiveram que mandar os sauditas estudar para o estrangeiro.

A situação criada às mulheres não faz correr o risco de se vir a tornar um dia explosiva? Em qualquer caso, nota Holden «os sauditas que frequentaram outros países manifestam cada vez mais tendência para escolherem as suas esposas entre as dos países árabes mais evoluídos e daí a necessidade de educar as raparigas». Foi o que o rei Fayçal empreendeu, enquanto um dos seus próximos comentava: «Não é possível guardar as mulheres em casa, se lhes derem instrução».

De acordo com o Corão a mulher tem o direito de gerir os seus bens. O regime criou então bancos reservados a mulheres e administrados por elas: estima-se que os seus bens atinjam os 20% do conjunto bancário. No entanto, os ulemas continuam a proibir às mulheres a condução de viaturas. Que não é sistema, conta Holden: «As filhas de famílias ricas que se aborrecem ou se sentem frustradas, chegam ao ponto de rolarem lentamente nas cidades austeras e pedirem aos seus condutores para passarem os seus números de telefone aos condutores que lhe agradam».

O clã dos Saud, incluindo os ramos colaterais, conta talvez vinte mil membros entre os quais dois a três mil príncipes que têm precedência, em qualquer circunstância, sobre os plebeus

entre os quais são recrutados os tecnocratas. Em 1963 Fayçal desejou separar o cofre do Estado do da dinastia, tendo estabelecido dois critérios para atribuição dos abonos reais: o da proximidade de sangue em relação ao antepassado da família — Fayçal Ibn Tourki — e o da idade. A título de exemplo, os filhos de Ibn Saud recebem 200 000 riales por ano e até 30 000 por mês — 1 rial vale 2 francos — e os mais novos entre um quinto e um sexto desta soma. É verdade que cada príncipe mantém entre cem a mil famílias de criados aos quais assegura dote, cuidados sanitários, educação, etc.

A isto é necessário aditar o sistema do «sponsoring» que permite aos «padrinhos» sauditas receber substanciais comissões sobre todas as transacções realizadas com estrangeiros. Uma, que ficou célebre, atingiu os 17% de vários milhões de dólares. Se um certo número de príncipes consagram tempo e muita energia aos assuntos do Estado — o que não os impede, no entanto, de tratarem também os seus negócios — muitos outros deixam-se viver e vivem — o que é condenado por alguns — na libertinagem. No mais baixo escalão vivem uns dois milhões de trabalhadores imigrados e os chitas das aldeias de Qatif, Safwa e Seihat. Estes últimos fornecem os melhores trabalhadores do petróleo; julgando-se desprezados pelo poder central fizeram uma greve no passado e entregaram-se a violências, pilhando os armazéns e incendiando viaturas, em Dezembro de 1979.

O sistema tem os seus perigos? De qualquer forma, em 20 de Novembro de 1979 — primeiro dia do ano 1400 da hégira — um homem de quarenta anos, barbudo e desgredado como os Ikhwan cuja ascendência proclama, Djouhayman Ibn Mohamed Oteyba apoderou-se da grande mesquita de Meca. Holden e Johns dão-nos o relato mais completo de que se dispõe em francês sobre o acontecimento. Contam que depois de ter demitido a guarda nacional fez publicar violentos panfletos que

lhe valeram vir a ser preso com mais noventa e oito pessoas em 1978.

O Exército, esse desconhecido

Porque é que teria sido libertado e como conseguiu escapar à vigilância policial? Pode levantar-se esta questão a muitos títulos embaraçosa para as autoridades. No texto eles desenvolvem a argumentação seguinte: «Os dirigentes muçulmanos que não respeitam o Corão nem a Suma não merecem obediência e sim oposição. A família real é desses: está corrompida e é cúpida, distorcendo a lei, para atingir os seus fins e aliando-se aos não crentes e aos ateus». Os Saud só respiraram quando em Janeiro de 1980 rolaram na areia de oito cidades diferentes as cabeças de sessenta e três conjurados que tinham sobrevivido ao cerco da grande mesquita.

As autoridades, depois, começaram, a «reconhecer os problemas levantados pela desintegração da vida pastoril dos beduínos, pela migração dos rurais para os centros urbanos, a disparidade cada vez maior entre os níveis de vida dos rurais e dos citadinos e, finalmente, do fracasso de uma distribuição equitativa das riquezas do Estado». Tornaram-se então mais vigilantes. Mas será isto suficiente quando se sabe que aos olhos de todos os observadores o exército constitui uma outra incógnita?

Com um efectivo de trinta e cinco mil homens dispõe de um equipamento avaliado em cerca de 10 mil milhões de dólares, tanto como o do xá antes da sua queda, enquanto que quarenta mil americanos presentes no reino trabalham para contratos de armamento. Robert Lacey considera contudo que a Arábia Saudita não será um novo Irão na medida em que é um país essencialmente tribal, onde, frente ao perigo, as solidariedades existentes desencadeiam a sua actividade. Holden e Johns estimam no entanto que o exército «representa um factor potencial de desestabilização, porque recebe nas suas fileiras

grande número de destrabalizados». O que é certo, é que o Governo, para encorajar a sua fidelidade, duplicou-lhe os soldos na Primavera de 1981: o vencimento de um tenente passou para 8209 riales por mês e o de um general para 21561 — respectivamente 56000 e 140 000 francos.

Assim, qual será o futuro do reino? Numa obra sintética e densa, o barão Georges de Bouteiller, que foi embaixador da França em Djedda de 1968 a 1975, lança um aviso especialmente dirigido aos Estados Unidos: «O Ocidente ganhará em se desfazer da ilusão de que as civilizações estrangeiras se deixam modelar conforme as suas conveniências... e que tudo assim pode ser reduzido a um grande esquema geopolítico. Tal como o triângulo mágico Arábia Saudita — Egipto-Israel com a América ao centro. Uma aliança do dinheiro, do número e da técnica imaginada por qualquer pensador no seu gabinete em Washington». Mas vai acabar por concluir prudentemente com uma interrogação: «Estranho destino na verdade o da Arábia Saudita. Defensor do mundo livre. Pilar da sua economia. Mas o gestor do Eterno em tempos de contestação... Cidade de Deus, cidade de negócios e de tecnologia ocidentais. Quem vencerá no desafio: o décimo quinto século da hégira ou o vigésimo primeiro século científico?»

Face a esta interrogação Robert Lacey, retomando a argumentação dos Sauditas, mostra-se optimista. Diz que os ocidentais acreditam que a vida no reino, mais tarde ou mais cedo, virá a assemelhar-se à de qualquer outro lugar e continua: «Nenhum saudita é desta opinião».

Nós continuamos a pensar que mais dia menos dia a Arábia acabará ou acidentalizada e rica ou islamizada e pobre... mas os habitantes do reino não vêem porque é que eles não poderão conservar o melhor destes dois tipos de vida».

Richard Johns, que acabou o livro começado por David Holden — assassinado no Cairo em condições misteriosas que nunca foram esclarecidas — dá-nos uma visão pessimista: «Quando olhei, da janela do meu quarto do hotel, a cidade de Riad com as suas moradias elegantes e racionais», escreve ele, «vieram-me à cabeça as reflexões de D. van der Meylen, depois da sua visita em 1952 às ruínas de Diriyah berço ancestral da casa dos Saud» — destruída em 1819 por Ibrahim Pacha, filho de Mehmet Ali, vice-rei do Egipto — «Vinte e nove anos depois as suas palavras pareciam manter a mesma razão». O wahabismo está em desaparecimento. A capital, cuja grandeza e opulência não conheceram igual na Arábia do Centro, é testemunha de uma ruína bem maior porque, desta vez, ela destrói a parte espiritual. «Mas o reino mantém-se?», acaba por concluir sem que nos seja possível saber se, com isso, ele pretende temperar a severidade do seu julgamento ou simplesmente quer transmitir-nos a marca da sua admiração...

COMPRE AO FABRICANTE

SALÕES DE EXPOSIÇÃO (Fabricas Porto e Lisboa)

VILA FRANCA DE XIRA — R. Alves Redol, 80-B (Rua Principal)

ALVERCA — 4-100 — R. Catarina Eufémia, Lote 1 — Codex 2615

— Tel. 2582403

LISBOA — Estr. Benfica, 174 (a 500 m de Sete Rios) Codex 1500 — Tel. 780599

LISBOA — Av. Almirante Reis, 125 — Tel. 530076 (a 30 m da Portuguesa)

ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 — Codex 2800 Tel. 2769001

ODIVELAS — Salão na Fábrica — R. Alfredo Ruas, 50 — Pedernais

— Tel. 9810711 (a Ponte da Bica) Est. Odivelas — Canecas

SACAVÉM — R. de S. José, Lote 1 (esquina c/ a Estr. Lisboa)

PAIVAS — Estrada Nacional, 10 — Lote 30 (mesmo no extremo dos Paivas c/ a Cruz de Pau)

CASTELO BRANCO — Av. Nuno Álvares, Bloco-B (Junto à Estação)

NOTE BEM: A loja da Av. Almirante Reis, 125, está aberta todos os dias das 9 às 22 h, e à hora do almoço, incluindo Domingos e Feriados (Centro Comercial Gália). Ao sábado de tarde estamos abertos em Vila Franca, Alverca, e Benfica.

EM ALMADA, SECCOES DE SUPERSALDOS NO 1.º ANDAR



MOVEL C/ 3 ELEMENTOS CADEIRA MESA CROMADA C/ VIDRO FUMADO



QUARTO CASAL



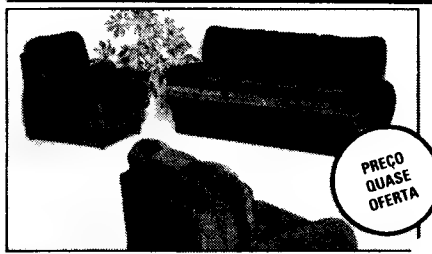
QUARTO CRIANÇA



ESTANTE DE CANTO, NORMAL E Estante de canto de luxo



QUARTO C/ RÁDIO, ALÇADO A VELUDO



JOGO DE MAPLES

MÓVEIS DE LUXO

clássicos e modernos
Somos A FÁBRICA

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

NOTARIADO PORTUGUÊS

1.º Cartório Notarial de Lisboa.
Rua dos Douradores, 135-2.º.
A cargo da Notária: Zulmira da Natividade Martins Neto Lino da Silva.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de vinte do corrente mês, exarada desde folhas noventa e cinco, verso, a folhas noventa e seis, verso, do livro número duzentos e cinquenta e cinco — C, de escrituras diversas deste Cartório, foi dissolvida e liquidada a sociedade comer-

cial por quotas de responsabilidade limitada, denominada «Amendoeira — Confeitaria, Limitada», com sede na Rua Cidade de Liverpool, número vinte e cinco — A, em Lisboa, podendo a sócia Carminda Francisco Neves Gouveia, praticar todos os actos de registo.

Lisboa, vinte e um de Julho de mil novecentos e oitenta e três.

O Ajudante
Maria Fernanda Igreja Simões



CONCURSO
RTP

Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Tel. _____
Código Postal
Lic. TV Nº _____



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Avis, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2323 arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Valongo, concelho de Avis, de uma linha aérea a 30 KV, com 2071 metros, do poste n.º 11 da linha para o P.T. n.º 702 de Termo de Seda ao P.T. da Estação Elevatória de Água de Asseiceira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 22 de Agosto de 1983.

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Velha de Rodão, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2192, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Benavente, de uma linha aérea a 30 KV, com 245 metros, do poste n.º 3 da linha para o P.T. n.º 74 de Samora Correia ao P.T. n.º 820 do Bairro Cerrado das Águas.

Linha aérea a 30 KV com 61 metros, do poste n.º 2 da linha para o P.T. n.º 820 do Bairro Cerrado das Águas ao P.T. n.º 832 de Águas — Bairro de St. Cruz.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 22 de Agosto de 1983.

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2667, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de St. Estêvão e concelho de Benavente, de uma linha aérea a 30 KV, com 282 metros, do poste n.º 90 da linha para o P.T. n.º 81 St. Estêvão ao P.T. n.º 1079 Igreja.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 22 de Agosto de 1983.

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Viçosa, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2251 arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Vila Viçosa, de uma linha aérea a 15 KV com 829 metros, do poste n.º 6 da linha para o P.T. n.º 1 da MARVISA, Lda., ao poste n.º 10 da linha para o P.T. n.º 1 de Plácido Simões, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 22 de Agosto de 1983.

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Velha de Rodão, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2453 arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Fratel, concelho de Vila Velha de Rodão, de uma linha aérea a 30 KV com 1564 metros, do poste n.º 8 da linha para o P.T. de Riscada, ao posto de transformação de Carepa.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 22 de Agosto de 1983.

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 2552 arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho do Crato, de uma linha aérea a 30 KV, com 92 m, do poste n.º 8 da linha para o P.T. n.º 643 do Crato ao PT da TECNOFABRIL.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 22 de Agosto de 1983.

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos

BATAS ESCOLARES ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confeccões
Av. João XXI, 5-D — 1100 (Metro Areeiro) — Rua Infante 16, 55-C — 1300 LISBOA



Caminhos de Ferro
Portugueses

Informação

DESPORTO

Três histórias permitidas

Três casos, de índole diversa, prendem o interesse do desportista: a homenagem de Torres Vedras a Joaquim Agostinho, a recusa das entidades oficiais em permitirem que a turma do Agueda aceite determinado patrocínio publicitário para as suas camisolas e um belo artigo do jornalista Fernando Pires, na edição de ontem do «Diário de Notícias», agora a viver um dos turbulentos momentos que assolam a imprensa portuguesa.

Vamos por partes: Agostinho, já por Torres Vedras, pela sua aldeia natal (Brejinhos) trabalho mais útil que um milhão de discursos: ele é o emigrante de privilégio que percorre o mundo com o estandarte da sua própria sempre entre milhares de aplausos e todo o respeito. E o caso não é para menos, se atentarmos na fabulosa carreira desse homem tismado pelo Sol que, aos 40 de vida, anuncia que não disse ainda o último adeus ao «Tour de France» e que está ali para as curvas (ele) o veterano do pelotão dos profissionais do ciclismo.

Depois temos aquele insólito risco proibitivo sobre o nome que o Recreio de Agueda se propunha inscrever nas camisolas dos futebolistas novos primodivisionários: «Caves Fundação» era o nome, parece que banido das autorizações supremas porque iria recordar produtos alcoólicos, o estranho é que em quase todas as «voltas» ciclistas a Portugal, desde o tabaco «Marlboro» até ao «Licor 43», como ainda recentemente nas camisolas dos hóqueístas de Cascais o nome da «Raposeira» não foi impeditivo de competência desportiva. E a pergunta fica: será que quem manda nestas coisas do desporto estar (ou não) publicitado nos equipamentos dos atletas, prefere uma marca e detesta outra? Então porque motivo (e desculpem a longa citação publicitária) em qualquer campo do País, directamente para o

vasto auditório TV, surgem cartazes anunciando a cerveja «Sagres» como os cigarros «Gauloises», o vinho do Porto, as «Caves Aliança», o Martini ou um «Cinzano»? Haverá discriminação especial em relação ao Recreio de Agueda? Não queremos acreditar: e seremos os primeiros a ficar sossegados com uma explicação plausível do dr. Miranda Calha, secretário de Estado dos Desportos, que não pode (de jeito nenhum) usar lentes de diferentes visões.

Por último, nunca a pena feneça a Fernando Pires: o jornalista coloca, uma vez mais, o caso aberrante de continuarem a existir campos pelados para futebol de 1.ª em clubes que se dizem aflitos da vida mas não hesitam, ciclicamente, em investir a peso de ouro nos mais variados produtos futebolísticos que vão desembarcando neste País das árvores de patacas ao dispor de qualquer pe-de-arara. Aqui, sim: é que a Secretaria de Estado dos Desportos deveria agir com mão dura, sem a benevolência que fica bem em outros momentos daquela que se deseja fique inscrita como rotação a 180 graus no **statuo quo** do futebol indígena.

NEVES DE SOUSA

PS - Acabo de ler (na «Gazeta dos Desportos») que a responsabilidade da não autorização ao Agueda de publicar nas suas camisolas uma marca de vinhos pertence à Federação, no cumprimento de uma determinação uefeira, que impede publicidade ao álcool nos fatos de trabalho dos jogadores. Fico ainda mais pasmado: se calhar, a partir de agora, vão desaparecer de milhares de campos de futebol os letreiros publicitários a marcas de bebidas e de tabaco. Cá estou para ver, especialmente os joguinhos da UEFA...

Mundial de «snipes» só começa hoje

A primeira regata do 31.º Campeonato do Mundo de «Snipes», que se disputou ao largo de Leixões, foi anulada e cancelada por impossibilidade de se cumprir o primeiro triângulo do percurso no tempo limite de 75 minutos. No momento da anulação da regata, os concorrentes da frente tinham apenas cumprido o segundo lado do percurso.

O motivo principal da anulação desta primeira regata prende-se com o andamento lento das em-

barcações, já que o vento tinha a força 1-2, soprava do quadrante Noroeste e o mar tinha a vaga muito pequena. Na altura da suspensão da regata, esta era comandada pelo finlandês H. Bjurström, seguido do norte-americano Douglas de Sousa e do espanhol Felix Gancedo, que passaram nas duas primeiras boias por esta ordem. O finlandês H. Bjurström, que tem a espessa como «proa», tem 28 anos e pratica vela, na classe de «snipes» há quatro anos, é a 1.ª vez

que está em Portugal. «Foi pena que a regata tivesse sido anulada, pois estava fortemente esperançado em obter uma vitória», afirmou o velejador logo que chegou ao cais do Sport. Afirmando não ter qualquer esperança em vencer este «Mundial», Bjurström, velejador não profissional, admitiu que gosta muito de Portugal «porque as coisas são muito baratas».

O campeonato prossegue hoje com a disputa das 2.ª e 3.ª regatas, com início pelo meio-dia.

MICROSEPIO

Maratona em Loures

A 5.ª edição da maratona da Associação de Atletismo de Lisboa, decorre este ano no concelho de Loures, com o patrocínio da Câmara Municipal. A competição, que reunirá os melhores especialistas nacionais desta difícil disciplina de atletismo, disputa-se no próximo dia 16 de Outubro, com início às 8 e 30 horas. A Associação de Atletismo de Lisboa, que mais uma vez mete ombros à organização da prova, está a desenvolver esforços para a sua internacionalização, estando assim prevista a participação de alguns dos melhores atletas espanhóis.

Ténis: Open EUA

O checoslovaco Ivan Lendl qualificou-se para o quarto-de-final do Open de Ténis dos Estados Unidos, ao vencer o norte-americano Johan Kriek por 3-0. Lendl ganhou com os parciais de 6-2, 6-4 e 6-1, sem grandes dificuldades. O checoslovaco (segundo cabeça-de-série do torneio) ainda não perdeu um único «set» nas quatro partidas que já disputou.

Outros desfechos: Hana Mandlikova (Checoslováquia) venceu Zina Garrison (Estados Unidos) por 6-3 e 7-5; Sylvia Hanika (República Federal da Alemanha) venceu Pascale Paradis (França) por 6-4 e 6-1 e Andrea Jaeger (Estados Unidos) venceu a sua compatriota Bonnie Gadusek, por 4-6 6-2 e 6-1.

CICLISMO: nos próximos dias 24 (Rua Vale de Santo António) e 25 (Rua Marques da Silva) a Associação de Ciclismo de Lisboa promove as duas provas do Campeonato Regional de Rampa que têm subidas de 650 e 400 metros. As competições iniciam-se (dia 24) às 16 horas e (dia 25) pelas 9 horas.

VOLEIBOL: congressos da federação marcados para as 14 horas do próximo dia 17, na Casa do Desporto (Porto).

BASQUETEBOL: reunião de filiados da Associação de Basquetebol de Lisboa no dia 12, pelas 21 horas. Entretanto, encontram-se abertas as inscrições para um curso de juizes, a iniciar em Novembro: inscrições na Secretaria da ABL.

Xadrez: campeonato

Resultados da 4.ª jornada do torneio preliminar do campeonato português de xadrez: António Antunes, Tróia-Pereira dos Santos, Rebelva, 0,5-0,5; Silva Pereira, Sporting-Marino Ferreira, Guarda, 1-0; António Fróis, Académica da Amadora-Silvio Santos, CDUP, 1-0; João Sequeira, Sporting-Horácio Barra, Barcelos, 0,5-0,5; Melão Pereira, Ac. Amadora-Horácio Neto, Sporting, 1-0; Luís Galego, CDUP-Nuno Amaral, Benfica, 1-0; Vítor Morais, Quimigal-Artur Silva, Viseu, 1-0. Classificação após esta jornada: 1.ºs António Antunes e Silva Pereira, 3,5 pontos; 2.ºs Pereira dos Santos, Luís Galego, Melão Pereira e António Fróis, 3.

Marco Chagas

Com a vitória individual de Marco Chagas (1.42,26) e colectiva da Mako-Jeans, disputou-se, em Pontével numa organização, dos Quarentões daquela vila, o tradicional circuito, destinado a seniores A e B, na distância de 78 quilómetros, a totalizar 60 voltas percorridas à média horária de 45,688 quilómetros. Nas posições imediatas classificaram-se Alexandre Ruas (a 13 segundos), Luís Moyano (a 1,36.00) e Benedito Ferreira (mt). A volta mais rápida pertenceu a Benedito Ferreira (1.29,02).

Ciclismo: «Mundiais» 85

Os organizadores italianos

Futebol: nacional outra vez em fascículos

A jornada n.º 3 do Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão reparte-se, de novo, por sábado e domingo, face às provas europeias que envolvem as equipas do Benfica, FC Porto, Sporting e Vitória de Guimarães e cuja primeira ronda está marcada para o dia 14. No sábado jogam: Agueda - Sporting de Braga (16h); Vitória de Guimarães - Salgueiros (17h); Sporting - Boavista (21h); e FC Porto - Sporting de Espinho (21 e 30). No domingo actuam, às 16h, Estoril - Benfica, Rio Ave - Farense, Vitória de Setúbal - Penafiel e Portimonense - Varzim.

Futebol lisboeta

Principia no domingo a disputa do campeonato da 1.ª divisão distrital promovido pela Associação de Futebol de Lisboa. Jogos: Vilafrankense-Prior Velho, Unidos-Futebol Benfica, Linda-a-Velha-Algés (no campo n.º 4 do Estádio Nacional), Loures-Camarate e Operário-Alto da Eira, todos com início pelas 16 horas. O encontro Pêro Pinheiro-Montelavarenses não se efectua por desistência do Pêro Pinheiro.

No dia 15, abre o campeonato distrital lisboeta de reservas: Sporting-Torreense, Odivelas-Estoril, Benfica-Sacavenense e Desportivo dos Olivais - Belenenses, todos pelas 21 horas.

Amanhã há reservas

Prossegue amanhã o campeonato lisboeta de reservas. Jogos: Belenenses - Benfica (16), Amadora - Desportivo dos Olivais, Sacavenense - Sporting e Torreense - Odivelas (21).

Divisões 2/3

Abre no domingo a prova lisboeta da 2.ª/3.ª divisões: Atalaia - Ramalhal (no campo do Ramalhal, por troca, pelas 10 e 30), Lourinhense - Sobredense, Murteirense - Serra, Monte Agraço - Arrudense, Freiria - Casalinense, Ponterronense - Livramento, Castanheira - Alenquer, U.D. Recreio - Paraíso, Tojal - Petrogal (campo de S. Iria de Azóia), Ponte de Frieiras - Zambujalense, Manique - Carcavelos, Oeiras - Fontainhas, Linda-a-Pastora - Queijas (Estádio Nacional, campo n.º 5) Império do Cruzeiro - Armadorense, Belas - Almargense, Caneças - Negrais, Mem Martins - Massamá, Aqualva - Monte Abraão, Damaiense - S. Maria, Pontinhense - Bairro da Boavista (campo do Bairro Padre Cruz, do Unidos), Arroios - Tunelense (campo S. João de Brito) e Cruz Vermelha - Musgeira (campo dos Sacrificios, na Musgeira). Todos os encontros se processam pelas 16 horas.

Futebol madeirense

O sorteio da 2.ª eliminatória da Taça de honra da Associação de Futebol do Funchal, determinou os seguintes encontros: Santa-cruzense - Nacional e Marítimo - Câmara de Lobos, a disputar hoje.

Os vencedores encontrar-se-ão na final, a disputar no próximo dia 10.

Futebol açoriano

O deputado socialista açoriano José Manuel Betencourt manifestou-se pela criação de condições que permitam a participação de equipas açorianas do nacional de futebol da 3.ª divisão. Em telegrama enviado ao Secretário de Estado dos Desportos, o deputado regional solicitou a este membro do Governo o «máximo empenhamento» na criação dessas condições. Três equipas açorianas têm a sua participação no nacional de futebol da 3.ª divisão ameaçada devido à falta de verba para os transportes. A Federação Portuguesa de Futebol deu a essas equipas o prazo limite de 8 de

Setembro para uma resposta definitiva sobre a sua participação.

Amora em frente

O Amora Futebol Clube (que, sob a direcção de Fernando Paixão, está a desenvolver os maiores esforços para um breve regresso à 1.ª Divisão do Futebol Nacional) acaba de conseguir o concurso de mais dois atacantes. O benfiquista Carlos Ferreira e Jorge Coutinho, que na temporada transacta representou o União da Madeira. Entretanto, no sábado, realiza-se no Campo da Medideira, (18 horas) um encontro entre a turma amorense e o União de Leiria.

Homenagem

O Esperança de Lagos venceu o Torralta, por 1-0, no jogo de futebol de homenagem ao jogador Sota, deste último clube. A partida realizou-se no Estádio «Dois Irmãos», em Portimão, e o marcador funcionou uma só vez, por intermédio de Edmundo, aos 13 minutos.

Europeu em acção

A Noruega precisa de vencer hoje a Bulgária, em Oslo, para manter intactas as esperanças de qualificação no grupo 4 do Europeu de futebol. A Noruega ocupa o segundo lugar do grupo, com três pontos, tantos como a Jugoslávia, mas menos dois que o líder (País de Gales). A Bulgária é última, com apenas um ponto.

Por sua vez a Holanda, desfalcada dos seus principais jogadores, recebe a Islândia em jogo do grupo 7 de apuramento para a fase final do Europeu.

Por essa Europa

Jogo particular: Hertha de Berlim (2.ª divisão da RFA), 2 - selecção nacional da RSS, 2.

Europeu de esperanças: Holanda, 1 - Islândia, 1; Suécia, 1 - Noruega, 1.

Árbitros: UEFA

Marques Pires estará presente no Feyenoord - St. Mirren, para a Taça UEFA, no dia 28 do corrente. Alder Dante vai dirigir o Nottingham Forest-Vorwaerts, também para a Taça UEFA, no dia 14, enquanto no mesmo dia Raul Nazaré vai arbitrar o Juventus - Lechia Gdansk, para a Taça das Taças.

Baixa em Alvalade

O brasileiro Jason contraiu ruptura de ligamentos, em choque com o guarda-redes Katzitz.

Mundial de Clubes

O campeão sul-americano de futebol (o Grémio de Porto Alegre, Brasil) e o campeão europeu (o Hamburgo, da RFA), vão defrontar-se em Tóquio, a 11 de Dezembro, para atribuição do título mundial de clubes. Embora o programa não esteja, ainda, totalmente elaborado, o desafio será transmitido em directo ou em difereido para mais de 60 países.

Desde 1980, ano em que o Nacional de Montevideo ganhou ao Nottingham Forest (1-0) as equipas sul-americanas dominam esta competição. Em 1981, o Flamengo (Brasil) bateu o Liverpool (Inglaterra) por 3-0, enquanto na última época o Peñarol (Uruguai) venceu os ingleses do Aston Villa, por 2-0. O Grémio de Porto Alegre é este ano campeão da América do Sul depois de vencer o Peñarol, por 3-2.

Placard

Regata Funchal/Tenerife

O veleiro «Frederica Devonta» comanda a regata Funchal/Tenerife. Na 2.ª posição seguem o «Funchalinho» e o «Senhora da Bonança», e na 3.ª o «Vitoig». A chegada do primeiro barco àquele ilha canária está prevista para o princípio da tarde de hoje.



DESPORTO

ponta esquerda

Seleção de hóquei: contestação

A Direcção do Sesimbra (em conferência de Imprensa onde foi abordado o Torneio Villas) expressou o seu desagrado em relação ao critério do seleccionador nacional de hóquei em patins (António Livramento) na escolha das selecções, durante a última temporada, lembrando o facto do Sesimbra se ter classificado em 4.º lugar no campeonato nacional, sem que nenhum elemento da sua equipa tivesse sido contemplado com chamada à **selecção de todos nós**. Entretanto (afirmaram os dirigentes sesimbrenses) o Paço de Arcos (três lugares abaixo na tabela classificativa nacional, teve jogadores chamados à selecção. A maior injustiça (garantiram) foi em relação a Jorge (avançado do Sesimbra) que registou uma época brilhante e merecia o prémio de vestir a camisola das quinas.

O fio das palavras

«O cavalo tem a moral afectada.»

«Quando falamos damos azar e mais vale estarmos calados.»

(Comentador-TV de um concurso de hipismo algarvio, sujeito que [respeitosamente] tratava todos os montadores por senhores).

«Queremos um presidente que não sirva apenas para entregar taças. (...) Treinamos com bolas carecas emprestadas por Mário Azevedo Gomes...»

(O campeão tenista José Vilela falando do momento das modalidades).

Ralis de iniciados iniciam-se com desistência

Comunicado público do ACP: «Lamenta a Comissão Desportiva Nacional que o Sport Lisboa e Benfica, a menos de um mês da realização da sua prova-integrada nos Campeonatos de Ralis-Iniciados, tenha desistido de a organizar.

Ao abrigo do Art.º 31.º das Prescrições Gerais, deliberou a CDN, na sua última reunião, considerar a substituição desta primeira prova da Zona Sul pelo «Rali Sever do Vouga», que passará a contar simultaneamente para as duas zonas e se disputará em 24/25 de Setembro.»

Atenção, árbitros

Conselhos a quem se dedicar à arbitragem: tenha calma, cabeça e coragem. Só assim evitará o triste espectáculo público de um nome em circulação, que ninguém sabe quanto custou atingir o rol internacional.

Amor a três?

A vida sentimental de Martina Navratilova (a tenista de eleição) dá para pensar: está «casada» com uma escritora e, no entanto, mantém-se inseparável de uma conhecida basquetebolista norte-americana.

Real Madrid: débito monstro

As dívidas do Real Madrid elevavam-se a mais de mil milhões de pesetas no final da época passada contra os 200 milhões há cinco anos. Mais de 600 milhões de pesetas é a dívida correspondente à renovação do Estádio Santiago Bernabeu (de Madrid) obra realizada por ocasião do último Campeonato do Mundo de Futebol e que serão reembolsáveis a médio e longo prazo. Os lucros do clube ascendiam a 341 milhões no termo da última época. Para este ano, o orçamento do clube será de 1,8 mil milhões de pesetas. Saldo: 273 milhões a mais que o ano passado.

Brighton está à venda

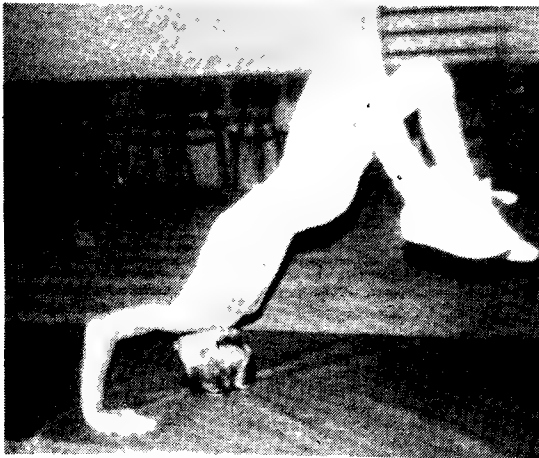
O Brighton, finalista infeliz da «cup» inglesa na época passada e que acabou por descer de divisão, procura um comprador. Um consórcio anglo-americano está prestes a passar a controlar o clube. **Nós vamos levar novamente o Brighton à 1.ª divisão e às competições europeias. Nós temos dinheiro, afiançam os compradores.**

FIFA continua condenando o «apartheid»

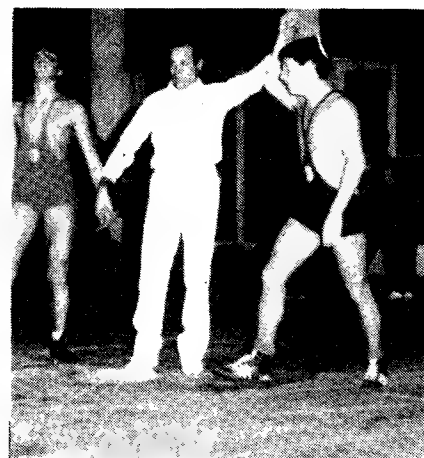
O presidente da FIFA, o brasileiro João Havelange, declarou ontem que a África do Sul continuará impedida de se inscrever naquele organismo máximo do futebol mundial. Em declarações na capital de Trinidad-Tobago, Havelange precisou que a FIFA manterá a decisão de não aceitar nas suas fileiras a África do Sul até que este país não altere a sua actual política de «apartheid».

Morena: dupla fractura

O «internacional» uruguaio Fernando Morena sofreu fractura da tibia e do perónio da perna esquerda no seguimento de uma agressão de um defensor venezuelano, António Torres, este expulso pelo árbitro do encontro que contava para a Taça América e que o Uruguai venceu por 3-0. O uruguaio Walter McCata Roque, director técnico da Venezuela, deplorou o grave acidente, reprovando o gesto do seu jogador, e entrou no terreno para que este abandonasse a partida, mesmo antes que o árbitro Gabriel Gonzalez (paraguaio) lhe mostrasse o cartão vermelho.



Treino do jovem «internacional» Alexandre Nunes nas instalações do Clube Desportivo de Arroios



Carriço: campeão nacional de juniores

Visitando colectividades populares

Clube Desportivo de Arroios: lutar pela luta

«Como começou o Clube Desportivo de Arroios? Bem, ao princípio chamava-se Desportivo Clube de Arroios, só que DCA era uma sigla política e, por ordem judicial, fomos forçados a alterar a ordem das palavras. Tudo começou junto ao chafariz do jardim do Largo de Arroios, onde a rapaziada se juntava. Um certo dia, um dos rapazes (o José Cândido Guedes) chegou ao pé de nós e disse: 'Vamos fundar um clube!' E ele próprio andou com um papel pelas ruas a arranjar sócios. Formámos um grupo de cerca de 30 rapazes e pusemos a ideia em prática em 15-7-1934, na Rua de Arroios. Passámos mais tarde para o Largo de Arroios, onde é actualmente a Conservatória, e permanecemos aí vários meses. Mudámo-nos depois para uma casa que faz esquina com as ruas José Falcão e Francisco Sanches. Esse prédio acabou mais tarde por ser demolido e nós, entretanto, andámos aos saltos, até virmos parar aqui a esta transversal da Av. Almirante Reis, sendo o andar propriedade de um nosso sócio.»

Quem assim nos falou o histórico do clube foi o vice-presidente das actividades recreativas e um dos sócios fundadores: Carlos Martins, mais conhecido pelo nome de «Castelo». Um homem que foi um «craque», jogando ao lado de grandes nomes do desporto nacional como Jorge Vieira, o actual sócio n.º 1 da colectividade sportinguista.

«O clube nasceu para o futebol, começámos por disputar torneios populares mas a nossa equipa de futebol de seniores depressa chegou à 3.ª divisão, onde fomos campeões nacionais. Seguidamente subimos à 2.ª divisão, onde permanecemos cerca de 15 anos. Actualmente, encontramos-nos no escalão mais baixo, (3.ª divisão regional) mas daqui saíram bons jogadores, como Laranjeira e Abade.

Vou contar um episódio curioso, que se passou com a nossa equipa. Já lá vão vários anos. Nós fomos passar uma semana ao Algarve, e nessa mesma semana realizámos 3 jogos. Jogámos com o Farense, o Portimonense e o Olhanense: e ganhámos todos os jogos, o que foi formidável. Era nosso treinador o Lopes, mais conhecido pelo «4010» do Casa Pia. Também foi nosso treinador, durante duas épocas um dos «cinco violinos», Fernando Peyroteu. Romão Martins, que foi presidente da FPF, é «sócio de mérito» do Arroios. E, por curiosidade, posso dizer que Vasco Santana foi, além de director, «sócio benemérito»: foi ele que escolheu as nossas camisolas, que são iguais às do Flamengo, clube da sua simpatia no Brasil.»

Além do futebol, o clube já teve patinagem, ténis de mesa e até ciclismo, como nos disse Carlos Martins: «Houve um ano em que o Arroios participou na 'Volta a Portugal' em bicicleta com o ciclista João Marcelino. Mário Ferreira (presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo) foi nosso presidente. No ténis de mesa também tivemos cá bons jogadores, como João Campos e Fernando Rebelo, que foram mais tarde atletas do Sporting. Mas a juventude já não é como antigamente. Há pouco tempo, o clube pôs à disposição dos miúdos duas mesas internacionais de ténis de mesa: ao princípio ainda vinham alguns, agora não aparecem nenhum.»

Patingem, ciclismo e ténis de mesa são modalidades que já não existem no clube. Mantém-se o futebol, desde as escolas até aos seniores, num total de 120 atletas. Mas a modalidade de maior impacto, aquela que dá projecção ao Desportivo de Arroios, é a luta. E foi o director desta modalidade, e treinador (mestre) e também 1.º secretário, Vítor Oliveira, que nos falou:

«São as lutas amadoras (luta livre e greco-romana) que actualmente dão projecção ao clube. Ainda há pouco tempo estivemos presentes no Torneio Internacional de Nantes (em França) onde, por intermédio de António Carriço, obtivemos a medalha de prata.

O Arroios é o campeão Nacional de Juniores e o detentor da Taça de Portugal. Temos muitos bons atletas, inclusive um moço com 13 anos (Alexandre Nunes), que é já internacional e que irá estar presente na Operação-Seul, tal como aconteceu o ano passado, com vista aos Jogos Olímpicos de 88, a realizar na Coreia do Sul. Os atletas (e são cerca de 50), treinam aqui nas nossas instalações, num salão que não oferece as mínimas condições, os tacos levantam-se e, no inverno, chove lá dentro. Há pouco tempo, tivemos um acidente com uma criança de 14 anos, devido a falta de condições. Para praticar desporto é necessário que existam condições, é necessário que existam instalações grandes e boas. Para essas condições é necessário que haja dinheiro: dinheiro não há. Porque, quanto a subsídios da Câmara Municipal de Lisboa, Junta de Freguesia e Direcção-Geral dos Desportos, eles quase não existem, porque apenas dão para os transportes. As únicas fontes de receitas são as cotizações de cerca de 600 sócios, donativos e receitas do bar. Também costumamos organizar bailes, pelos Santos Populares, Fim de Ano e Carnaval, somente para sócios e seus

familiares. Promovemos (igualmente), em alguns aniversários, espectáculos desportivos. Este ano esses espectáculos estiveram integrados nas comemorações da Cidade de Lisboa e constaram de um encontro de luta entre o Arroios e a selecção de Lisboa (ganho por nós) e também de um Torneio de Futebol Infantil.

O nosso grande objectivo é a construção de um pavilhão gimnodesportivo nuns terrenos nas traseiras do clube e que se diz terem pertencido à antiga Legião Portuguesa. Já falámos com a Junta de Freguesia, que não resolve nada. Quanto à Câmara Municipal de Lisboa, encolhe os ombros e não mexe uma palha. A população da zona também pouco adere às iniciativas do clube: isto na freguesia que é considerada a maior de Lisboa.

Além da carência de dinheiro, há a falta de motivação por parte dos jovens, que procuram outras distrações que não seja o desporto.

Assistia à reportagem, por se interessar por jornalismo, o jovem David Lopes pertencente ao escalão de Esperanças (17-20 anos). Disse:

«Comecei a praticar luta em 1980, influenciado por um vizinho que andava cá. Cheguei, gostei e fiquei. Gosto desta modalidade, aliás, eu gosto muito de desportos de combate, inclusive de boxe. Depois há os benefícios. Eu sou muito nervoso e a luta dá-me autoconfiança. Quando estou em combate não conto com a ajuda dos colegas, porque é um desporto individual. E a luta não é violenta, como se costuma dizer. Tenho pena de não ter começado mais cedo, ainda ontem durante o treino o mestre fez uma pausa e falou-nos sobre isso. Ele disse: «Para ser alguém, é necessário começar de pequeno.»

Filomena Araújo

“Programas Alvo” escolhem melhores do nosso desporto

Anunciando que este será o último ano da sua realização, mas promovendo ainda a sua iniciativa com todo o cuidado e interesse, a Rádio Alvo (dos jornalistas Trindade Guedes e Jorge Peixoto) prossegue (até às 24 horas do próximo dia 10) a recolha de votos dos ouvintes dos programas «Alvo» (que se transmitem em Rádio Renascença, Freqüência Modulada, Norte e Centro) no tocante à escolha de sete figuras em destaque no campo desportivo: o melhor treinador profissional de futebol, o melhor jogador profissional de futebol, o melhor árbitro de futebol, o melhor relator desportivo da Rádio, o melhor jornalista desportivo, o atleta e a atleta que mais se evidenciaram na prática de modalidades amadoras. São considerados nomes de nacionalidade portuguesa.

A eleição dos ouvintes é este ano completada com a votação dos jornalistas desportivos dos diversos órgãos da Comunicação Social. Os resultados serão tornados públicos nos vários programas radiofónicos da linha «Alvo», culminando com um festival para entrega de prémios a ouvintes votantes e troféus aos desportistas eleitos, que terá lugar a 3 de Outubro em três locais diferentes da cidade do Porto: Estádio do Bessa, 16 horas (jogo de futebol entre representantes dos órgãos de Comunicação Social do Norte e do Sul; Marisqueira CUFRA, às 18 e 30 (jantar com a presença dos desportistas convidados) e Teatro Sá da Bandeira, 21 horas (variedades artísticas e entrega de prémios e troféus).

De salientar que este ano os programas «Alvo» prestam saudosos homenagens a dois camaradas da Comunicação Social tragicamente desaparecidos do nosso convívio: António Matos («Jornal de Notícias», do Porto) e Rebelo Carnevalheira («A Bola», de Lisboa). Eles dão o nome às taças que são disputadas pelos colegas no desafio de futebol, que será arbitrado pelos três juizes mais premiados pelos ouvintes «Alvo».

Calcula-se que atinga 45 mil o número de postais-votos que vão definir as classificações desta temporada, prova insofismável do auditório de «Alvo» (RR, FM Norte e Centro), diariamente, de 2.ª a sábado (das 5 às seis horas) sábados (das 14 e 30 às 15 e das 21 e 30 às 22 horas).

TOTO BOLA

jogue connosco

4.º CONCURSO EXTRAORDINÁRIO
14 de Setembro de 1983

Estoril - Benfica	2	Benfica - Linfield	1
Porto - Espinho	1	Lech Poznan - At. Bilbau	x
Sporting - Boavista	1	Dinamo Zagreb - Porto	x
Águeda - Braga	1	Innsbruck - Colónia	2
Rio Ave - Farense	1	AEK Atenas - Ujpest	1
Setúbal - Penafiel	1	Sevilha - Sporting	1
Portimonense - Varzim	1	Guimarães - Aston Villa	1
Guimarães - Salgueiros	1	Sparta Praga - Real Madrid	x
Arsenal - Liverpool	1	PSV Eindhoven - Ferencváros	1
Aston Villa - Norwich	1	Kaiserslautern - Watford	1
Leicester - Tottenham	1	At. Madrid - Groningen	1
Sunderland - Southampton	2	Bordéus - L. Leipzig	x
Wolverhampton - Birmingham	x	U. Craiova - Hajduk Split	x

A ilha dos cães

Desenho Florenci Clavé

Texto Guy Vidal

4



Continua

Índia

Novo plano de emprego para os homens do campo

O governo de Nova Deli acaba de concluir a elaboração de um plano de aplicação imediata, para garantir um emprego a cada família de camponeses sem terras, durante pelo menos 100 dias por ano.

O novo «esquema de emprego garantido para camponeses sem terras», apresentado perante o Parlamento em meados deste mês, substituirá um outro projecto semelhante, o programa nacional de emprego rural.

Este programa logrou gerar, segundo foi informado, 300 a 400 milhões de dias — homem de trabalho activo por ano para os subempregados e desempregados das zonas rurais do país, durante os primeiros anos do actual plano quinquenal.

Mas, segundo o balanço da primeira metade do período quinquenal também apresentado ao Congresso no mesmo dia do novo programa, foram apontados vários problemas na execução desse programa.

Além das dificuldades causadas pela falta de dinheiro e interesse nos objectivos fixados pelo programa nacional, também aconteceu que os projectos desenvolvidos não atingiram a qualidade requerida e os resultados foram, em consequência, medíocres.

Geralmente, nota o balanço da primeira metade do período quinquenal, os trabalhos realizados ao abrigo do programa nacional não conseguiram satisfazer as necessidades das famílias escolhidas para este plano de ajuda.

Com alguma frequência, aconteceu que as famílias mais pobres não foram sempre as beneficiadas pela acção do governo.

Segundo se indicou, um número importante dos beneficiados pelo programa eram pequenos agricultores ou camponeses marginais e observa-se que a selecção não deve ser feita à custa dos sectores mais pobres na escala da miséria.

A utilização de trabalhos como a escavação de caboucos e a construção de estradas — aplicados anteriormente no âmbito do programa de auxílio à fome há alguns anos — neutraliza o objectivo de que o trabalho do programa gere benefícios duradouros para a comunidade.

Esta experiência demonstra que os momentos de maior pobreza no meio rural, especialmente entre as famílias de camponeses sem terras, têm de ser enfrentados com políticas de ajuda mais directas, indica o balanço apresentado ao Parlamento recentemente.

No quadro do novo «programa de garantia de empregos no meio rural», será dada prioridade aos trabalhadores sem terras.

Espera-se que um investimento de cerca de 100 milhões de dólares para o período de 1983-1984 e de 650 milhões para o período 1984-1985 gere 60 milhões de dias laborais para o próximo ano e 300 milhões para 1985.

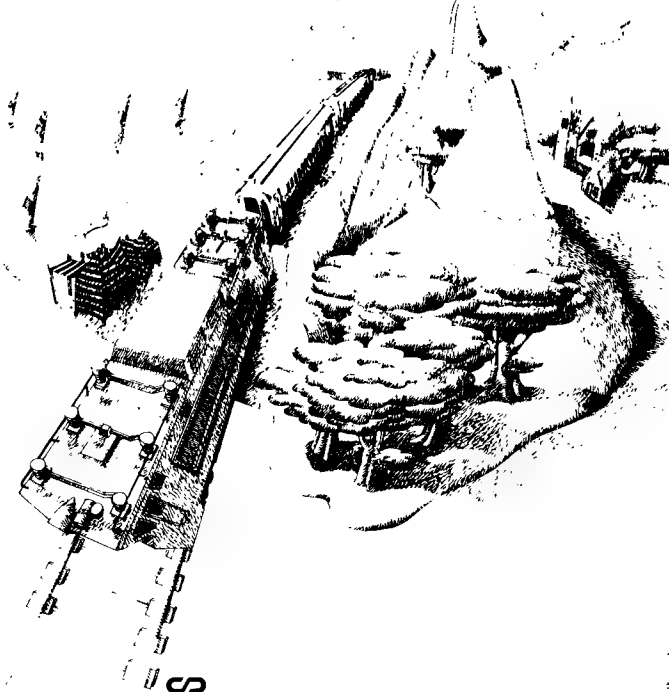
Os projectos elaborados sob este esquema darão prioridade às zonas mais isoladas, onde entre a população predominam os camponeses sem terra e desempregados.

Os trabalhos que se realizarão, de acordo com o programa, incluem a construção de estradas secundárias de ligação com estradas nacionais, escavação de canais de rega, desenvolvimento e melhoramento de terras cultiváveis, regeneração florestal com fins sociais e conservação de terras e água.

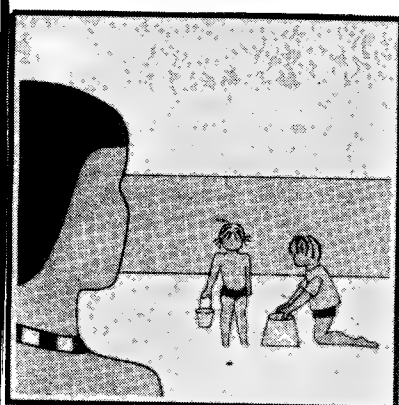
Em vez de dinheiro, uma parte dos salários serão pagos com cereais.

caminhos de ferro - caminhos de quem viaja

Surpreender o recorte de um rio
Desenhar o contorno de um arvoredo
Fixar a linha de um telhado o perfil de um monho
Descobrir outra cidade
Espalhar a imaginação na planície
Transpor o cume de uma serra
Viver a paisagem
Viajar com a calma a segurança
despreocupadamente
contendo de combus se faz



caminhos de ferro - caminhos de futuro



VIGIE
as brincadeiras das crianças



Urban é rua
não deve lixo na rua

Série brasileira suscita polémica

“Malu-Mulher” leva cubanos a debaterem o machismo

A estreia na Televisão cubana da série brasileira “Malu-Mulher”, interpretada por Regina Duarte, suscitou um aceso debate público sobre os problemas das mulheres e a sobrevivência do machismo numa sociedade socialista.

A série, realizada nos anos de 1979 e 1980, mereceu já vários comentários na imprensa e um debate televisivo de mais de três horas, durante o qual intervieram, nomeadamente, psicólogos e professores.

Além disso, tem sido alvo de discussões acaloradas nos transportes públicos e locais de convívio e trabalho, onde serve de pretexto ao levantamento e análise de questões que se prendem com os resquícios de machismo que os próprios homens cubanos reconhecem existir, embora os atribuam à dupla herança espanhola e africana.

De uma maneira geral, os intervenientes no debate público são de opinião que os problemas projectados na série brasileira não são directamente aplicáveis à sociedade cubana, na medida em que Malu se movimenta “num contexto pequeno burguês” e a sua luta pela emancipação “contém elementos de feminismo que pertencem ao passado”.

Uma psicóloga que participou no debate na Televisão cubana chegou a afirmar os seus receios de “repercussões negativas” que a série possa ter noutros países da América Latina onde, disse, “há grupos feministas que são diversionistas e divisionistas, e confundem os conceitos reais sobre os objectivos e as formas de luta”.

Registam-se, no entanto, reacções mais flexíveis, como é o caso do comentarista da agência “Prensa Latina” que, depois de se debruçar sobre “as virtudes e os desacetos” da série brasileira, advertiu os seus conterrâneos com a conhecida frase: “Vendo arder as barbas do teu vizinho, põe as tuas de molho”.

Por seu turno, o professor e especialista em sexologia, Cestino Alvarez Lajonchere,



Malu (Regina Duarte) na série brasileira que o público cubano presencia actualmente

admitiu que em Cuba “não existe uma compreensão cabal e generalizada dos problemas da mulher porque, erradamente, muitos pensaram que as profundas mudanças socioeconómicas da revolução os iriam resolver espontaneamente”.

Em Cuba, as mulheres gozam de igualdade de direitos perante a lei e 37,5 por cento da população economicamente activa é feminina, mas apesar disso, a maioria das mulheres trabalhadoras está sujeita à “dupla tarefa”, ou seja, acumula o seu trabalho normal com as tarefas domésticas.

Num recente relatório apresentado pelo Governo cubano nas Nações Unidas reconhece-se que subsistem preconceitos e discriminações e afirma-se que é mais fácil promulgar uma lei ou construir uma fábrica do que transformar mentalidades moldadas durante séculos e baseadas na alegada “superioridade” do sexo masculino sobre o feminino.

“Estas peias mentais fazem com que a participação da mulher nos cargos políticos seja ainda mais escassa”, acrescenta o mesmo relatório.

No Conselho de Ministros, composto por 46 membros, há apenas uma mulher, Irma Sánchez, ministro presidente do Comité Estatal de Abastecimento Técnico Material, e no Bureau Político do Partido Comunista há apenas Vilma Espín, presidente da Federação de Mulheres Cubanas, que figura como membro suplente.

A representação feminina é um pouco mais ampla do Comité Central do partido, onde, num total de 111 membros, 17 são mulheres, representando aproximadamente 15 por cento.

Em suma, e segundo os observadores, a série “Malu” serviu para recordar que algumas mulheres cubanas também vivem situações sociais de desigualdade e discriminação e para impulsionar um debate público até agora praticamente inexistente sobre estes problemas.

Retomando o tema do Exército

Altman domina Veneza com “Streamers”

“Streamers”, do americano Robert Altman, um morticínio à porta fechada numa camarata de jovens recrutas, foi apresentado em competição, ontem, em Veneza, ao mesmo tempo que eram exibidos dois outros filmes anglo-saxões: “The Ploughman’s Lunch”, de Richard Eyre (Grã-Bretanha) e “Careful, He Might Hear You”, de Carol Schultz (Austrália).

Três anos depois de “Mash”, uma comédia sobre os soldados durante a guerra da Coreia (e que lhe valeu a Palma de Ouro no Festival de Cannes), Robert Altman retoma com o seu “Streamers” o tema do exército, mas aqui o tom muda: é francamente sinistro.

Na gíria militar americana, um “Streamers” é um homem que salta em pára-quedas não se abre. O filme, adaptado de uma peça de David Rabe, situa-se em 1966, numa caserna, imediatamente antes do primeiro envio importante de tropas americanas para o Vietname. Em plena camarata, um jovem soldado corta voluntariamente o pulso. Três outros jovens recrutas (que não têm nada de comum) — um homossexual da alta sociedade, um estudante brilhante e um jovem negro — aguardam a notícia sobre se vão partir ou não para a guerra. A coabitação não se passa sem choque e provocações. Entretanto, chega à camarata um soldado negro mais violento, mais revoltado que os outros, e provoca a catástrofe.

Roberto Altman, trabalhoso decididamente sobre o cenário

de “porta fechada” dando, deste modo, uma aceleração ao tema, através da tradução exclusiva de rostos e das palavras.

No entanto, este sólido filme (e a avaliar pelas opiniões de certos críticos) não tem a força das outras grandes obras de Altman. “Nashville” ou “As Três Mulheres” se bem que até ao presente, parece dominar completamente a competição em Veneza.

O segundo filme “The Ploughman’s Lunch” apresentado na secção consagrada aos jovens autores — constitui um retrato balzaquiano extremamente inteligente da Inglaterra contemporânea, da crise do Suez até as Malvinas, onde (sob o governo de Margaret Thatcher) as classes sociais se mantêm vivas.

Um jovem jornalista da Rádio, desejoso de trepar na escala social, renuncia, as suas convicções políticas e esconde cuidadosamente a origem proletária. Faz entretanto a corte a uma rapariga da melhor sociedade e esforça-se por vender a um editor a ideia de um livro sobre a questão do Suez.

“Careful, He Might Hear You”, talvez demasiado convencional e maneirista, situa-se na Austrália, em plenos anos 30. Um rapaz, cuja mãe morta logo depois do parto, foi por ele apelidado de PS (PST-Scriptum) torna-se o objecto do jogo entre duas tias que se odeiam uma a outra. Mau grado ele próprio, o rapazinho serve de intermediário entre as duas mulheres.

François Naupin, AFP/“DL”

Mais uma fuga em automóvel alheio

Técnico dos “Duran Duran” voltou a fazer das suas...

PORTO, 7 — O técnico do famoso conjunto “Duran-Duran”, o belga Stephane Pascale Denis Etienne, de 25 anos, actualmente ausente em parte incerta, voltou a fazer das suas. Pegou num automóvel pertencente a uma firma alemã, mas que estava confiado a Bruce McCroe, com quem o técnico de som estabeleceu relações de amizade e desapareceu como o fumo. Além do veículo, o belga levou, também, os respectivos documentos, bem como o passaporte do amigo, e ainda, peças de vestuário e dinheiro no montante de 80 contos.

Presume-se que tenha ido para o sul de Espanha, onde o lesado se deslocou, na mira de reaver o carro. Chegou à fala com uma jovem com quem Stephane Pascale havia mantido um certo contacto, mas acabou por regressar ao Porto de mãos a abanar.

Entretanto, a Polícia Judiciária está prestes a concluir o respectivo processo, pelo que não deverão tardar aí os mandados de captura. Só que, desta feita, ninguém sabe onde o belga pára, ao contrário do que sucedeu da vez anterior.

Recorde-se a propósito que o técnico de som dos “Duran-Duran” foi julgado e absolvido no dia

12 de Abril último, no tribunal de S. João Novo, por um crime idêntico. Conforme noticiámos na altura, Stephane Pascale travou conhecimento com um comerciante do Porto e uma noite, a pretexto de ir comprar tabaco, fugiu-lhe com o “Porsche”, o qual seria interceptado junto do “Pão de Açúcar”, em Cascais.

Depois de passar seis meses em Custodias, o belga foi sujeito a julgamento, tendo os magistrados considerado que se tratara de um “equivoco lamentável”, já que foi o próprio lesado o primeiro a pedir a absolvição do réu, por admitir que tivesse havido um erro de interpretação.

Alguns dias mais tarde, porém, veio a saber-se de outras “habilidades” praticadas pelo técnico de som, designadamente junto de alguns hotéis do Porto e de Lisboa, onde se havia instalado e dos quais se ausentou sem pagar a conta.

Surgiu, entretanto, o caso a que já fizemos referência e que levaria (levará?) Stephane Pascale de novo à cadeia que ele classificou como o lugar onde passou o pior período da sua vida. Pelos vistos, porém, esqueceu-se depressa...

Festival de Veneza

Um filme colagem de Alexander Kluge e um “Crepúsculo dos Deuses” suíço

Um filme colagem sobre “A Força dos Sentimentos” do alemão Alexandre Kluge, um “crepúsculo dos Deuses” suíço (“Glut” de Thomas Loerfer) iniciaram a competição na quadragésima Mostra de Veneza, bem como um filme espanhol, “1919, crónica de Alba”, de António José Betancor.

Quinze anos após ter obtido o Leão de Ouro em Veneza em 1968, com “Os Artistas sob o Capitel-Perplexos”, Alexandre Kluge, uma das grandes figuras do jovem cinema alemão, volta ao festival com “a Força dos Sentimentos” uma espécie de ensaio filosófico, constituído por sequências de ficção, extractos

de filmes, documentos, representações de óperas, sobre um ramalhete musical que vai de Gluk a Janacek, passando por Wagner, Verdi, etc.

“Glut”, através de uma montagem muito elaborada, conduz investigações à Alemanha contemporânea, muito particularmente na região hiperindustrializada do Reno bem como na clássica fábrica de sentimento em doses elevadas que é a ópera, mas desta vez, vista do lado da preparação do espectáculo e dos bastidores.

A família descrita por Thomas Koerfer no seu filme “Glut” (Coração em Brasa) numa acção que se passa durante a Segunda

Guerra Mundial e que põe o problema da neutralidade suíça, dos compromissos e da protecção militar que é obrigada a accionar para a conservar, não impede que se pense logo na família Krupp, dos “Malditos” de Visconti. A única diferença é que esta família é Suíça e portanto neutra e que não fornece apenas armas à sua vizinha Alemanha nazi, mas igualmente ao exército nacional e aos aliados.

Porém os dois parentes têm as suas ligações respectivas e um modo de vida particular com um cheiro a decadência que Visconti não teria desdenhado, e nesta atmosfera se desenvolve e cresce um rapazinho, André, que

em breve irá juntar-se a uma amiga polaca, Ana, recolhida por caridade. Ajudadas por um avô anti nazi, as duas crianças acabam por auxiliar um polaco a fugir de um campo de concentração.

“Crónica de Alba” apresentada na secção dos jovens autores, passa-se em Saragoça, no clima de incerteza social que se seguiu à Primeira Guerra Mundial. Um jovem adolescente filho de burgueses arruinados, ajudante de laboratório numa farmácia, fascinado pelos movimentos revolucionários, faz a aprendizagem de vida.

Françoise Maupin (AFP)

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Tudo fitas

DIZ-SE que se desenvolvem activamente os planos do novo mapa-tipo a começar em Outubro. Fique já aqui, para evitar qualquer espécie de dúvida, a minha profissão e cepticismo. Parece que já estou a ver: o encenador vem à boca de cena e declara a) a prioridade à produção nacional; b) os esforços para a melhoria de qualidade; c) programas de grande impacto popular; d) uma televisão que contemple os gostos diversificados da audiência; mas, e) não esqueçamos que a RTP sofre também ela os reflexos de um país em crise, pelo que, etc., etc.

Quem pensar que exagero, faça o favor de guardar esta crónica e a compare depois com a realidade.

Mas, voltando ao tema inicial, quero eu dizer que estou, de toda a maneira, desejoso de que venha alguma coisa, não digo melhor ou pior, mas diferente, algo que me dê possibilidade de evitar o momento de tortura em que a elaboração de cada crónica se vira.

Isto assim como está, não pode ser nada. São asneiras consecutivas, aldrabices, faltas de atenção, ausência de trabalho colectivo — logo ausência de responsabilidade colectiva.

O António Santos, às cinco da tarde, anuncia matéria referente

à CGTP a incluir no **Telejornal** das 20 horas. Nada. Apenas meiaduzeca de palavras mas no noticiário perto da meia-noite.

No citado **Telejornal**, a locutora refere-se à temperatura do dia, «temperatura que o Instituto Meteorológico não considera normal». Mas nos segundos (repito: nos segundos...) imediatos, o que o dr. Matos Saraiva dizia era precisamente o contrário...

Helena Ramos, em louvável sentido informativo, esclarecia que o espectáculo da Minelli vinha substituir a «Grande Reportagem». Meia hora depois, pedia depois desculpa: onde dissera «Grande Reportagem», devia ouvir-se «O Tópico».

Mais tarde, viria aquela piada da programação para o dia seguinte: às quinze e dez, a **matinée** das três e meia...

O rol de apenas um dia peca por omissão. Estou a citar de memória, com preguiça (ou cansaço, ou sono, ou um certo e perigoso, confesso estar-me marimbando) de recorrer aos fatos apontamentos. Além disso, dir-se-á que são pequenas coisas, coisas sem grande importância, vontade de embirrar, é o que é.

Calma. Em nenhuma televisão do mundo os erros são pequenos. Na televisão, todos os erros são grandes. Com a agravante de

que, na televisão portuguesa os erros são grandes (por inerência) e, não contentes com isso, são muitos. Tudo se reflecte depois no descrédito da televisão — e o mais grave é que, no nosso tempo, a importância da TV é tal que o seu descrédito é factor de desmoralização nacional.

Que vai o crítico fazer? Onde inventar maneira de estabelecer pontes para chegar ao leitor? Porque ninguém em seu juízo perfeito espera que lhe venha falar eu das **Origens** título que, a meia dúzia de emissões do fim, se encontra ainda por definir — sendo certo que, se não se definir nunca ninguém vai morrer por causa disso.

Nem igualmente que lhe fale da **Avenida Paulista**, onde teria de repetir uma série de divagações: a boa qualidade do texto (nem se percebe que é literário...) a excelente realização e direcção de actores, a denúncia, ao nível de uma ficção não de trama tão fácil quanto há tendência para considerar em certos meios, particularmente naqueles que não vêm regularmente, a denúncia de uma sociedade toda vocacionada para a destruição do Homem — ao mesmo tempo que apregoa a loa dos Direitos Humanos...

Também que lhes diria de Liza Minelli que os leitores não soubessem já? A colossal organiza-

ção visual do espectáculo? Está à vista... A tendência prioritária para o divertimento (impuro e simples, fugindo a qualquer tipo de crítica social? Mas é de caras... A lição de que toda aquela improvisação assenta no estudo aturado de todas as situações, de todas as palavras, até de todas as vírgulas? Mas quem tomou conta do genérico percebeu logo como era. De maneira que, se um crítico não pode ajudar ninguém (nem ao menos a si próprio) a dar um passinho em frente, o melhor que tem a fazer é arrumar as botas.

Eu gostaria, isso é que sim, gostaria de transportar para aqui a discussão da realidade nacional efectuada na RTP. Não levo nada daí. Desde o caso do avião sul-coreano que nunca mais se ouviu falar em despedimentos, em **lay-off**, nos brutais aumentos de preços, nas perspectivas económicas cada vez mais negras. A RTP segue o assunto tão apaixonadamente que se esquece de tudo o mais. E a informação, como típica manobra de diversão, vai continuar. Sem futuro. Porque pode esconder a realidade — mas não a pode modificar.

E hoje? Hoje, conforme anunciaram, temos uma fita à tarde, uma fita à noite e o «tempo de Governo». Enfim, tudo fitas...

Hoje



- 15.20 «Monte Walsh» — com Lee Marvin, Jeanne Moreau e Jack Palance.
- 16.45 Do Paleolítico ao Romano — «Calcolítico» (1.ª parte).
- 17.15 «O Bosque das Aventuras»
- 17.50 Sumário
- 18.00 Europa dos 10
- 18.25 Curso de Línguas — Português: «Bem Dizer e Bem Escrever».
- 19.00 Teleregiões — noticiário regional.
- 19.25 Tempo dos Mais Novos — «A Pequena Nell».
- 19.45 Vamos Jogar no Totobola
- 20.00 Telejornal — bloco informativo.
- 20.30 Telenovela — «Origens».
- 21.05 Noite de Cinema «Um Caso de Urgência», interpretado por James Coburn, Jennifer O'Neill e Pat Hingle.
- 22.50 Último Jornal



- 19.00 Desenhos Animados — «Mumbly».
- 19.30 TV/2 Notícias
- 19.40 Animais do Mundo
- 20.15 «O Mordomo Ideal»
- 20.35 Pare, Escute e Olhe — ...nos limites do Bairro Alto.
- 21.00 «Lisboa, Sociedade Anónima» — «O Banqueiro Anarquista».
- 22.00 Jornal da Noite
- 22.20 «Um Homem Entre Mulheres»



Eduardo Geada, realizador e adaptador de «Lisboa, Sociedade Anónima»

Amanhã



15.05: Verão Azul; 15.55: Gente do Espectáculo; 16.40: «Reviver o Passado em Brideshead»; 17.50: Sumário; 18.00: Autovisão; 18.25: Curso de Inglês; 19.00: Teleregiões; 19.30: Tempo dos Mais Novos; 20.00: Telejornal; 20.30: «Origens»; 21.05: «Contos de Agatha Christie»; 21.55: Programa da Direcção de Informação; 23.00: Último Jornal.

19.00: Desenhos Animados; 19.25: TV/2 Notícias; 19.35: José Diniz; 19.50: Estúdio Aberto; 20.20: Uma Palavra de Verdade; 20.55: Ópera; 22.00: Jornal da Noite; 22.20: «Um Homem Entre Mulheres».

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...



«Um Caso de Urgência» (21.00)



«Lisboa, Sociedade Anónima» (21.00)



Em casa de Duarte, Francisco chega com a intenção de levar a mala com as fotografias, mas, desconfiando, Marília diz que Paula levou a mala para o escritório para as mostrar a Duarte. João fica surpreendido com a mentira, pois sabe que a mala está em sua casa. Entretanto, no pavilhão, fala-se dos últimos acontecimentos: André e Samuel na Polícia e a obsessão de Francisco em ficar com a mala. Subitamente, Gaspar descobre um fio que sobressai no chão... Nessa manhã, Sara fica a saber por Rosinha que Manuel percebe de rádios e comunicações... aprendeu na tropa...

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

Nunca o Super Homem enfrentou maior ameaça: Ele próprio!

SUPERMAN III

ALEXANDER SALKIND e REALIZADOR
CHRISTOPHER REEVE - RICHARD PRYOR
"SUPERMAN III"



JACKIE COOPER - MARC McCLEURE - ANNETTE O'TOOLE - ANNIE ROSS - PAMELA STEPHENSON
ROBERT VAUGHN - MARGOT KIDDER - JAMES J. JAMES - KEN THORNE - GIORGIO MORODER
CENÁRIO DE DAVID LESLIE NEWMAN - MONTAGEM DE ILYA SALKIND - MONTAGEM DE PIERRE SPENGLER - MONTAGEM DE RICHARD LESTER
DE ILYA SALKIND

IMPERIO
CINEMA

Banda sonora do Filme em discos RADIO TRIUNFO

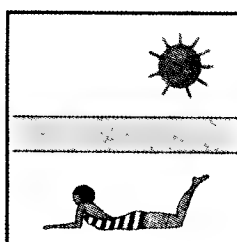
Sexta-feira - Estreia às 21.30

cine estudio
terminal

SE
sentir frio
saia da água
o mais depressa possível



NÃO entre na água
após demorada
exposição ao sol



roteiro cultural

Teatro

Depois de um interregno para as férias da Companhia Seiva-Trupe, o espectáculo «Um Cálice de Porto» volta novamente à cena, a partir da próxima sexta-feira, dia 9 do corrente, no Teatro Campo Alegre, do Porto.

Refira-se a propósito que este espectáculo da Seiva-Trupe já obteve os maiores êxitos de que há memória na cidade do Porto, pois que já está em cena há mais de um ano e vai a caminho das 350 representações, tendo igualmente obtido os prémios do melhor espectáculo de teatro de revista da Associação Portuguesa dos Críticos de Teatro, Troféu Nova Gente e o actor Alexandre Falcão foi considerado a revelação do ano pela Associação dos Críticos.

Os textos de «Um Cálice de Porto» são da autoria de B. Veludo, Manuel Dias e Norberto Barroca, tendo este último sido também o encenador do espectáculo.

Folclore

Realiza-se hoje, às 21,30, no cinema do Casino Peninsular da Figueira da Foz, um espectáculo com o «Conjunto Coral e de dança dos Cossacos de Cuban».

É um grupo artístico da região de Krasnodar, ao Sul da

República Socialista Soviética da Rússia que tomou como designação o nome dum dos grandes rios do Cáucaso do Norte: o Cuban.

Este grupo, notável pela alegria, música e colorido que caracteriza o riquíssimo Folclore russo, é dirigido, desde 1974, por Victor Zakharchenko, artista emérito daquela República Socialista.

Rádio

Destaques do Programa 2 da RDP: amanhã, às 13,40, em «Para Além da Leitura», as personagens, heróis e anti-heróis do «Amor de Perdição», de Camilo Castelo Branco (a realização é de Carlos Achemann e colabora Maria Isabel Rocheta). Na 6.ª-feira, às 16,50, em «Momento de Poesia», poemas de Ricardo Reis, heterónimo de Fernando Pessoa, serão lidos por Canto e Castro (realização de Álvaro Lourenço).

Exposições

Ló inaugura na 6.ª-feira uma exposição de pintura na Galeria Diagonal, em Cascais (Hotel Cidadela). Ló, pseudónimo de Glória Maria Garizo do Carmo, participou em diversas exposições colectivas e é esta a sua segunda exposição individual. Sobre a pin-



Pintura de Ló exposta em Cascais

tura de Ló, escreveu Maria Teresa Horta que é «um universo mágico, naíve... com meigos animais selvagens e soltos, translúcidas mulheres a fazerem lembrar os contos de fadas, envoltas em seus arcos-íris num mundo onde o sonho se aflora numa quase espécie

de tacto, de odor...» A mostra vai estar patente até 29 de Setembro, das 16 às 20 horas (incluindo sábados e domingos).

A Galeria Barca D'Artes, dentro da sua actividade vai ter patente ao público uma Exposição de Pintura, desta

feita de artistas portugueses, nomes como Júlio Resende, Domingos Pinho, Mário Américo, Graça Martins, Ângelo de Sousa, Sebastião Resende, Emerenciano, Albuquerque Mendes, entre muitos outros. Esta exposição estará aberta até 15 de Setembro, no horá-

rio normal de funcionamento: 2.ª a 6.ª-feira das 16 às 20 horas e aos sábados das 20 às 23 horas.

Na Galeria de Arte do Casino Estoril estão patentes exposições de Pintura e Cerâmica da autoria de Maria Fernando Amado e de Artur José, respectivamente. Artur José, tido pela crítica especializada como um dos melhores ceramistas portugueses, apresenta um conjunto de obras nas quais a pesquisa formal e cromática assume rumos de grande modernidade. Distinguida com alguns prémios e menções honrosas, Maria Fernanda Amado apresenta-nos agora uma nova fase, talvez mais livre de mancha, abordando os seus temas com facilidade, mas na preocupação de um maior rigor na composição. Estas exposições poderão ser visitadas das 15 às 24 horas de todos os dias até ao próximo 18 de Setembro.

Uma exposição de «ex-votos» está patente ao público no Museu de Marinha, todos os dias das 10 às 17 horas, excepto às segundas-feiras. Trata-se de uma importante colecção de painéis votivos que vão desde o século XVIII até tempos mais recentes, manifestando uma surpreendente riqueza de expressão plástica de origem popular.

RESTAURANTE

Aberto todos os dias, incluindo sábado e domingo, almoço e jantar, com excepção de segunda-feira, dia em que está encerrado.

BEIÇANA

Peixe sempre muito fresco, ameijoas, mexilhão, carne muito boa, um serviço cuidado e familiar, cozinha portuguesa e francesa, preços módicos.

TRAVESSA DA ÁGUA DA FLOR, 36
(ao Bairro Alto — Tel. 32 59 24)

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS **BANCO CENTENÁRIO**
Banco fundado em 1864 **UM BANCO MODERNO**

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	87\$15	93\$15	
ALEMANHA FED (marco)	45\$80	46\$90	
ÁUSTRIA (xelim)	6\$45	6\$65	
BÉLGICA (franco)	2\$11	2\$31	
BRASIL (cruzado)	\$050	\$150	
CANADÁ (dólar - notas de 1 a 2)	99\$45	101\$45	
(notas de 5 a 1000)	100\$10	101\$95	
DINAMARCA (coroa)	12\$75	13\$15	
ESPAÑA (peseta)	\$771	\$891	
EUA (dólar - notas de 1 a 2)	122\$50	124\$50	
(notas de 5 a 1000)	123\$00	125\$00	
FINLÂNDIA (marca)	21\$40	22\$00	
FRANÇA (franco)	15\$20	15\$90	
HOLANDA (florim)	40\$90	41\$90	
INGLATERRA (libra)	184\$00	188\$00	
IRLÂNDIA (libra)	144\$65	148\$65	
ITALIA (lira)	\$070	\$080	
JAPÃO (iene)	\$470	\$505	
NORUEGA (coroa)	16\$40	16\$90	
SUÉCIA (coroa)	15\$50	16\$10	
SUÍÇA (franco)	56\$30	57\$40	
VENEZUELA (bolivar)	6\$90	7\$90	

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

ANTENA UM
15.00: Cadência - Raul Durão; 16.00: Batida de limão; 17.00: Zghibz; 18.00: Noticiário; 18.30: Informativo de Trânsito; 18.45: Catequese semanal; 19.00: Informação e música; 20.00: Folhetim: «A Vida aventureira e ardente de Ricardo Wagner» - O espaço é seu - Maria Emília Michel; 21.00: Toda a gente é pessoa; 21.30: Viva a noite - Martins Costa; 22.00: Noticiário; 23.00: Títulos do último jornal; 23.30: Último jornal; 24.00: Fecho.

PROGRAMA DOIS
14.45: Concerto em si menor n.º 10, de Anton Vivaldi; 15.00: Música de câmara: 15.55: Curiosidades musicais 17.00: O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 18.00: Noticiário - Resumo do programa; 18.05: Culturando; 19.30: uarteto n.º 2 em ré maior, de Borodin, pelo «Quarteto Borodin»; 20.00: Noticiário; 20.15: A voz de Roma; 20.30: Sonata em ré maior para piano, de Mozart; 21.00: Sinfonia «A Pátria», em Lá maior, de Viana da Mota; 21.50: Música vocal de Vivaldi; 22.45: Duas sonatas para piano de João Domingos Bomtempo; 23.15: Serenata para orquestra de câmara, de Vaughan Williams; 23.30: Série B, emissão tecnicamente normal; 00.45: Suite rústica n.º 2, de Lopes Graça; 00.58: Resumo do programa; 01.00: Noticiário; Fecho.

ONDA MÉDIA
(283, 290 e 397 M)
14.00: Matiné; 17.00: Rápido das cinco - 19.00: Musical; 20.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite: Noticiários de hora a hora.

RC - FM - ESTÉREO
(97,4 MHz)
15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Circuito em FM 19.00: Em órbita; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
REDE NACIONAL DE OM e FM
15.00: Equipa da tarde; 18.00: Jornal das Regiões; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Programa da LAR; 19.30: Jornal de Síntese; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Ouvir e pensar (inclui «textos e pretextos»); 23.00: Última hora; 23.55: Meditando. Noticiários intercalares todas as horas. Só Onda Média.

REDE SUL DE FM
15.00: Duas vezes seis; 21.30: Quando o telefone toca; 22.00: Paju.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 828

HORIZONTAIS:

1. Preposição. Bondosas. Nome com que se designa uma terra impregnada de alcatrão.
2. Sacerdote muçulmano. Rio da Irlanda.
3. Cheiro desagradável. (Bras). Chefe etíope. Letra grega.
4. Tosto. Soe.
5. Roer. Viatura.
6. Repetição de som. Ribeira de Portugal. Prefixo de privação.
7. Niquel (s.q.). Curso de água natural e abundante. Ondas curtas.
8. Região.
9. Sufixo que designa abundância. Rio da Suíça. Sala frequentemente à rua.
10. Deusa da Aurora, esposa de Titono. Indignada.
11. Abreviatura de Santíssimo. Artilharia antiaérea. Canto de muitas vozes.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9680

HORIZONTAIS:

1. Insiste. Conjunção.
2. Irritar. Pronome reflexo.
3. Pássaro semelhante ao cardeal.
4. Invulgar. Laço (inv). Nordeste.
5. Família de crustáceos isópodes.
6. Senhor. Antigo povo da Ásia Menor.
7. Alternativa. Número de dias que se acrescentam ao ano lunar para o igualar ao ano solar.
8. Têrbio (s.q.). Carimbou.
9. Deus marinho, pai das Nereidas. Nota musical. Antiga unidade monetária da Alemanha.
10. Prefixo de privação. Nota musical. Tarefa.
11. Astrónomo holandês que pôs em evidência o movimento geral de rotação da nossa galáxia e descobriu sua estrutura espiral. Demasias.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

VERTICAIS:

1. Propósitos.
2. Ave pernaltas. Que não trabalham.
3. O pôr do sol. Pedras de Moínho.
4. Rei de Israel. Bário (s.q.).
5. Compaixão (inv). Senhores. Fronteira.
6. Freguesia do concelho de Barcelos. Avallara.
7. Educara.
8. Tempo do verbo estar. Artigo definido. Depois de Cristo (abrev).
9. Criptão (s.q.). Agora. Glóbulos.
10. Lugar de tormento eterno.
11. Monarca. Repleto.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 827

HORIZONTAIS:

1. BOM. Cravara.
2. Adoar. Missa.
3. LIBRO. Or.
4. Saio. Trapos.
5. Aramar. Dara.
6. Arido. Al.
7. Abortar. Avó.
8. Mor. Na. Mai.
9. Ameaças.
10. Mór. Egas.
11. As. Socados.

VERTICAIS:

1. Balsa. Amada.
2. Odar. BOM.
3. Movia. Orem.
4. Aromar. Aos.
5. Cró. Art. Rio.
6. Triana.
7. Amor. Dras.
8. Virado. ED.
9. As. Pá. AMIGO.
10. Rs. Orava. As.
11. Aa. Saloias.

Provérbio: Bom livro, bom amigo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9679

HORIZONTAIS:

1. Cr. Antes. VS.
2. Pecai. Geras.
3. Nu. Aqui.
4. Ma. Aluata.
5. Olmo. Aspa.
6. Arc. Asais.
7. Toso. Mc. Rá.
8. Ois. cão. Mad.
9. Ramal. Bato.
10. Tomam. Vela.
11. Secaremos.

VERTICAIS:

1. Cp. Morto.
2. Renal. Oiros.
3. Cu. Massame.
4. Aa. Aoro. Mac.
5. Nial. Cama.
6. Que. Mal.
7. Egua. Aço. Vê.
8. Seitas. Bem.
9. Asa. Malo.
10. Val. Piratas.
11. SS. Casado.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
AS MOTOS INFERNAIS

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
EMMANUELLE, A ANTIVIRGEM
14.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
OS LADRÕES DO TEMPO
- N. ac. men. 13 a.

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int. men. 13 anos
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
8.ª Semana

CASITIL 530194

Rua Castilho

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
CASSANDRA CROSSING

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18 e 21.30
- Int. men. 18 a.
O LOBISOMEN AMERICANO EM LONDRES

CINE BLOCO 556824

Caveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Para todos
E.T. O EXTRATERRESTRE
Às 24
ADEUS AMIGO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A ESCALADA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
MONSENHOR

2000 210055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
2000- Int. men. 13 a.
HISTÓRIA D'O

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O ÚLTIMO HAREM

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15, 17, 19 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
59.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 18 a.
10 PARA A MEIA-NOITE
12.ª Semana

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.45, 19, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 13 a.
OS FANTASMAS DO ESTRANGULADOR

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 13 a.
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
MONSENHOR
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
O REI DA COMÉDIA
com Robert de Niro
e Jerry Lewis
- Para Todos

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30 e 21.15
UNS E... OS OUTROS
Às 24
CARNE PARA FRANKENSTEIN

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Para Todos
UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 18 a.
O TURNO DA NOITE

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
MOMENTOS DE GLÓRIA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Estreia às 21.30
A RAINHA DOS TEATROS
Às 15.15 e 18.15
O GRANDE COMBATE

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
EMMANUELLE

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
Int. men. 18 anos
2 MULHERES APAIXONADAS



Uma cena do filme **INICIAÇÃO CARNAL** de Mike Nichols com Jack Nicholson, Candice Bergen, Arthur Garfunkel e Ann-Margaret, em Exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19
às 21.15
QUINTET
Às 23.30 - M. 18 a.
DESCULPE, ONDE FICA O FAR-WEST?
SALA 2
- N. ac. men. 13 a.
LADRÕES DO TEMPO
Às 23.30 - M. 18 a.

ROLTERBAL
SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23
- M. 13 a.
ROMA CIDADE ABERTA
Às 23.30 - M. 18 a.
O SARGENTO DA FORÇA 1
SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23
- M. 16 a.
INICIAÇÃO CARNAL
Às 23.30 - M. 18 a.
LUIS DA BAVIERA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 13 a.
OS MALUCOS EM HONG KONG

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O SENHOR DO FERRO

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
SOPHIE'S CHOICE

SALA 2

Às 21.15
Maiores 12 anos
HEAT AND DUST (Versão Indiana)
8.ª Semana

SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.00
Não ac. men. 13 anos
GANDHI
23.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
QUATRO AMIGOS

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- M. 18 a.
UMA MULHER DE SONHO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 16 a.
OS ANOS LOUCOS DE MONTPARNASSE

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA
7.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS LADRÕES DO TEMPO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
- Para Todos
ANNIE

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O NEVOEIRO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Bad Boys», às 21.30 e 24.00 (16 anos)

ALFA-2 - «Os Três Dias do Condor», às 21.30 (13 anos)

ALFA-3 - «Aeroplano II», às 21.45 (13 anos)

RESTELO - «Os Comandos de Sua Majestade», às 21.30 (13 anos)

OLÍMPIA - «A Vóvora do Sexo», sessões permanentes (18 anos)

ZODÍACO - «1941, Ano Louco em Hollywood», às 21.30 (13 anos)

CAPITÓLIO - «As Montadoras Sexuais», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

ROYAL - «Os Diamantes São Eternos», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «Os Cinco Álbis», às 21.30 (13 anos)

CINESTÚDIO ACS - «O Senhor do Ferro», às 21.30 (12 anos)

APOLLO 70 - «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)

CITY-CINE - «Musica no Coração», às 21.00 (6 anos)

MUNDIAL - «Bad Boys», às 21.30 (16 anos)

QUINTETO - «Blade Rumer. Perigo Iminente», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - «Incrível» - «A enfermeira de gritos», às 21.15 (18 anos)

ALMADA - «Academia» - «Malucas na caserna», às 21.15 (13 anos)

TRAFARIA - «Pavilhão Jardim» - «Cor-netto com charity», às 21.15 (18 anos)

SETUBAL - «Júpiter» - «Gandhi», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - «Cine-Estúdio» - «Um Bater do Coração», às 21.30 (13 anos)

COSTA DE CAPARICA - «Silcine» - «O Demolidor», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - «Stadium» - «Yol» - «Licença Precária», às 21.30 (13 anos)

PAÇO DE ARCOS - «Chaplin» - «Mis-são matar ou morrer», às 21.15 (18 anos)

OEIRAS - «Oeiras-Cine» - «Sem sômb-ra de pecado», às 21.15 (13 anos)

PARADE - Royal-Cine

- «O Dragão Invencível», às 21.30 (18 anos)

ESTORIL - «Casino» - «Mandingo», às 21.15 (18 anos)

CASCAIS - «Impala» - «Os 12 indomáveis patifes», às 21.30 (13 anos)

CASCAIS - «Oxford» - «Tentações irresistíveis», às 21.30 (12 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - «Cine-Plaza» - «Amantes do Verão», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - «Lido» - «Aeroplano II», às 21.30 (12 anos)

AMADORA - «Cineestúdio» - «A primeira noite», às 21.30 (13 anos)

CACÉM - «Cineestúdio Flores» - «Prima eu amo-te», às 21.30 (13 anos)

SINTRA - «Carlos Manuel» - «Beco sem saída», às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA - «Cineestúdio» - «Carmen Jones», às 21.15 (13 anos)

Porto

CHARLOT - «Monsenhor», às 21.30 (13 anos)

BATALHA - «Os Malucos Atacam de Novo», às 21.30

SÃO JOÃO - «Amantes de Verão», às 21.30 (18 anos)

OLÍMPIA - «Ouro», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE - «Na Calada da Noite», às 21.30 (13 anos)

ESTÚDIO - «Sarturo 3, o Robot Assassino», às 21.30 (18 anos)

JÚLIO DINIS - «A Última Perseguição», às 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO - «A Prova do Pecado», às 21.30 (18 anos)

RAIONE - «M.A.S.H.», às 21.30 (13 anos)

AGUIA - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

COLISEU - «A Fúria do Herói», às 21.30 (16 anos)

LUMIERE-A - «Nasce uma Estrela», às 21.30 (13 anos)

LUMIERE-L - «O Cowboy da Meia-Noite», às 21.45 (18 anos)

Lisboa

Permanente

LÍDIA ALMEIDA: Ajuda - Cq. da Ajuda 170; **CARTAXO:** Alvalade - Av. da Igreja 21 C; **VALLE:** Avenidas Novas - Av. Marquês de Tomar 47; **MARQUÊS:** Benfca-Igreja - Est. de Benfca 648; **ANDRADE:** Camões - Rua do Alecrim 125-127; **PENINSULAR:** Campo de Santana - Cp. Mártires Pátria 117-118; **PÁTRIA:** Campolide - Cp. dos Mestres 30 A; **RODRIGUES & AIRES:** Lapa - Rua da Lapa 52-54; **ALCALIS:** Mercado do Chile - Rua Carvalho Araújo 46 B; **CENTRAL DA PENHA:** Penha de França - Rua da Penha de França 58-60; **BARROS GOUVEIA:** Vale Formoso - Poço do Blapo - Rua Vale Formoso Cima 79 B; **MIRAFLORES:** Algés - Av. Dr. António Granjo 2 B - CAVACA: Amadora - Rua Elias Garcia 209; **TAVARES DE MATOS:** Brandos - Rua 8 Lote 308; **CENTRAL ODIVELAS:** Odivelas - Alm. Inf. D. Henrique 1;

REFORÇO

NOVA LISBOA: Arseiro-Apeadeiro - Rua Guilhermina Suggia 12; **LOBEL:** Campo d'Ourique - Rua Infantina 16,98 B; **MUNDIAL:** Estefânia - Lg. D. Estefânia 10; **MUNDIAL:** AONILDA: João XXI - Av. João XXI 13A; **PATULEIA:** Lumiar - Alm. Linhas Torres 262 B; **FERRÃO:** Martim Moniz - Rua da Mouraria 12-16; **CENTRAL DOS OL-**

teatros

Lisboa

TEATRO ABERTO - «Comédia à Moda Antiga», às 21.30

ABC - «Todos tesos», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

IVAIS: Olivas Norte

- Rua Alf. Barri-laro Ruas 7 C; **AGUIAR:** Palhavã - Av. Col. Bordoal Pinheiro 98A; **GOMES:** Parque Eduardo VII - Rua Rodrigo Fonseca 101 A; **MARLUZ:** Picheleira - Cq. da Picheleira 140 BC, Rua Prof. Mira Fernandes MAF; **CORREIA DE AZEVEDO:** Santo Amaro - Rua Luís de Camões 42 B; **MARTINS LDA:** Vale de St. António - Rua Fernão de Magalhães 33 - **VAZ MARTINS:** Buraca - Rua António Ferro 6A; **DAMAIA:** Damala - Lg. Alexandre Gusmão 9A; **NOVA:** Olival Basto - Rua Açores 11A - **LEITÃO RIBEIRO:** Pontinha - Rua A do Falcão 3A; **MATOS:** Prior Velho - Trav. Piores - NOVA: Venda Nova - Amadora Rua Elias Garcia 10

Linha de Sintra

AMADORA - Cavaca: R. Elias Garcia, 209 (T. 930019) Serviço Permanente; Nova: Serviço até às 22 horas; **DAMAIA** - Damala: P. Alex. Gusmão, 9-A (T. 970523); **QUELUZ** - Peneiro Dias: Monte Abraão (T. 965566); **CAMARATE** - Batalha: R. Avelino S. Oliva, 5 (T. 2571069); **CACÉM** - Garcia: Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181); **MEM MARTINS** - Miranda Garcia: Est. Mem Martins, 173 (T. 9214103); **MERCES** - Claro Russo: R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275) Até às 22 horas; **RIO DE MOURO** - Riomouro: Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194); **SINTRA** - Simões: Estefânia (T. 9230832); **COLARES** - Abreja: (T. 9290088); **S. PEDRO DE SINTRA** - Valentim: (T. 980456) Permanente.

</



PORTE
PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
4.02 4,2 m 9,37 0,7 m
16.18 4,5 m 22.08 0,5 m
DIA 8
4.45 4,3 m 10.20 0,6 m
17.02 4,5 m 22.49 0,5 m
**TEMPERATURAS DO AR
ÀS 6 HORAS**

VIANA DO CASTELO	19°
BRAGANÇA	18°
VILA REAL	21°
PORTO	19°
COIMBRA	19°
CABO CARVOEIRO	18°
PORTALEGRE	28°
LISBOA	22°
ÉVORA	21°
BEJA	21°
FARO	19°
SAGRES	22°
PONTA DELGADA	22°
FUNCHAL	23°

tempo

**PREVISÃO DO TEMPO
PARA AMANHÃ**

Com probabilidade de chuva, ventos moderados e temperaturas entre 15 e 20 graus Celsius. O tempo será variável, com algumas nuvens e chuva ocasional.

Venda de 30 toneladas de ouro concretizou-se a semana passada

A venda de aproximadamente trinta toneladas de ouro das reservas do Banco de Portugal, que o último governo Balsemão tinha oferecido em Março ao Banco dos Pagamentos Internacionais (BPI) como garantia de um empréstimo de 400 milhões de dólares, concretizou-se a semana passada em Zurique e em Londres.

A notícia foi divulgada pela agência Reuter, que não identifica o ouro nem refere o objectivo das transacções que se efectuaram ao longo de toda a semana nas capitais suíça e inglesa. Segundo fontes contactadas pelo «DL», a operação em causa destinou-se a liquidar o empréstimo acima referido, uma vez que o curto prazo porque foi concedido expirou já há mais de um mês.

A decisão do Estado português de vender o ouro que serviu de garantia àquele empréstimo foi comunicada ao banco de Basileia (o BPI) em meados de Agosto e logo nessa altura se falou da concretização da venda. Na opinião dos especialistas por nós ouvidos, as vendas não se realizaram nesse momento tendo provavelmente o BPI escalonado as transacções para a primeira semana de Setembro.

Até agora o Banco de Portugal não se pronunciou sobre a natureza de tal operação, mas tudo indica que é de facto da liquidação do primeiro empréstimo obtido este ano, com garantia ouro, que se trata.

Em relação ao segundo, negociado pouco depois do primeiro, o prazo só se vence no fim do mês em curso prevendo-se que, também em relação a esse crédito, os responsáveis portugueses optem pela venda do ouro que lhe serviu de garantia.

O montante deste último empréstimo ascendeu a 300 milhões de dólares.

As reservas de ouro do Banco de Portugal eram no princípio deste ano de 688 toneladas aproximadamente enquanto que em Janeiro de 1973 era de 857 toneladas.

A concretizar-se a venda das quase 30 toneladas relativas ao segundo empréstimo contraído contra ouro este ano, as reservas totais ficarão na casa dos 620 toneladas.

Doze pessoas atropeladas em Guimarães

Doze pessoas (incluindo dois bombeiros) que rodeavam um casal de motociclistas que acabavam de ser atingidos por uma árvore que caíra quando circulavam na estrada que liga Guimarães a Felgueiras, foram ontem à noite atingidas por um automóvel que surgiu no local a grande velocidade. No meio da confusão que se gerou, o condutor do veículo fez marcha atrás e sem que alguém lhe tivesse fixado a matrícula desapareceu sem deixar rasto.

Os dois bombeiros ficaram entalados entre as chapas da ambulância e tiveram de ser conduzidos ao Hospital de Guimarães juntamente com mais três pessoas, enquanto um quarto ferido (mais grave) foi transferido para o Hospital de S. João, no Porto.

A GNR de Guimarães tomou conta da ocorrência.

Mário Soares esta manhã

Austeridade até 1986/87

Continuação da pag 1

Perante um auditório de cerca de meia centena de jornalistas nacionais e estrangeiros, abafados pelo calor («agora é que vamos ter um Verão quente...», ironizou um correspondente) Soares assentou a sua intervenção em duas tónicas: a coesão do Executivo PS-PSD, num relacionamento — disse — que «ultrapassa todas as expectativas», e a «ampla base de apoio popular» necessária à acção do Governo.

Como exemplos europeus, com idênticos programas de austeridade ao do seu Gabinete, indicou o Primeiro-Ministro os Executivos da vizinha Espanha, de França e da Grécia. Disse ainda que foi possível «despoletar» até agora greves e mobilizações de massas, que pronunciavam mais um «Verão quente», apesar — acrescentou — de o PCP «nos declarar guerra total». Considerou que os comunistas deveriam «dialogar, participar e responsabilizar-se na crise nacional» em vez de assumirem — precisou —

uma posição «extremamente negatviva». E acrescentou que se for preciso também o Governo saberá «mobilizar as massas populares», dando o exemplo de 1975.

Sinais positivos

Falou depois Soares, retomando o fim do «texto de orientação» a existência já dos «primeiros sinais positivos» da política de «estabilização conjuntural». Sem, todavia, citar números concretos, o chefe do Governo indicou haver já sinais de melhoria da balança comercial, das receitas do turismo e do fluxo da remessa de emigrantes (estatísticas recentes dizem o contrário), «mudança de atitude por parte dos bancos internacionais relativamente ao apoio à nossa economia» (...) «boa receptividade do público às emissões de títulos» e «interesse manifestado por importantes entidades estrangeiras em investir em Portugal, em consequência da anunciada abertura de vários sectores à iniciativa privada».

Disse também que vai agora o Executivo «dar execução à sua

política» no que se refere aos vários diplomas já aprovados ou autorizados pelo Parlamento. Sobre o combate à corrupção, o texto forcido aos jornalistas refere diplomas e resoluções já aprovados em Conselho de Ministros, inclui o que institui uma «alta autoridade» encarregada de coordenar a acção contra actos de corrupção e outras fraudes e um chamado «código de ética» para os funcionários públicos (de que o «DL» falará amanhã em pormenor...).

O mesmo documento de «orientação» fala da apresentação ao País (sem prazo) de um «Livro Branco» que inventariará a «situação de desastre económico e financeiro e de grande instabilidade social que este Governo herdou».

Mota Pinto (fato azul e gravata do mesmo tom, tal como Soares) insistiu igualmente no que apelidou de «espírito de coesão, unidade entre os membros do Governo e os partidos que o apoiam». Justificou a austeridade, ou — disse — as «medidas de estabilização» como única al-

ternativa à manutenção de «ouro, petróleo, cereais e crédito» necessários ao País.

Mais nervoso ou inquieto que Mário Soares (a cochichar por vezes à esquerda com Almeida Santos), o vice-primeiro-ministro indicou ter o Governo projectos de «futuro e esperança» para os portugueses.

Perguntas e respostas

No período de perguntas e respostas, Almeida Santos teve oportunidade para referir a situação da ANOP, da EPNC e da RTP. Retomou os temas da sua carta enviada ao Sindicato dos Jornalistas e insistiu na tese (adiantada antes por Soares) de que o Governo não quer interferir na Comunicação Social e que o preocupa basicamente a situação financeira das empresas do sector. Indicou que vai ser dada mais uma oportunidade à NP mas nada disse sobre a verba congelada existente na Secretaria de Estado do Tesouro para a ANOP. Considerou o «DN» o «título mais nobre e mais cotado da

Imprensa portuguesa e referiu ser a RDP a empresa que menos problemas financeiros tem. E a propósito desta última falou do anúncio para breve da Lei da Rádio (que regulamentará a criação de rádios livres) e das alterações à Lei da Imprensa.

No período ainda de perguntas e respostas, Soares admitiu a venda gradual de cinquenta toneladas de ouro para satisfazer empréstimos feitos pelo Governo Balsemão e referiu que o Governo anunciará em conferência de Imprensa uma nova política habitacional, nomeadamente em relação à indexação das rendas e às taxas de juro para empréstimos à habitação própria.

A hora em que encerrávamos a edição a conferência prosseguia. Na decoração da mesa mantinham-se as rosas encarnadas e as açucenas amarelas. Nem um só cravo. Gostáramos de ter posto algumas questões. Não foi possível, tão longa era lista dos que, rapidamente, se anteciparam. Fica para a próxima.

E. A.

Depois de regressar dos EUA

Eanes visitará Famalicão e as 9 ilhas dos Açores

O Presidente da República presidirá em Vila Nova de Famalicão às comemorações do 5 de Outubro e à homenagem a Bernardino Machado, famalicense que a autarquia decidiu distinguir — confirmou esta manhã o Palácio de Belém.

Por outro lado, Ramalho Eanes, que de 14 a 20 deste mês estará nos EUA, deslocar-se-á depois, no dia 27, aos Açores, onde, durante seis dias, visitará as nove ilhas — anunciou ontem o matutino «Açoriano Oriental», que divulgou o programa da deslocação.

O Presidente da República iniciará a visita pela ilha Terceira. Tudo começará com uma sessão solene de cumprimentos e boas-vindas, seguindo-se uma visita à zona Oeste, onde se situam as freguesias mais danificadas pelo sismo de Janeiro de 80. Nesse mesmo dia, ao fim da tarde, Eanes visitará a Biblioteca Municipal, onde neste momento se encontra patente a exposição «Os Açores e o Atlântico».

No dia 28 o Presidente da República deslocar-se-á às ilhas das Flores e do Corvo, inaugurando aqui o aeródromo. No dia 29 será a vez de Eanes e respectiva comitiva passarem por São Jorge e Graciosa, enquanto para o Pico e Faial estará reservado o dia 30. Na cidade da Horta o Presidente da República presidirá a uma sessão solene na Assembleia Regional dos Açores.

Por fim, o Chefe de Estado desloca-se no dia 1 de Outubro a

Santa Maria, seguindo daí para S. Miguel. Aqui presidirá a uma cerimónia de imposição de condecorações no palácio da Conceição. O regresso a Lisboa está previsto para o dia 2.

5 de Outubro e Bernardino Machado

Voltando à deslocação de Eanes a Famalicão: aí vai inaugurar uma estátua a Bernardino Machado e presidir a uma sessão solene alusiva ao 5 de Outubro na câmara municipal.

Por outro lado o Município de Famalicão decidiu também cunhar uma medalha sobre o 5 de Outubro — homenagem nacional a Bernardino Machado. Trata-se de uma obra de arte com o brasão da câmara numa face e a

efigie de Bernardino na outra.

Ainda no âmbito desta cerimónia o município famalicense decidiu reeditar duas obras do homenageado: «Pela Liberdade», que define o pensamento filosófico e político do autor, e «A Universidade e a Nação», que sintetiza os conceitos de ensino de Bernardino Machado.

Eleito duas vezes Presidente da República (1915 e 1925), Bernardino Machado foi professor universitário, cientista, pedagogo, educador e político. Foi ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria durante a monarquia e, no I Governo da República, desempenhou o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros. Mais tarde foi ainda ministro da Justiça e Primeiro-Ministro.

Louça portuguesa «afunda» indústria francesa

O jornal económico e financeiro francês «Les Echos» acusa hoje as importações de louça portuguesa de serem o principal culpado do declínio verificado na indústria francesa.

De acordo com o mesmo matutino, Portugal exportou para França, no ano passado, 2358 toneladas de pratos. Durante os primeiros seis meses deste ano, as importações de pratos portugueses já atingiram 1597 toneladas.

O «Les Echos» refere-se

igualmente às palavras do presidente do ramo «Mesa e Ornamentação» da Câmara Sindical de Cerâmica francesa, que disse querer «medidas de contingência» das importações de louça.

De acordo com informações prestadas por esta câmara sindical, o custo de produção em França de um prato de louça branca é de cerca de 75 escudos. Os pratos concorrentes provenientes da Itália chegam a França a 70 escudos, enquanto o

produto português da mesma qualidade é importado a perto de 50 escudos.

A indústria de louças francesa, que conta 20 empresas, reduziu nestes últimos cinco anos os seus efectivos de 5000 para 3000 trabalhadores. As perdas sofridas no ano passado representaram 6 por cento de um volume de vendas da ordem dos 420 milhões de francos, ao mesmo tempo que as exportações não cobriram senão 65 por cento do valor das importações.

Funcionária de seguros atirou-se do tabuleiro da ponte 25 de Abril

Uma funcionária de uma companhia seguradora, Crisália Henriques Correia de Abreu Ribeiro, de 32 anos, atirou-se ontem à tarde, cerca das 15 horas, do tabuleiro da Ponte 25 de Abril, aproveitando uma paragem do automóvel em que seguia acompanhada do marido, empregado bancário. Segundo testemunhas oculares do trágico incidente, incluindo elementos duma patrulha da Brigada de Trânsito da GNR, o veículo parou subitamente ao alcançar o primeiro pilar da ponte, dele tendo saído rapidamente Crisália Ribeiro que, depois de galgar o parapeito da ponte, saltou para as águas do rio. O corpo seria recolhido mais tarde, na doca de Alcântara por um pescador e entregue à Polícia Marítima que, por sua vez, o pôs à disposição da Polícia Judiciária que o fez transportar para o Instituto de Me-

dicina Legal. A vítima, que deixa um filho de quatro meses, era natural da freguesia do Socorro, em Lisboa, e residia em Almada, na Rua António Nobre, 10, 5.º, direito.

Ao que apurámos, o marido de Crisália Ribeiro já foi ouvido na Polícia Judiciária sobre as circunstâncias que motivaram o suicídio da infeliz senhora, mas a corporação da Gomes Freire, numa prática que vem ultimamente cultivando, limitou-se a remeter os jornalistas para o relatório de um piquete, no qual se podia ler tão-somente: «GNR/Brigada de Trânsito c/morte e c/queda da Ponte 25 de Abril para o Tejo. Segundo se averiguou, tratava-se de uma senhora de apelido Alves, de 34 anos, casada.» Dr. Carlos Picoito: como podem os jornalistas trabalhar com este material? Não nos dirá?...

'Fim de semana' - novo programa da RTP

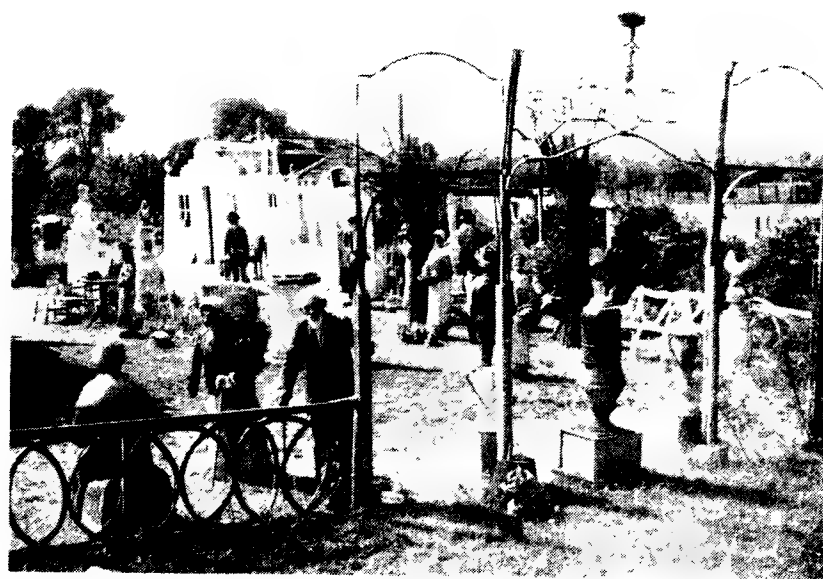
O novo programa de Informação da Radiotevisão Portuguesa (RTP), intitulado «Fim-de-Semana», irá para o ar no dia 22 de Outubro.

Transmitido semanalmente aos sábados pelo Canal 1 da RTP, «Fim-de-Semana» será feito por 12 jornalistas escolhidos no Telejornal e apresentado por Mário Zambujal e Carlos Pinto Coelho.

Sete Ponto Sete

Turismo de habitação

Pág. 2



A longa espera da mulher do “chefe”

Pág. 4



Limbos

Turismo de habitação: a memória dos solares

P

or vezes os grandes empreendimentos turísticos são um disparate: não resultam e estoiram. Há, que encarar com modéstia, outras soluções, mais adequadas às potencialidades do País. Parece ser o que no Turismo agora se pensa — e ainda bem — dando expansão ao turismo habitacional, forma de permitir alojamento em zonas que careciam de estruturas turísticas, embora exercessem uma certa sedução sobre quem lá passava. Apetecia ficar: mas onde? Com desagrado se abandonavam indo à procura onde pernoitar, rendido à evidência do impossível, carregando o peso da frustração. Alguns, mais teimosos e inconformistas, ainda tentavam a «chance» de alugar quarto numa casa particular mas nem sempre eram bem sucedidos.

Para os masoquistas os que gostam de malbúrdia, de pagar caro e comer mal, permanecer horas intermináveis nas bichas de abastecimento, de estar permanentemente à beira de uma crise de nervos) nada melhor do que o inefável Algarve. Para os mais ajuizados, com memória das paisagens campestres, outras hipóteses se apresentam desde que as queiram descobrir...

Excelente ideia esta, a do turismo de habitação. Pratica-se, sobretudo no Norte, com maior incidência no Minho, região onde existem inúmeros solares, casas senhoriais ou simplesmente de lavoura, entre vinhedos e rios. Habitações que estão a ser salvas da corrosão do tempo e que atenuam o impulso de um gosto duvidoso que, generalizado, destrói a personalidade do País. O receber hóspedes implica remodelações, cuidados e tratos nessas casas, muitas delas à beira da degradação. Despesas em que os proprietários não se poderiam meter. Assim, com os empréstimos do Fundo do Turismo, destinados a obras, valorizam as habitações, mantendo-as património cultural de que o País precisa para não se transformar noutro. Quanto ao turista, por outro lado, lucra: entre um hotel incarácterístico e «standardizado» e uma casa do século XVI, intacta na sua nobreza, não há que hesitar. Bem instalado, pode curar-se do «stress» (ganho na vida urbana em contacto com um ambiente retemperador, sob todos os pontos de vista).

É entre Ponte de Lima e Arcos de Valdevez que os solares e casas senhoriais se acumulam. Robustas construções, em granito escurecido pelo tempo, ocultam-se entre uma vegetação densa. Há as que ostentam brasões nas fachadas e as que despidas de pergaminhos são, contudo, exemplares em matéria de arquitectura. Há as que dispõem de um ou dois quartos (com

banho privativo) e as que, pela sua dimensão estão apetrechadas com dez. Isto sucede normalmente nos solares, cujos proprietários utilizavam somente parte do espaço: «Pode-se ter solares e casas senhoriais e não se ser rico. O dinheiro é um valor... O nome, outra coisa bem diferente». Diz-me uma das donas dessas casas.

Com quatro quartos disponíveis a Casa do Outeiro, do dr. João Abreu Lima (actual presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima) participa nesta alternativa ao turismo conven-

cional. Foi aliás, uma das primeiras a franquear as portas, iniciando uma experiência, a princípio olhada com reservas por muitos dos proprietários dos solares e afins, na maioria

complicada e, assim, temos possibilidades de resolver alguns problemas que vão surgindo. Temos de prever o futuro dos nossos filhos. Conheço pessoas no Funchal...

Lourdes Féria

oriundos das chamadas «boas famílias». Gente que antes do 25 de Abril nunca imaginaria colaborar num projecto deste tipo. «A vida está a tornar-se

bem... do nosso género, que aderiram ao turismo de habitação e agora gozam de uma estabilidade económica razoável» afirma a mulher do dr. João Abreu Lima.

Pernoitei na Casa do Antepaço. Os proprietários recuperaram um anexo que deveria ter sido celeiro ou sítio para guardar alfaias e hoje é um bloco com quatro quartos, sala e cozinha. Móveis antigos, lareira e adereços criam naquele espaço um ambiente bastante acolhedor. Tudo certo: de acordo umas coisas com as outras, incluindo a toalha do pequeno almoço que era de linho com bordados de Viana do Castelo. «Pedimos um empréstimo ao Fundo de Turismo no valor de três mil contos. Ainda pusemos mais 500 contos do nosso dinheiro,

embora eu própria fizesse muita coisa nomeadamente trabalhos de carpintaria e de costura. Raspei os móveis, fiz os cortinados e as cobertas das camas.» Informa Maria Abreu Lima, cunhada dos proprietários da Casa do Outeiro.

Em Lisboa vivia, aborrecida no seu lazer. Ser dona de casa apenas é condição com que as mulheres, por mais tradicionais, cada vez menos se conformam. «Surgiu-me esta hipótese de trabalhar e ganhar dinheiro. Quando andei pelos ferros-velhos aqui da região a comprar móveis para mobilar a casa restaurada entusiasmei-me, de tal maneira, que até penso abrir uma loja de antiguidades em Ponte de Lima. Vou-me matricular na Escola Ricardo Espírito Santo para apreender a restaurar móveis.

Da quinta, que envolve a casa, pouco rendimento vinha. A não ser o vinho mais nada. Com o turismo de habitação é provável que a quinta se revigore. Para já, as primeiras impressões revelam-se animadoras. «Temos um contrato com uma agência alemã que nos garante esgotar a lotação durante uma certa época do ano. Também era alemão o primeiro casal que alojámos. Tratava-se do director da Lufthansa e esposa que se mostraram encantados com a sua estada em Ponte de Lima.

Foi o concelho de Ponte de Lima o pioneiro deste processo. A verdade é que a sua capacidade hoteleira era quase nula. Limitava-se a uma ou duas pensões modestíssimas sem o mínimo de condições. Depois a iniciativa alastra por todo o Minho, começando a fazer parte da propaganda da Costa Verde e estende-se, ainda que em pequena escala, aos vales do Vouga e do Douro. Embora atrasados estão em marcha planos para a serra da Estrela, Marvão, Óbidos, Reguengos de Monsaraz e outras zonas do Alentejo. Pelo que apurámos há mais de 600 casas inscritas e muitas outras na lista de espera, a aguardar a luz verde do financiamento. Nos tempos das secretárias dos técnicos da Direcção-Geral de Turismo já não cabe a papelada que amiúde chega.

Entretanto, o Fundo de Turismo já despendeu cerca de 200 mil contos neste projecto, concedendo financiamento às casas que correspondem ao critério estabelecido, já que nem todas cabem neste modelo de turismo. Fora de causa estão as casas que se situam nos grandes aglomerados urbanos ou em zonas dotadas de instalações hoteleiras em número bastante para a sua dimensão; as de difícil acesso e ainda as que para serem recuperadas exigem avultados investimentos.

Quanto ao pagamento do empréstimo feito aos proprietários das casas, funciona com juros que vão de 12 a 22 por cento. Depende da quantia emprestada, montante reembolsável em dez anos, período esse em que o proprietário da casa

Continua na pág. 7



Solar da «Sempre Noiva», entre Évora e Arraiolos



Solar de Bertandos, entre Viana do Castelo e Ponte de Lima

AFRICA DO SUL

A longa espera da



Com residência fixa, isolada dos seus, Winnie Mandela, a «mulher do chefe», espera. O marido, condenado em 1954 a prisão perpétua. O fim do «apartheid» mesmo através da violência.

O futuro? Vejo-o vermelho, vermelho-da cor do sangue...» O tempo de um relâmpago nos olhos de azeviche, e «Mama Africa», como lhe chamam as crianças descalças, volta a ser a senhora Mandela — «a mulher do chefe» — para os deserdados do «poder pálido». Nem sempre é simples ser-se casada com uma legenda. Nelson Mandela está há vinte e dois anos numa masmorra, e, segundo ela, tudo o que pode fazer pelo seu povo «é manter-se vivo, igual a si próprio, o tempo que lhe for possível». Winnie Nomzamo Mandela encarrega-se do resto.

Ela mostrou a capacidade e a força de ânimo necessárias. Quando em 1958 casou com aquele que se tornaria o herói das massas negras, a encarnação de Satã para a minoria branca no poder, tinha vinte e quatro anos, uma profissão de assistente social e — já — uma causa: derrubar o «apartheid». Era uma

jovem de boas famílias, requintada e instruída.

Preso pela terceira vez na sua vida, em 1956, com mais cento e cinquenta e cinco dirigentes anti-«apartheid», condenado por alta traição, Nelson foi posto em liberdade sob caução na altura do casamento. Advogado, prepara ele próprio, activamente, a sua defesa, viaja muito no interior do «país negro» e passa as noites a reestruturar o Congresso Nacional Africano (A.N.C.). O «processo — maratona», que entrou com este nome na história sul-africana, prolongar-se-á até Março de 1961, data em que todos os acusados serão absolvidos por falta de provas.

Livres mas vigiados, sempre perseguidos. Um ano antes, durante os motins de Shapeville, a polícia atirou sobre a multidão. Seßenta e oito pessoas foram mortas e duzentas e dezoito feridas. A A.A.N.C. não tem nada a ver com a organização da manifestação — atribuída ao Congresso Pan-Africano —, mas ele é em todo o caso considerado ilegal. No dia que se se-

guiu ao da sua absolvição, Nelson Mandela desaparece na clandestinidade. É visto na Europa, na Argélia, na Zâmbia, em toda a África, mas nunca mais na sua casa do Soweto.

Preso em Agosto de 1962 durante uma tentativa de regresso clandestino, é condenado a prisão perpétua «mais cinco anos», em 1964. Depois disso Winnie só o vê meia-hora por mês, para além de um hígafone e na presença de um guarda. «Nunca tivemos vida de família, diz ela, mas felizmente houve tempo para me fazer dois filhos». Fala dele na terceira pessoa: «Ele é o meu guia, o meu director de consciência, a minha vida». Acerca de si própria, as confidências têm que lhe ser arrancadas.

«Para me roubarem a alma tentaram todos os processos, mesmo os mais vis». O fracasso é, apesar de tudo, patente. O poder branco não conseguiu quebrá-la. Aquela a quem a imprensa anglófona liberal atribuiu o título pouco invejável de «A pessoa mais perseguida da África do Sul» é hoje mais bravia do que nunca. Ela resistiu a todos os tormentos, e a sua busca de liberdade adquiriu um aspecto furioso.

Em vinte e dois anos Winnie só conheceu nove meses de liberdade quase total. A sua primeira ordem de «banimento»

foi-lhe entregue em 1961. Medida administrativa tomada pelo ministro da polícia para com pessoas que nada fizeram de legalmente repreensível mas que, ao que se presume, podem utilizar mal a sua liberdade. O banimento está muito próximo de uma severa residência vigiada.

Há por vezes variantes, mas, de um modo geral, a pessoa não pode afastar-se de casa sem autorização especial. Winnie também teve que se bater durante vários meses para ter o direito de assistir ao processo final do marido. O banido não pode falar a mais de uma pessoa de cada vez, não pode ser citado pela imprensa. O cinema, o teatro, as reuniões políticas, culturais ou desportivas são-lhe interditas.

Proibição de trabalhar

A Winnie Mandela acrescentou a polícia uma nova cláusula especial: proibição de trabalhar em qualquer instituição educativa ou assimilada — o que fez que perdesse o emprego de assistente social de crianças e o que depois aceitou no colégio por correspondência de Johannesburg. Em 1969, sempre banida, aquela a que chamam no Soweto a «passionária dos bidonvilles» é presa pela terrível Special Branch. Motivo? Nunca se soube.

Ficará entre as suas mãos de zassete longos meses, dos quais ainda hoje prefere não falar muito. Libertada sem nunca ter sido ouvida pela Justiça, Winnie recebe a sua terceira ordem de banimento, pelo espaço de cinco anos, duas semanas depois de ter sido posta em liberdade. Em 1974, acusada de ter infringido os termos da medida de excepção tomada contra ela, é de novo presa. Passou seis meses na cadeia. Em vinte anos, a justiça, que não tem nada a ver com banimentos, mas deve, em todo o caso, ver se eles são respeitados, tentará, por oito vezes, encontrar motivos para prender a recalcitrante senhora.

Em Outubro de 1975, Winnie é, pela primeira vez, livre. Mas a cólera nasce lentamente nos liceus do Soweto. Oito meses mais tarde é a explosão, começaram os motins de 1976. Winnie é então dirigente da Associação de Pais do Soweto. Não durante muito tempo. Durante os motins que duraram quatro meses e fizeram quinhentos e setenta e cinco mortos, cai de novo nas garras da Special Branch.

Depois de cinco meses de prisão sem processo e sem visitas, recebe uma nova ordem de residência fixa. Julgam-na destruída, abatida, definitivamente domada. Quem resistiria a um tal tratamento? É vigiada, espiada, ameaçada vinte e quatro horas por dia. Mas a polícia é formal. «Ela ainda mexe...»

Exilam-na então para uns quinhentos quilómetros do «ghetto»-símbolo, no coração do estado dito «livre» de Orange. «O reino dos Boers», diz ela. Aqui é a Idade Média,

a França antes da Revolução. Aqui os negros devem dizer Senhor aos seus patrões brancos. De início os proprietários do lugar estavam dispostos a lapidá-la ao menor esboço de movimento. E depois habituaram-se à sua presença incómoda.

«É uma mulher instruída, limpa e educada», diz um deles. «Não tem nada de comum com os cafres que por aí há». Os comensales boers de Brandford só têm, aparentemente, ideias falsas sobre essa silhueta resplandecente com o sua eterna boina preta. «Isto tranquiliza-os», diz Winnie. Mesmo as suas provocações quotidianas são quase toleráveis. As pessoas habituaram-se a vê-la sistematicamente entrar nas lojas pela porta «reservada aos Brancos».

Os negros vêem-na actuar com um misto de alegria e de orgulho. «Quiseram fazer-me mal enterrando-me aqui, explica Winnie. E é verdade que sofro por estar longe do meu conforto afectivo, mas fiz aqui novos amigos. Os imbecis! Não pensaram nisso. Estou bem em toda a parte em que estou com o meu povo.»

Na verdade, Brandford, burgo adormecido, que ficou no século XIX, não tardou a conhecer as suas primeiras greves. Na comunidade negra, dominada, começaram a erguer-se punhos fechados. A pequena casa que foi atribuída a Winnie na «township» dos Africanos, à saída da cidade, tornou-se o quartel-general da contestação. Crianças esfarrapadas mas bem alimentadas povoam a pequena cozinha.

«Adoptei-os mais ou menos, diz ela. Sabe, neste país a caridade ainda é o que se parece mais com a justiça...» A «township» de Brandford tem o aspecto de todos os «ghettos» rurais onde o poder arrecada a mão-de-obra que lhe é necessária. Sabe-se que ele está perto quando o asfalto desaparece debaixo das rodas e quando o veículo é sacudido num caminho poeirento e agitado.

À entrada, tinha que ser, uma esquadra. O Branco que atravessa a linha de demarcação — «a que separa o passado do futuro», comenta Winnie — sem ter pedido previamente um «ausweiss» é logo apanhado e conduzido, manu militari, à esquadra. Pudemos fazer a experiência. O próprio «ghetto» é dividido em duas partes bem distintas: Old Township e New Township. São raras as cidades reservadas aos Negros que tem um autêntico nome. Por exemplo, Soweto é a abreviação de South West Township...

Em Brandford, o velho bairro é um universo de terra batida, de velhos zínco enferrujados, de cabanas onde se acumulam dez ou doze pessoas. São todos trabalhadores agrícolas, «os escravos», diz Winnie. Por todo o lado terrenos vagos cobertos de detritos e de carcaças enferrujadas, por entre as quais erram, sem esperança, cães doentes e algumas vacas peladas. Ao vol-

tar de uma esquina descobre-se de súbito, a «nova» Township.

Ideias de vingança

Ali há renques de pequenos cubos de betão com telhados de zinco. Winnie Mandela habita o cubo 802, «a minha prisão» diz ela quando entramos. Uma sala de estar muito pequena, um quarto cheio de camas e uma cozinha com um fogão a carvão pré-histórico e cheia de fumo. A «prisão» é construída como todas as outras sem electricidade «porque isso custaria demasiado caro», explicam as autoridades municipais brancas.

Winnie Mandela tem, no entanto, ela própria o confessa, alguns privilégios. «Este tele-

Patrice Clau



“mulher do chefe”

...sor de pilhas foi-me ofere-
do pela embaixada da Áus-
ria. Este frigorífico, que
inciona a parafina, foi-me
ado pelos Americanos, e o
ira-discos a pilhas vem dos
alemães». Nada dos france-
ses? Franze a sobrancelha.
Nunca nenhum diplo-
ma francês me visitou. Não
ei porquê. Quando Mitter-
and foi eleito, nós, os Negros,
cámos à espera Ele tinha dito
pisas tão justas durante a
ampanha! E depois, nada,
nenhuma mudança profunda
de atitude. Os franceses pen-
sam primeiro nos seus pro-
blemas, não é verdade? Que
erro! Eles deviam saber, no
instanto, que um dia será con-
osco que têm que tratar.
Ihégava a altura pedir-lhes-

-emos contas...

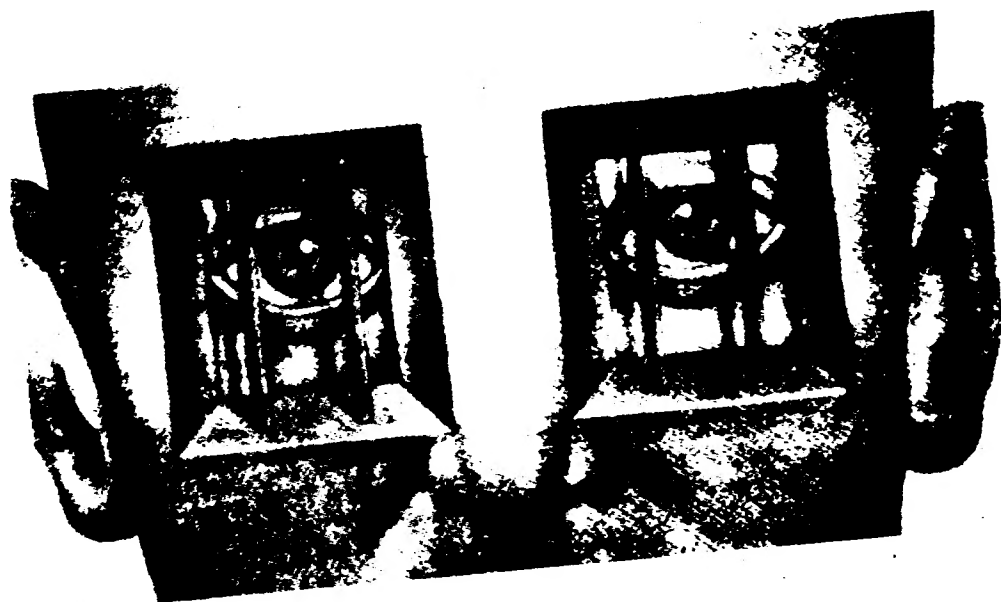
A «mulher do chefe» não
tem dúvidas acerca disto. Para
ela, e sem dúvida para a maioria
dos NEgros, o verdadeiro chefe
do Estado sul-africano está
preso e chama-se Nelson Man-
dela. «Os Negros, diz ela, esta-
rão no poder antes da minha
morte, tenho a certeza disso».

O regime do apartheid, esse
«será destruído porque não é
susceptível de reforma». Pela
violência? um ar de desafio e de
cólera no seu rosto. «Todos os
anos assassinam centenas de fi-
lhos nossos. Tratam-nos como
se fossemos sub-humanos. Não
se pode esperar de nós piedade
(...). Na noite em que enforca-
ram os nossos três jovens he-
róis, não dormi toda a noite.
Tenho ideias de vingança...

Vingança! Vingança!...» Do-
mina-se, a tempestade passou.
«Perdão, estou desolada. Mas
há demasiado tempo que isto
dura. Os Boers só conhecem e
só respeitam a violência. Nós
não podemos recuar».

A nação boer será colectiva-
mente responsável pela situação
dos africanos? «Alguns jovens
tentam rebelar-se e aproxi-
mar-se de nós. Mas depressa
são recuperados. Os velhos, as
suas Igrejas e a propaganda
de Estado que fez de todos nós
macacos, são em conjunto, de
uma terrível eficácia. Não, já
não temos nada a esperar de-
les. Os Boers são os sobrevi-
ventes de outra época, de
outro mundo...»

(LE MONDE)



Querida Televisão com subentendidos e alguns paradoxos úteis

Continuação da pág. 3

geu outros profissionais da Comu-
nicação Social, nomeadamente da
RDP, não alcançou na RTP, ne-
nhuma correspondência.

A solidariedade moral de muitos
deputados, do CDS à UDP, que em
depoimento e abaixo-assinados re-
coherceram a razão que assistia aos
despedidos não obteve por parte da
administração da RTP nenhuma
equivalência. A idêntica e conver-
gente boa-vontade de um secretário
de Estado da Comunicação Social,
em fase de digestão difícil dos ele-
fantes vivos do nosso fabulário re-
cente, não produziu na R.T.P. ne-
nhuma reacção.

A disponibilidade negocial dos
próprios despedidos, que, muito
antes da sentença os contemplar
todos os seus direitos, aceitavam o
reingresso na empresa e «esque-
ciam» as remunerações vencidas até
essa data, também caiu no cesto
roto, para onde o presidente da RTP
de então, o dr. Proença de Carvalho,
deitava todos os papéis e projectos
da sua particular embriagação.

Perdas e danos ou perdas e ganhos?

Enfim. Perdeu-se muito tempo.
Dessa matéria fluida, que se mede
por meses, por anos de mortificação
e desencanto, não há mais para ga-
nhar. O tempo e as oportunidades
perdidas pelas sucessivas adminis-
trações da RTP deviam acelerar os
brios do actual Conselho de Gerên-
cia a uma decisão rápida e honesta.
Citada como ré, a RTP, entidade
patronal, que, num período turbu-
lento de confrontações e vindictas,
acedeu a pressões externas à sua
jurisdição, para se desembaraçar de
uns tantos profissionais, imolados
assim, em sacrifício esconjuratório
às dominantes políticas da época, é
chamada às suas responsabilidades.
Vai, pois, a RTP responder agora
por pusilanimidades e erros cometi-
dos pela RTP de anos atrás.

Tal como os despedidos/Reinte-
grados, ao longo destes anos, não
mudaram de nome, também a RTP,
que se saiba, não mudou de sigla. A
entidade é a mesma, embora os seus
principais representantes sejam ou-
tros. Quando se assume uma gestão,
arca-se também com o passivo.

No caso vertente, qualquer ob-
servador imparcial considerará a
sentença do Tribunal do Trabalho,
que obriga a entidade patronal à
reintegração dos 22 profissionais
que despediu, como bastante bené-
vola para a RTP e até proveitosa.
Uma empresa carecida de quadros,
como a fragilidade da programação
bem indicia, vê-se do pé para a mão
contemplada com 22 trabalhadores,
alguns com muitos anos de carreira
ao serviço da Televisão, outros com
«curriculum» em áreas afins, que
não será desperdiçável.

Estuante de valores estaria a RTP
que ousasse desdenhar a qualificada
contribuição de personalidades
como a de Manuel Ferreira, escritor
e investigador, uma das principais
autoridades, internacionalmente re-
conhecida, no domínio das Literatu-
ras Africanas, respeitado nome da
nossa cultura, que os seus pares nas
Letras elegeram para presidente da
Associação que os representa. Ou
será que o realizador Artur Ramos
merece igualmente ficar de fora do
painel de realizadores da RTP? Os
filmes que produziu, as peças que
encenou, os trabalhos que realizou
para a Televisão (lembrem-se da
série «Retalhos da Vida de um Mé-
dico?») não alcançam a tabela de
valores que a actual administração
da RTP em alguma das suas múlti-
plas gavetas guardará?

E o crítico e estudioso Mário
Vieira de Carvalho, actualmente a
doutorar-se em Berlim em Ciências
Musicológicas, com uma tese sobre
a história do nosso Teatro S. Carlos,
será idênticamente desmerecível? E
o «curriculum» musical do maestro
Álvaro Salazar também não virá
para o caso? E a probidade profis-
sional do realizador Manuel Ruas,
um dos nossos únicos autores de
obras sobre tecnologia cinemato-
gráfica, tão-pouco dirá alguma
coisa à RTP?

E a experiência do eng. Pimenta
Rodrigues, professor de muitos
técnicos da actual RTP, será de es-
quecer? E a criatividade do pintor e
cenógrafo João Moniz Pereira pode
estar exposta no Museu da Gulben-
kian, mas não tem lugar na RTP? E a
capacidade de muitos outros técni-
cos, produtores, jornalistas, sono-
plastas, e a expectativa de vida de

trabalhadores que deram muitos
anos de dedicação a uma empresa,
donde esperavam colher a estabili-
dade para os tempos de velhice,
nada disto conta?

Um crédito de boa-fé

Confesso que a crispção de tanta
pergunta lançada, sem alvo certo, à
beira de precipícios que presumo
insondáveis, porque é da natureza
dos precipícios e desfiladeiros não
se darem a conhecer até onde che-
gam, confesso que a indignação
pela gesticulação e assomo nas pa-
lavras calham pouco com o meu
modo.

Mas sou parte interessada, já se
vê. Um entre vinte e dois. Tão
ofendido quanto todos por este
exasperante caso de levandade de
poderes, de abuso de autoridade.
Mantive sobre ele, no decorrer do
processo judicial agora culminado,
o silêncio de quem serenamente
aguarda, porque não teme o que
espera.

Quebro o silêncio que me impus e
exponho-me emotivamente, como
se viu. Nenhum de nós pretende
obter dividendos políticos ou equi-
parados de uma situação que dou
demais para dela sacar juros, quais-
quer que eles sejam. Oito anos na
lista negra de uma empresa como a
RTP, oito anos de ostracismo, de
carreiras canceladas, de desaprovei-
tamento, de contensão, de mágoas
secretas, nenhuma indemnização
compensará.

Apagar, com alguma magnani-
midade para quem nos vitimou, as
pegadas desses anos de espera é,
posso crer, a expressão unânime da
nossa vontade e boa-fé. Não alimen-
tamos rancores. Não há que regar
urtigas.

Contemplando os destroços de
toda esta história ruinosa, e nós no
meio dela, esperando a sentença do
Tribunal que nos fez justiça, av-
liando o bom-senso de quem, auto
como nós, saberá corresponder ao
apelo do tempo, o grande contem-
porizador, contemplando, pesando,
avaliando isto tudo, muito sincera-
mente recuso-me a admitir que, em
tão boa altura para virar a página, se
vá fazer tábua rasa de um historial,
de uma sentença, de uma consen-
sualidade possível e voltar ao prin-
cípio. Não, não acredito.



Ideias

Desmontagens do quotidiano

Ana Fernandes

Luís Baptista



1.



2.



3.



4.



5.

P

OR detrás de qualquer diálogo existe sempre um conjunto de valores, de normas, de princípios, de regras socialmente produzidas e diferentemente adquiridas que determinam práticas e fundamentam opiniões. Desmontar o quotidiano, é neste sentido, procurar nas entrelinhas do discurso, dos diálogos travados no dia-a-dia, a sua lógica regente, sustentadora: o que prende o discurso, necessariamente, à teia de relações sociais que o condicionam...

Consideremos a seguinte situação: local, um autocarro; dialogantes, duas mulheres de cerca de 60 anos, de origem rural, mas residentes em Lisboa «há muito tempo»; a sua ocupação: mulheres-a-dias.

O seu discurso, a que aqui nos vamos reportar, embora recolhido no quadro da referência descrito, não é exclusivamente reconhecível em pessoas com estas características. Antes é extensível, parcial ou totalmente, a outros indivíduos e grupos «explicam» a realidade circundante. O tema central da conversa é, como veremos, a situação dos jovens face ao trabalho e à escola, considerados — um e outra — como «condições» opostas e descritas em distintos momentos: um «antes» e um «agora».

Hoje há muita falta de respeito pelos pais!... Os filhos estudam, mais tempo têm para a malandragem! Antigamente era diferente — veja-se por nós! — começava-se a trabalhar cedo, dava-se valor à vida e ao trabalho. Havia muito mais respeito pelos pais!

É a força de dualidades que se interpreta a realidade. De imediato se identifica o estudo com a vadiagem, o trabalho com o respeito. Desta forma, *estudo* e *respeito* aparecem como incompatíveis. Tudo se joga em esquemas de impossibilidades impostos por um «antes» e um «depois» sem continuidades estruturais.

Trabalho, sacrifício, respeito são valores que se encontram no *antes*, no pólo positivo. Eles são, aliás, valores de uma sociedade tradicional que o salazarismo abertamente empolou em função de objetivos específicos de um sistema político necessitado de condições especiais de dominação para subsistir. Opõem-se-lhes o *estudo* (ou o não-trabalho), a *vida fácil* e a *malandragem*, próprias da juventude de «hoje» e que, como valores negativos que são, se conjugam por oposição aos outros de «antes», positivos.

Agora? Não trabalham até casar... Os pais é que os sustentam! Só estudam!... É diferente, agora tudo estuda... Dantes não, só os ricos! A viver assim sem fazerem nada, até perdem o respeito pelos pais... E pelos mais velhos!

A verdade é que, numa sociedade em constante mudança, em que os privilégios de alguns se foram alargando e camadas cada vez mais vastas, persiste ainda uma ideologia que pressupõe a sociedade imutável, «naturalmente» fundada nos valores da hierarquia, da disciplina e da obediência. A escola, o estudo como negações do trabalho, são encarados como valores adversos, surgindo como causas de todos os males, incluindo «a falta de respeito pelos mais velhos»...

O trabalho, nesta perspectiva, significa sacrifício, sendo a imutabilidade condição da perfeição humana resignada à situação social predestinada. «As coisas são mesmo assim», não há que as pôr em causa. Os conformados suspiros de «Ai, Jesus» que polvilham o nosso quotidiano, não estarão relacionados com a realidade sociopolítica do país, com a herança da política educativa do salazarismo, que promoveu a perpetuação de privilégios «naturalizados» pela via dos costumes?

Descontenta, por isso, as nossas dialogantes, o actual fenómeno educativo, tão estranho à sua vivência. E, então, hoje, perante o alargamento da escolaridade, «da malandragem», já não terão, irremediavelmente, os jovens qualquer respeito, nas suas futuras vidas? Isso dar-se-á, segundo compreendemos, com o início do trabalho actividade essa coincidente com o casamento, acto de redenção das práticas ante-

riores e ligado ao sustento e, de novo, à ideia de respeito. Assim, o casamento é ainda encarado como um meio de atingir a plena maturidade e embora não haja referências ao papel do homem e da mulher, tudo leva a crer, pelo conhecimento de situações semelhantes, que o tipo de relação de dependência da mulher face ao homem se manteria, tanto mais que o respeito referido tem a ver com a sociedade tradicional onde por norma os papéis distribuídos sexualmente estão bem determinados. Embora na perspectiva das dialogantes, tanto homens como mulheres, estejam, hoje, embebidos desta «incompreensível» mentalidade, o facto é que elas referem as suas relações com os jovens baseando-as no esquema de relações por elas praticado. De exemplos mencionados no diálogo sempre se distinguia o privilégio dado ao homem como interlocutor do casal.

Mas ainda outros aspectos resultam do diálogo: «... Ah, na província sim, ainda há respeito... hoje menos... mas ainda há!»

Ainda aqui se reforça a ideia de oposições agora baseadas na dicotomia cidade/campo. A «Província» já não é o paradigma dos «bons» valores, o que possivelmente se terá unido a perder pelas novas condições sociais e possibilidades existentes nos nossos dias, mas mantendo-se ainda a alguma distância da «perdição urbana». A valorização de elementos tradicionais de novo se destaca. A vida no campo, multiplicada no salazarismo, persiste neste tipo de mentalidade, identificando-se com honra, felicidade, trabalho, respeito...

Sintetizemos esquematicamente o nosso raciocínio acerca das dualidades em jogo. Todos estes valores, por oposições, se conjugam de forma a constituírem um complexo de relações sustentadoras do discurso agora apresentado:

Trabalho/Estudo

Sacrifício

Facilidade

Respeito

Malandragem

Cidade/Campo

No entanto, não pretendemos apresentar este esquema de dualidades como mecânico. Existe a consciência de mudança a qual parte do trabalho, logo do sacrifício dos pais e que permite as facilidades por estes dadas aos filhos e que são manifestas na preocupação de os «pôr a estudar».

Gostaríamos, para finalizar, de levantar algumas questões na sequência das partes antes referidas e que esperamos permitir a continuidade na reflexão que se pretende avançar a partir deste texto.

1 — Qual o significado da cidade e do papel do cidadão num país em que a grande maioria dos habitantes das cidades são rurais desenraizados? Qual a importância da urbanidade, enquanto miragem de vida melhor e onde normas e valores confluem com as necessidades e as práticas urbanas, sem que os seus habitantes, em grande medida de origem rural, se possam reduzir nas ligações à sociedade tradicional ou inserir, na globalidade, nas preocupações de cidadania?

2 — Neste sentido, como são vistos os valores da cidade, identificados com a ideia de «decadência» de hábitos e costumes? Será que para muitos, os valores tradicionais significam uma «Idade de Ouro» definitivamente perdida, mas ainda desejada por se tratar duma sólida referência perante, um inovado e desconhecido futuro?

3 — Como se articulam na nossa sociedade as diferentes formas de consciência de mudança? Haverá consciência das progressivas e disputadas evoluções que marcam num contínuo processo a conflituosa, História da Humanidade de que são exemplo a conquista de melhores condições de vida e a escolaridade? Ou surge ela espalhada em dois mundos que se opõem e dualizam no «antes» e no «depois»?

NOTA:

As referências ao salazarismo neste texto baseiam-se no conhecimento possibilitado acerca da época, pela obra de M. Filomena Mónica, «Educação e Sociedade no Portugal de Salazar», Lisboa, Ed. Presença/G.I.S., 1978.

O «preço» da civilização

O homem dispõe de cerca de 5 milhões de quilómetros cúbicos de água doce. Tal quantidade poderia parecer à primeira vista mais que suficiente para bastar às suas necessidades. Contudo, não é assim. O desperdício da água, bem como a poluição do ambiente ligada à revolução científico-técnica, atingiu actualmente um tal ponto crítico que a natureza já não pode eliminar por si os resíduos industriais de que se encontra intoxicada. Os dados seguintes ilustram bem a dimensão deste problema:

Segundo o jornal japonês «Asahi», a indústria do Japão liberta anualmente para a atmosfera e cursos de água do país algo como 700 mil toneladas de resíduos da produção. O facto está na origem do aparecimento de uma nova e grave doença baptizada «itai-itai», provocada pelo consumo de peixe envenenado por cádmio.

NÃO há muito tempo também, os jornais americanos assinalaram a existência de um rio de tal modo poluído

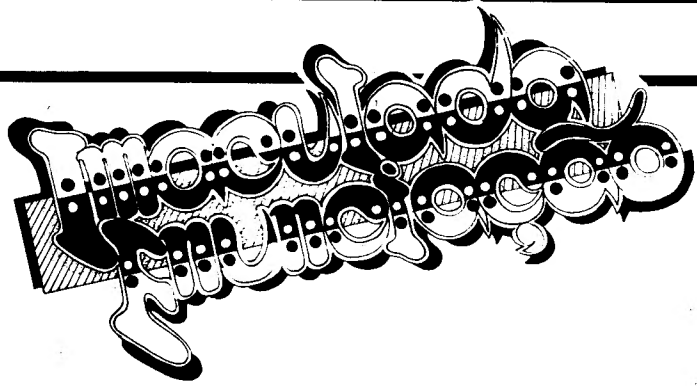
que ardeu quando alguém atirou distraidamente uma ponta de cigarro lá para dentro.

Mais de cem lagos na Suécia estão inscritos no «livro negro» devido à sua poluição por resíduos de mercúrio; o peixe que aínda lá vive está coberto de sinistras manchas negras.

O jornal holandês «The Telegraph» publicou uma fotografia cujo negativo tinha sido revelado na água do curso inferior do Reno, tal é o seu teor em produtos químicos evacuados por fábricas alemãs, francesas e holandesas.

O oceano mundial, eterno agente sanitário da natureza, está doente. Nele são anualmente evacuadas 6 milhões de toneladas de fósforo, 2 milhões de toneladas de chumbo, e uma quantidade de ferro suficiente para fabricar metade da produção mundial de aço!

Sociedade



Luís Andrade de Sá

Como dormem os golfinhos?

Um estudo efectuado por cientistas soviéticos sobre a fisiologia do sistema nervoso dos animais marinhos permitiu descobrir o mecanismo do sono dos golfinhos.

O problema atraía a atenção dos investigadores há muito tempo. O facto é que todos os animais superiores (pássaros, mamíferos) dormem obrigatoriamente uma parte do dia. Nos estádios de sono mais profundos, relaxam-se completamente e perdem a mobilidade.

Isso não acontece, porém, com os golfinhos, para quem a perda da mobilidade pode ter consequências muito nefastas — deixariam de poder emergir para tomar ar e afogar-se-iam. Por esta razão, mesmo dormindo, os golfinhos conservam sempre um mínimo de mobilidade para poderem respirar. Como e quando dormem eles então?

Quando se acorda ou se adormece, produzem-se imediatamente alterações nos dois hemisférios cerebrais que controlam o funcionamento das duas metades simétricas do nosso corpo, de modo que eles começam a funcionar ou a «dormir» simultaneamente. Esta é a característica do homem e de todos os animais sobre os quais se estudou o processo do sono.

O estudo efectuado pelos cientistas revelou contudo que não é isto que se passa com os golfinhos, porque os seus hemisférios cerebrais adormecem um de cada vez. Assim, quando um «dorme», o outro encontra-se em estado activo e vice-versa. O hemisfério acordado comanda o corpo do golfinho, de modo a que este possa respirar normalmente e assim não se afogue enquanto dorme.

A água também arde

Numa fábula antiga, um melharuco gaba-se de poder incendiar o mar, mas é derrotado. Claro que é irracional incendiar o mar e a fábula deixa-o transparecer. Mas, fazê-lo com águas residuais é muito útil, pelo menos na opinião de investigadores moscovitas do ramo. Estes cientistas inventaram um método simples de depurar a água: junta-se-lhe um produto espumoso (por exemplo, sabão), injecta-se na espuma um gás combustível e incendeia-se. Todos os produtos nocivos ardem com a espuma e a água fica limpa.

Uma reserva «no fim do Mundo»

A reserva estatal de Taimyr, no Extremo Norte da Sibéria Oriental, «a dois passos» do Pólo Norte, é considerada pelos especialistas como um padrão das regiões subárticas. Em nenhuma outra parte as florestas crescem tão ao norte e os lagos e rios são tão puros e transparentes.

Animais e pássaros raros conservaram-se nesta região. Habitam aqui milhares de raposas brancas, assim como o adém (espécie de pato) de garganta vermelha e o pato bravo, raros em regiões boreais. No limite da tundra e das montanhas vivem os argalis de neve (espécie de carneiro montês). Os cientistas conseguiram também fazer reproduzir os bois almiscarados do Canadá, que em tempos pré-históricos viveram aqui.

A tundra estende-se da península de Kola a Tchukotka, numa faixa larga que em alguns sítios chega a atingir os 600 Km. Apesar da opinião criada, a tundra não é um «reino morto». Com efeito, a maior população de renas selvagens encontra-se no Taimyr, que produz também bagas e peixe.

A tundra fornece igualmente grande quantidade de oxigénio. Os ventos árticos, dirigindo-se para sul, trazem com o frio o ar puro tão necessário ao homem.

A natureza desta zona climática não é, portanto, tão pobre como se poderia pensar. Mas o «assalto da civilização» coloca problemas. Trata-se do desenvolvimento da indústria, principalmente de extração e o sequente levantamento de cidades e aglomerados populacionais.

A memória dos solares

Continuação da pág. 2

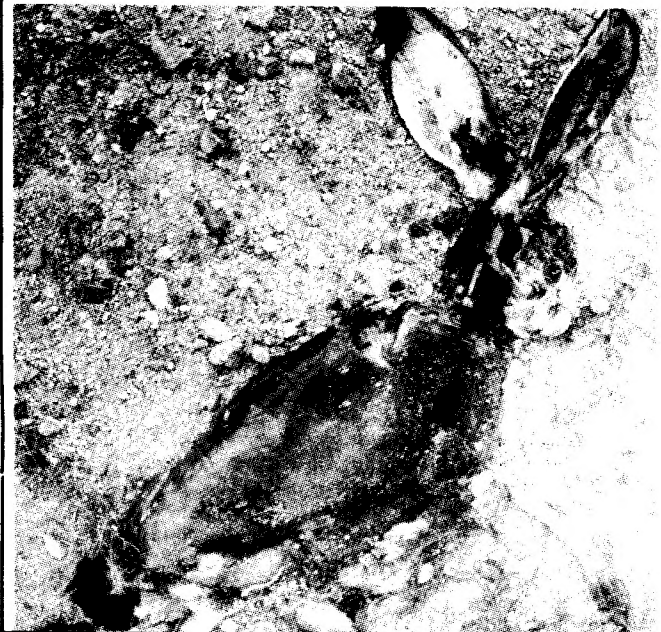
não se pode furtar à exploração turística.

Este movimento reflecte o influxo económico de certas famílias — uma certa classe — e o seu esforço de apanhar o comboio da mudança. Possuem terras («a parte agrícola não dá») e magníficas casas que correm de geração para geração. Dinheiro não têm. «O dinheiro está nas mãos dos comerciantes, industriais e de alguns emigrantes que se estabeleceram.» Eis o comentário de Maria do Céu, funcionária do Turismo de Ponte de Lima, jovem que leva a profissão a peito, entregando-se a ela com um entusiasmo inacreditável.

Ao princípio, foram os turistas estrangeiros a procurar alojamento nas habitações ao serviço do turismo. Vinham e maravilhavam-se com a situação que viviam. Em solares fabulosos, na sua vetusta austeridade com salões recheados de peças ricas e admiráveis bibliotecas. A pouco e pouco aparecem portugueses atraídos pela beleza

das zonas e pela própria vivência a que se candidatavam. «Conversamos com as pessoas mas tentamos primeiro perceber o que é que elas pretendem: se a independência total ou entrar um pouco na nossa vida...»

O projecto avança, pois, com êxito, vencidos os orgulhos e as relutâncias. Convencidos de que só com o nome não se governam estas velhas famílias envolvem-se nestes programas turísticos, não obstante o conservadorismo colado quase à pele, com uma certa fidalguia — e fidalguia no bom sentido. «Até há pouco tempo interessava mais o passado do que uma vida financeiramente segura. Nós, os minhotos, sempre fomos miguelistas e por isso nos retraímos perante... Rejeitamos Lisboa, sentimos nela um inimigo porque venceu um rei que não era o nosso.» Diz a anfitriã da Casa do Outeiro. O seu rei, os seus reis foram vencidos. Há que aceitar isso.



paisagem.

Na delimitação do terreno e virtuosos são os sedutores que preferem cativar pelos caminhos mais difíceis, está em grande parte a vitória do caçador, como o fez o último replicante de «Blade Runner» ao decidir apanhar Decker no topo do edifício. Deste modo, toda a movimentação anterior à captura final teve como objectivo o cimo do prédio, alegoria da estratégia do Poder, que bem poderia ser o cume do monte onde o Diabo costuma prometer o Eldorado, o cimo da ravina que liquidou Custer ou a morte lá em cima, entre as grades que levou Bader desta para melhor.

É no cimo que está o Poder e

fora dele a caçada reduz-se a um bricolage ingénuo cujo único interesse reside em saber até que ponto a atracção da presa pelo caçador é conseguida. Ou, melhor dizendo, como atingir a amálgama de amor, ódio, respeito, medo e admiração, expressa, por exemplo, em líderes da FNL argelina que, em plena guerra, usavam as boinas verdes das tropas especiais francesas, conhecidas pela ferocidade que punham nos combates. Eis a sedução.

Como enfrentar o caçador, como saber «o que me faz sentir eu caçador de mim», se na grande guerra de olhares que vai por essa cidade fora coexistem o desejo milleriano de apanhar uma boa dose de gonorreia e o pudor de levar por diante o que os olhos insinuam?

Há quem enfrente o algoz indo directamente ao seu covil, porque se as coisas têm que ser feitas não adianta estar com rodeios e, assim embrenhando-se na geografia do Intendente e da Defensores de Chaves, do Campo Santana e da estação da Cruz Quebrada, para só falar nos grandes aglomerados, exorciza-se o que impede o bom funcionamento da máquina desajante.

A troca de alguma coisa, embora, e que já não vai sendo nada pouco, mas o corpo paga-se bem, as camisas Lacoste assim o atestam e o desejo tem que ser cumprido.

Por outras palavras, por uma milena, fora das horas e dos dias de ponta, no final do mês e mais perto das quatro da manhã que da meia-noite, aquire-se, nem sempre a dose de gonorreia, o significado de pensão, bidé, toalha, despacha-te, enfim, passa-se dos livros à prática, não devendo, no entanto, ser este conhecimento confundido com iniciação. É que a iniciação é inimiga da rapidez.

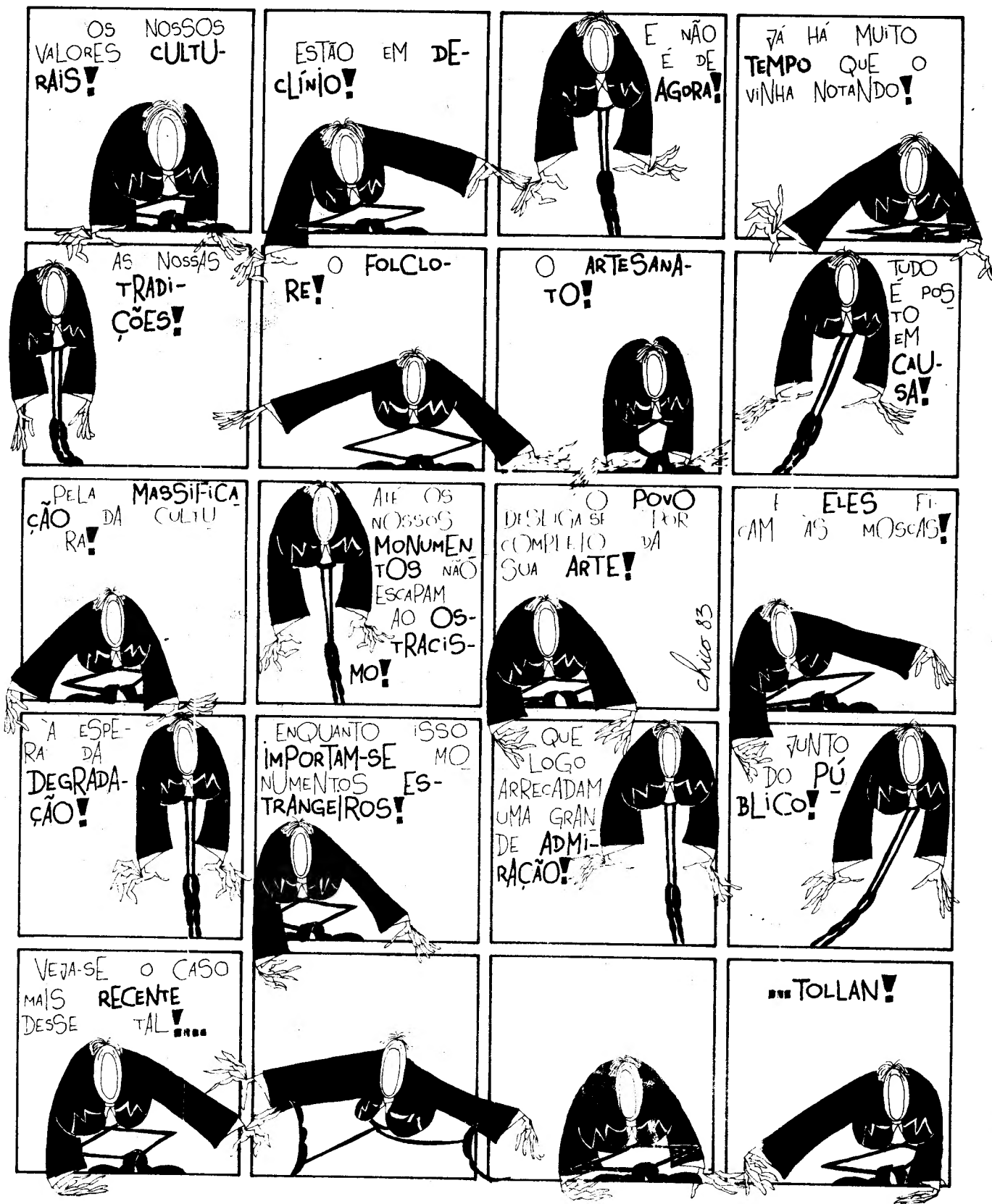
De forma, o pudor que faz evitar os paradesiros da má vida, pode, se for inteligente, delimitar o território da acção individual para os terrenos do imprevisível. Tal é o caso dos cemitérios que, se forem bem trabalhados, passeando-se neles resolvem-se certas lutas interiores, amansando-se a fúria individual, confrontando-a com a quietude dos túmulos, reduzindo-a à dimensão das ervas que trepam pelas lages, afinando-a pelo silêncio sepulcral.

O mal dos nossos cemitérios é que são muito ruidosos e descampados, não proporcionando, como é bom de ver, as condições necessárias à autocaçada. Daí que não existam outros laços que não os da dor que liguem a comunidade ao cemitério, que tornem este atraente, tanto como o é o Cemitério inglês, na Rua de São Jorge, à Estrela, que cumpre o eu destino de jardim, não se desobrigando nunca da sua função de arquivador de cadáveres.

Sete
Ponto
Sete

doces crónicas

Clp



A Associação Portuguesa dos Críticos de Teatro, perante as repetidas alusões do governo à crise económica, pediu ao gabinete que não torne ainda mais grave a situação do Teatro em Portugal.

Em comunicado recentemente divulgado, assinado pelo presidente da assembleia geral, Luís Francisco Rebello, a associação mostra-se apreensiva com as repetidas declarações do governo sobre a necessidade de adopção de medidas de austeridade.

Neste contexto, decidiu «chamar a atenção das entidades responsáveis e particularmente dos Ministérios das Finanças e da Cultura, para que essas medidas não venham a agravar ainda mais a já quase insustentável situação do teatro português, em especial no sector do teatro independente».

Sublinha a necessidade de «que se proceda, com a imprescindível participação dos interessados, a uma urgente e completa reformulação da política de apoio à actividade teatral».

Entretanto, na sua última reunião, a associação decidiu não dar cobertura crítica a qualquer espectáculo montado pelo Grupo «Teatro Ibérico».

A posição foi tomada a propósito do facto de no dia 30 de Junho o crítico Tito Lívio ter sido impedido pela direcção daquele grupo cénico de assistir ao espectáculo «Corda Bamba», do Centro Cultural de Évora, integrado no Quinto Encontro de Teatro para Infância.

decisão manter-se-á enquanto «não for retirada a proibição» e «dada uma explicação satisfatória» — acrescenta o comunicado da Associação de Críticos de Teatro.

Veneza: filme português

Uma produção cinematográfica portuguesa foi ovacionada na abertura do Festival de Veneza, realizada quarta-feira, informou o Instituto Português de Cinema.

Trata-se do filme «Jogo de Mão», de Monique Rutler, cuja apresentação, segundo a mesma fonte, terá levado o júri do festival a erguer-se para o aplaudir.

Em «Jogo de Mão» intervêm, entre outros, os actores Teresa Roby e Júlio César que, no dia da exibição da película, juntamente com a sua realizadora, foram entrevistados pela Radiodifusão italiana.

O argumento das quatro histórias que constituem o filme é assinado por Monique Rutler, Júlio César e o jornalista e poeta Eduardo Guerra Carneiro.

● Aqui há uns tempos, certa imprensa que não falha estas notícias, informava-nos que dois ministros e um secretário de estado tinham ido pescar trutas num rio minhoto. A coisa não tinha nada de especial, podendo, quando muito, contribuir para o enriquecimento da ficha dos ilustres dignatários no «Who's Who» (o que não deixa de ter o seu interesse face às negociações com o Mercado Comum. O único pormenor que chamava a atenção na notícia era o número de trutas apanhadas por cada um deles. Os senhores ministros pescaram seis trutas por cabeça. O senhor secretário pescou três. Era perfeito do ponto de vista da hierarquia administrativa e do cartesianismo político vigente. Nenhum dos ministros deixava o outro em mau lugar e o secretário, por seu turno, mantinha-se num discreto segundo plano. Casualidade? Milagre? Indústria? Inclino-nos a crer que também as trutas deram a sua contribuição, demonstrando, ao invés de muita gente, um profundo sentido da hierarquia e do interesse nacional...

● Nas últimas eleições norte-americanas, um jornal de Barcelona publicou um editorial sobre a necessidade de todos os que vivemos nas províncias do Ocidente termos direito a eleger o presidente dos Estados Unidos. Ao fim e ao cabo tudo o que esse senhor faz afecta a humanidade inteira, sobretudo a metade de gente nascida dentro da coutada ocidental. Subscrevemos inteiramente as pretensões do diário catalão, até porque, em certo sentido, reflectem o clima de «cosa nostra» com que a nossa televisão vive tudo o que diz respeito à política dos EUA.

● Enquanto a direita se dedica a espiar, denunciar ou perseguir os seus adversários — ou os adversários dos seus valores e definições —, a esquerda persegue-se a si própria. Há algo de paranóico nisto. A esquerda observa o comportamento dos seus contemporâneos e correligionários para ver se neles descobre uma brecha de direita. Denuncia ambiguidades, «golpes», acusa comportamentos.

Nada é suficientemente claro para os seus paranóicos vigilantes.

Este velho vício nacional paralisou durante séculos o pensamento livre, a conduta sincera, a evolução das ideias e dos comportamentos.

Formamos uma sociedade de suspicazes: suspeitamos de todos e suspeitamos que suspeitem de nós, e assim perdemos a naturalidade, actuando na vida como os maus actores no teatro. Estamos a pagar isso e vamos continuar a pagá-lo durante muito tempo.